

**BOITEMPO —
ESQUECER PARA
LEMBRAR**

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
BOITEMPO
ESQUECER PARA LEMBRAR

POSFÁCIO

John Gledson

Sumário

REPERTÓRIO URBANO

Pedra natal

Paredão

Censo industrial

Forja

Ferreiro

Império mineiro

O relógio

Sino

Pintura de forro

Os gloriosos

Procissão do encontro

Opa

Cemitério do Cruzeiro

Cemitério do Rosário

Câmara Municipal

Curral do Conselho

Deveres

Proibições

Portão

Terapia ocupacional

Os assassinos

Caçada

Correio

Imprensa

Água-cor

Rancho

O dia surge da água

A rua em mim

Banho

Paisagem descrita em jornal de 1910

O negócio bem sortido

Turcos

Tempo ao sol

Chegar à janela

O andar

Serenata

Sina

Vida vidinha

Primeiro automóvel

A montanha pulverizada

O resto

Conclusão

Ordem

Telegrama

Cortesia

Visita à casa de Tatá

Imperador

Primeiro poeta

Cultura francesa

A Alfredo Duval

Orgulho

Realidade

Hortênsia

Flora mágica noturna

Coqueiro de Batistinha

Ei, bexiga!

O doutor ausente

Primeira eleição

Suum cuique tribuere

Doido

Velhaco

O inglês da mina

Mrs. Cawley

A separação das casas

O melhor dos tempos

Poder do perfume

Tantas fábricas

O original e a cópia

Os charadistas

Os velhos

Arcebispo

São Jorge na penumbra

O bom marido

Morte de noivo

A moça ferrada

Noticiário vivo

Abrãozinho

Aniversário de João Pupini

História trágica

Saber incompleto

Resistência

Estigmas

Oração da tarde

A condenada

Gosto de terra

O visitante inábil

PRIMEIRO COLÉGIO

Fim da casa paterna

Ombro

Mestre

Aula de português

Aula de francês

Aula de alemão

Figuras

Craque

A norma e o domingo

Programa

Ruas

Parque municipal

Apontamentos

Livraria Alves

FRIA FRIBURGO

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Lição de poupança

O doce

Começar bem o dia

A decadência do Ocidente

Estreia literária

O rato sem rabo

Cobrinha

Pavão

A lebre

Marcas de gado na alma

Lorena

A banda guerreira

Orquestra colegial

Artistas adolescentes

Sessão de cinema

Verso proibido

Recusa

Inventor

O som da sineta

Enigma

Somem canivetes
Caxerenguengue
Passeio geral
Postos de honra
Campeonato de pião
Dormitório
Direito de fumar
Punição
Arte fulminada
Sacrifício
Esplendor e declínio da rapadura
Fórmula de saudação
Discursos
Retiro espiritual
O colegial e a cidade
Certificados escolares
Adeus ao colégio

MOCIDADE SOLTA

A casa sem raiz
O pequeno cofre de ferro
Resultado
Engate
Dormir na Floresta
Dois fantasmas
Ninfas
Bar
Hino ao bonde
A hora final
Vigília
Presépio mecânico do Pípiripau
O não dançarino
Doidinhos
A difícil escolha
O grande filme
O lado de fora
Orquestra
Rebelião
O fim das coisas
Parceiro de Bach
O artista
Depravação de gosto
Graça feminina
As letras em jantar

Jornal falado no Salão Vivacqua

A tentação de comprar

Três no café

Encontro

Oposição sistemática

Profissão: enterrado vivo

A visita do rei

O passado presente

Plataforma política

Ode ao Partido Republicano Mineiro

Confeitaria suíça

A paraquedista

As moças da Escola de Aperfeiçoamento

Mulher eleitora

Carnaval e moças

Dificuldades do namoro

Praça da Liberdade sem amor

A ilha

Vitória

Estes crepúsculos

Companheiro

Parabéns

A consciência suja

Dia de flor

Final de história

O senhor diretor

Redator de plantão

Verbo e verba

O príncipe dos poetas

A língua e o fato

Espetáculo

Música protegida

Morto vivendo

Nota da edição

Posfácio

“No céu livre por vezes um desenho”,

JOHN GLEDSON

Leituras recomendadas

Sumários das edições originais

Cronologia

Crédito das imagens

Índice de títulos e primeiros versos

BOITEMPO ESQUECER PARA LEMBRAR

REPERTÓRIO URBANO

PEDRA NATAL

ita	bira
pedra luzente	candeia seca
pedra empinada	sono em decúbito
pedra pontuda	tempo e desgaste
pedra falante	sem confiança
pedra pesante	paina de ferro
por toda a vida	viva vivida
pedra	
mais nada	

PAREDÃO

Uma cidade toda paredão.
Paredão em volta das casas.
Em volta, paredão, das almas.
O paredão dos precipícios.
O paredão familiar.

Ruas feitas de paredão.
O paredão é a própria rua,
onde passar ou não passar
é a mesma forma de prisão.

Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão?

CENSO INDUSTRIAL

Que fabricas tu?

Fabrico chapéu
feito de indaiá.

Que fabricas tu?

Queijo, requeijão.

Que fabricas tu?

Faço pão de queijo.

Que fabricas tu?

Bolo de feijão.

Que fabricas tu?

Geleia da branca
e também da preta.

Que fabricas tu?

Curtidor de couro.

Que fabricas tu?

Fabrico selim,
fabrico silhão
só de sola d'anta.

Que fabricas tu?

Eu faço cabresto,
barbicacho e loro.

Que fabricas tu?

Toco uma olaria.

Que fabricas tu?

Santinho de barro.

Que fabricas tu?

Fabrico melado.

Que fabricas tu?

Eu faço garapa.

Que fabricas tu?

Fabrico restilo.

Que fabricas tu?

Sou da rapadura.

Que fabricas tu?

Fabrico purgante.

Que fabricas tu?

Eu torro café.

Que fabricas tu?

Ferradura e cravo.

Que fabricas tu?

Panela de barro.

Que fabricas tu?

Eu fabrico lenha

furtada no pasto.

Que fabricas tu?

Gaiola de arame.

Que fabricas tu?

Fabrico mundéu.

Que fabricas tu?

Bola envenenada
de matar cachorro.

Que fabricas tu?

Faço pau de fogo.

Que fabricas tu?

Facão e punhal
de sangrar capado.

Que fabricas tu?

Caixão de defunto.

Que fabricas tu?

Fabrico defunto
na dobra do morro.

Que fabricas tu?

Não fabrico. Assisto
às fabricações.

FORJA

E viva o Governo: deu
dinheiro para montar
a forja.

Que faz a forja? Espingardas
e vende para o governo.

Os soldados de espingarda
foram prender criminoso
foram fazer eleição
foram caçar passarinho
foram dar tiros a esmo
e viva o governo e viva
nossa indústria matadeira.

FERREIRO

Filho do ferro e da fagulha
fulgurando na forja formidável
o seu fole afrouxou e sua força
em face do fiscal e da folhinha
de papel.

IMPÉRIO MINEIRO

Vêm da “corte”, vêm “de baixo”
as casimiras mais finas
as sedas mais celestinas
as requintadas botinas
de primeira comunhão
as porcelanas-da-China
os relógios musicais
os espelhos venezianos
os lustres, os castiçais
as banheiras esmaltadas
as delícias enlatadas
os biscoitos coloridos
as esdrúxulas bebidas
de rótulos ilegíveis
chocolates divinais
quadriláteros de doce
cristalizado irisado
vêm revistas e jornais
os rondós parnasianos
as orações magistras
do senador Rui Barbosa
vêm mulheres fulminantes
em reluzentes postais
com vestidos transparentes
muito acima do soalho
e do sonho dos meninos
vêm cometas e vêm mágicas
de berliques e berloques
vêm senhores de bigode
lourenço, fala de estranja,
fazendo chover na serra
o chuvisco de dinheiro
em troca apenas de terra
já farta de dar feijão
vem “de baixo”, vem do Rio
toda a civilização
destinada especialmente
a nossa vila e parentes

e nossa mor importância.
Bem que o Rio é nosso escravo.
Somos senhores do mundo
por via de importação.

O RELÓGIO

Nenhum igual àquele.

A hora no bolso do colete é furtiva,
a hora na parede da sala é calma,
a hora na incidência da luz é silenciosa.

Mas a hora no relógio da Matriz é grave
como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.

Ficar acordado, sem sua batida.

Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,
continua sonhando na surdez.

Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa
varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilonge
do tempo da vida.

Imenso
no pulso
este relógio vai comigo.

SINO

O sino Elias não soa
por qualquer um,
mas, quando soa, reboa
como nenhum.

Com seu nome de profeta,
sua voz de eternidade,
o sino Elias transmite
as grandes falas de Deus
ao povo desta cidade,
as faltas que os outros sinos
nem sonham interpretar.
Coitados, de tão mofinos,
quando soa a voz de Elias,
têm ordem de se calar.

Têm ordem de se calar,
e toda a cidade, muda,
é som profundo no ar,
um som que liga o passado
ao futuro, ao mais que o tempo,
e no entardecer escuro
abre um clarão.

Já não somos prisioneiros
de um emprego, de uma região.
Precipitadas no espaço,
ao sopro do sino Elias,
nossa vida, nossa morte,
nossa raiz mais trançada,
nossa poeira mais fina,
esperança descarnada,
se dispersam no universo.

Chega, Elias, é demais.

PINTURA DE FORRO

Olha o dragão na igreja do Rosário.
Amarelo dragão envolto em chamas.
Não perturba os ofícios.
Deixa-se queimar, maçã na boca,
olhos no alto:
olha a Virgem
entregando o rosário ao frade negro
na igreja dos negros.

Dragão dividido
entre a sensualidade da maçã
e a honra inefável concedida
ao negro que ele não pôde devorar.

OS GLORIOSOS

O chão da sacristia é forrado de campas,
domicílio perpétuo dos Antigos,
pois assim deve ser: volta dos filhos
da Santa Madre à Matriz do batismo,
para serem pisados como pó
e lembrados como reis.

PROCISSÃO DO ENCONTRO

Lá vai a procissão da igreja do Rosário.
Lá vem a procissão da igreja da Saúde.
O encontro é em frente à casa de João Rosa.
Encontro de Mãe e Filho
trágicos, imóveis nos andores.
Ao ar livre
o púlpito de púrpura drapeja
no entardecer da serra fria.
A voz censura ternamente o Homem
que se deixa imolar por muito amor
e do amor materno se desprende.
Não há nada a fazer para impedi-lo?
A terra abre mão de seu resgate
para salvar o Deus que quis salvá-la.
O ferro da cidade se comove,
não o peito de Cristo.
E o roxo manto, as lágrimas de sangue,
a cruz, as sete espadas
vão navegando sobre ombros
pela rua-teatro, lentamente.

OPA

Sangue da Irmandade do Santíssimo,
a opa vermelha triunfal
e dolorosa
irrompe na manhã de algodão frio:
primeira composição
de céu e terra
labareda e paz
bandeja
pedindo um níquel de fé
que se converte em velas ardendo
na cripta sombria,
procissão, cantar de Deus, rubro desfile
de gloriosas culpas em coral.

CEMITÉRIO DO CRUZEIRO

O sol incandesce
mármore rachados.
Entre letras a luz penetra
nossa misturada essência corporal,
atravessando-a.
O ser banha o não ser; a terra é.
Ouvimos o galo do cruzeiro
nitidamente
cantar a ressurreição.
Não atendemos à chamada.

CEMITÉRIO DO ROSÁRIO

À beira do córrego, à beira do ouro,
à beira da história,
à beira da beira, os mais esquecidos
inominados
de todos os mortos antigos
dissolvem a ideia de morte
em ausência deliciosa,
lembrança de vinho
em garrafão translúcido.

CÂMARA MUNICIPAL

Aqui se fazem leis
aqui se fazem tramas
aqui se fazem discursos
aqui se cobra imposto
aqui se paga multa
aqui se julgam réus
aqui se guardam presos
ensardinados em cubículos.

Os presos fazem gaiolas
para que também os pássaros fiquem presos
dentro e fora dos cubículos
musicalando a vida.

CURRAL DO CONSELHO

Aqui se recolhem
os animais vagantes
em ruas estradas logradouros públicos
e os de qualquer natureza
encontrados em plantações
pastos
alheias terras
com ou sem dono conhecido.

(Anexo-dependência do Matadouro.)

Aqui se reúnem
a um passo, a uma parede,
a uma cerca baixa
da morte
os bichos errantes.
E formam nova sociedade.
A sociedade do depósito.

Aqui se espera
uma sorte qualquer
ou nenhuma.
Se passam para o outro lado
e são abatidos?
Se apodrecem aqui mesmo
ou fogem?

Quem virá buscá-los e para quê,
a burros velhos que não valem
o capim-gordura e o milho prêmios,
e a cachorros cegos de lazeira
desaprendidos de latir?

Aqui o Hotel do Fim, ao lado
o Matadouro, meta de ouro.

DEVERES

Cidadão, tome nota dos deveres:

Capinar e varrer toda semana
a testada de sua residência
até o meio da rua
e, se não o fizer, pague a capina
e multa de um mil-réis cada semana.

Se mora a beira-rio, é responsável
por duzentas braças de limpeza
de sua cristalina correnteza (multa,
vinte mil).

Sua caixa de lixo, há de cobri-la
com camada de cal se houver mau cheiro
e, depois de vazia, lave a caixa,
cidadão, lave a caixa bem lavada.

No seu quintal apare os ramos
das mangueiras que exorbitam para a rua
prejudicando o trânsito nenhum.
E, se há erva-de-passarinho nos seus galhos,
ou acabe com ela ou pague multa
de cem mil-réis, eu disse cem mil-réis.

PROIBIÇÕES

Não galope sem razão,
nem faça galopar animais soltos
no calmo perímetro urbano.

Não faça, oh não faça
gritaria a desoras
salvo por motivo justificado.

Não invente batuque ou cateretê
que infernize o sono do vizinho.

Não cante ou reze alto, noite alta,
ao velar seu defunto.

Não escale muro de cemitério.

Não suba nas árvores das aleias e nos monumentos
funerários.

Não lave nem estenda roupa branca
entre os túmulos.

PORTÃO

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas, se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

TERAPIA OCUPACIONAL

A enxovia
fascina
a peneira
colorida
a gaiola
de taquara
o boneco
de engonço
o riso
dos presos
o embaixo
da vida.

A enxovia
dando para o ar livre
casamento de luz e miséria
imanta o menino
a voz do assassino
é um curió suave
propondo a venda
de um girassol de trapo.

OS ASSASSINOS

Os assassinos vêm de longe.
Vêm do Onça, do Periquito, das Bateias,
da Serra do Alves.
Sangue seco nos dedos, olhar duro,
na roupa o crime escrito.
Os assassinos alçam a foice
na curva da estrada. A gameleira
conta o que viu e foi um brilho desabando
na entranha do inimigo.
Estavam destinados a matar.
Mamaram leite turvo.
Na escola eram diferentes.
As namoradas estranhavam
seus beijos sem doçura.
A terra decidiu que matassem.
Cumpriram, sem discutir.
Júri mais concorrido do que missa.

CAÇADA

Nada acontece
na cidade. O último crime
foi cometido no tempo dos bisavós.
Ninguém foge de casa, ninguém trai.
Repetição de cores e casos, ó bolor
da vida longa, no chão pregada a oitenta pregos!
As pessoas se cumprimentam, se perguntam
sempre as mesmas coisas, esperando
lentas confirmações
milimetricamente conhecidas.
Ai, tão bem-educadas, as pessoas.
Que fazer para não morrer de paz?
Cada morador limpa sua carabina,
convoca o perdigueiro, saem todos
a matar veado, capivara e paca.
Três dias a morte campeia
no mato violento.
Voltam os caçadores triunfantes,
assunto novo para três meses
e se fotografam entre bichos mortos
com inocência de heróis
regressando de Troia.

CORREIO

A grande hora da chegada
do Correio.
Ninguém te escreve, mas que importa?
Correio é belo de chegar.
Surge no alto da ladeira
a mula portadora de malas,
trazendo o mundo inteiro no jornal.
O Agente do Correio está a postos
com os filhos funcionários a seu lado.
É família postal há muitos anos
consagrada a esse ofício religioso.
As malas borradas de lama
com registrados e impressos
que a chuva penetrante amoleceu
abrem-se perante os destinatários
como flores de lona
vindas de muito longe.
Cada família ou firma tem sua caixa aberta
onde se deposita a correspondência,
mas bom é recebê-la fresquinha das mãos
de Sô Fernando, que negaceia,
brinca de sonegar a carta urgente:
— Hoje não tem nada pra você.
— Mas eu vi, eu vi na sua mão.
— Engano seu. Quer um conselho?
Vai apanhar tiziu que está voando
lá fora.
Ver abrir a mala é coisa prima.
Traz as revistas de sábado
com três dias de viagem morro acima
abaixo acima, e o cheiro liso do papel
invadindo gravuras: Duque dança,
as barbas de Irineu bolem na brisa
do Senado, e na Rússia
o czar Nicolau tem o olhar vago
de quem vai ser fuzilado e ainda não sabe.
Tudo chega na hora

do Correio. A mula é mensageira
do Fato, e sabe
antes de nós toda a terrestre
aventura. Mal comeu
sua cota de milho, já prossegue
rumo do Itambé, levando o mundo.

IMPrensa

Nossos jornais sorriem para a vida.

Trescalam doçura nos cabeçalhos:

A Primavera. O Jasmim.

Mas surgem humoristas no jardim:

O Tira-Prosa.

E pasquineiros violentíssimos:

O Raio.

O Raio irrompe antes da missa de domingo

por baixo de todas as portas.

E sidera. A manhã

ia ser de porcelana-rosa, ficou

paisagem de cacos

e dores revoltadas.

Onde estão Artur e Teófilo,

onde está Francisco Guilherme?

Estes fundaram a grande imprensa

na rua pequena.

The Times de Londres?

Le Temps de Paris?

O Tempo da vila pobre,

onde só havia tempo, não havia notícias,

morreu de falta de assunto.

ÁGUA-COR

O país da cor é líquido e revela-se
na anilina dos vasos da farmácia.
Basta olhar, e flutuo sobre o verde
não verde-mata, o verde-além-do-verde.

E o azul é uma enseada na redoma.
Quisera nascer lá, estou nascendo.
Varo a laguna do ouro do amarelo.
A cor é o existente; o mais, falácia.

RANCHO

Carga
e cangalhas
dormem solidariamente com os tropeiros.

Homens arreios mercadorias
não se distinguem uns dos outros, confluídos
no bloco noturno sem estrelas:
viagem dormindo.

O DIA SURGE DA ÁGUA

O chafariz da Aurora
faz nascer o sol.
A água é toda ouro
desse nome louro.
O chafariz da Aurora,
na iridescência trêmula,
bem mais que um tesouro,
é prisma sonoro,
campainha abafada
em tiz cliz de espuma,
aérea pancada
súbita
na pedra lisa,
frígida espadana,
tece musicalmente
a áurea nívea rósea
vestimenta do dia líquido.
Deixa fluir a aurora,
sendo um tão pobre
chafariz do povo.

A RUA EM MIM

Rua do Areão, e vou submergindo
na pirâmide fofa ardente, areia
cobrindo olhos dedos pensamento e tudo.

Rua dos Monjolos, e me desfaço milho
pilado lancinante em água.

Rua do Cascalho, arrastam meus despojos
feridos sempremente. Rua Major Laje,
salvai, parente velho, este menino
desintegrado.

Rua do Matadouro, eu vi que sem remédio.

Rua Marginal, é sempre ao lado ao longe o amor.

Ao longe e sem passagem na Ladeira Estreita.

Rua Tiradentes, aprende e cala a boca.

Travessa da Fonte do Caixão, e tudo acaba?

Rua da Piedade, Rua da Esperança,

Rua da Água Santa, e ao úmido milagre
me purifico, e vida.

BANHO

Banheiro de meninos, a Água Santa
lava nossos pecados infantis
ou lembra que pecado não existe?
Água de duas fontes entrançadas,
uma aquece, outra esfria surdo anseio
de apalpar na laguna a perna, o seio
a forma irrevelada que buscamos
quando, antes de amar, confusamente
amamos.

A tarde não cai na Água Santa.
Ela pousa na sombra da gameleira,
fica vendo meninos se banharem.

PAISAGEM

DESCRITA EM JORNAL DE 1910

Aqui se elevam pedregulhos em cúmulos
ocultando avaramente o ouro.

Há flores roxas
de melastomas.

Os mirtos em touceira verde-escura
coalham-se de negras bagas.

Fetos arborescentes
radicados à cascalheira úmida
distendem semiperpendiculadas suas palmas
à semelhança de coqueiros.

De pequena gruta
jorra em cascata a água miraculosa
à sombra secular de um fícus.

O NEGÓCIO BEM SORTIDO

O perfeito negociante vende tudo.
Vende a seda mais fina de Lyon,
o áspero pano da fábrica da Pedreira,
a renda de Malines e a do Norte.
Todas as miudezas de armarinho.
Todos os gêneros do país.
Chapéus-de-sol e de cabeça.
Toda espécie de calçados,
inclusive o “Andarilho”:
não produz calos nem os oprime,
sola impermeabilizada por processo novo,
dispensa graxas e pomadas.

À direita uma parede inteira
ostenta licores importados,
conservas inglesas, molhos raros
para os Messers da mina, altos clientes.
(Escondo por trás dessas riquezas
a barra de chocolate sonogada
ao olho distraído do patrão,
e de longe em longe, disfarçando,
mastigo este salário extraordinário.)

Ao fundo, em úmida sombra,
mantas de toucinho rosa-sal,
caixotes de milho, barricas de batatas,
sacos de feijão, ferragens rudes
(enxadas: curvo destino nacional).
É provação dominical, antes da missa,
(falta descobrir a semana inglesa)
tropeçar os dedos na massa trêmula do porco,
recortar a facão
e pesar cinco quilos de gordura.
Por que escolheste vida de caixeiro,
vida de cachorro, o trocadilho exato,
quando podias bem ficar no casarão
em ocioso bem-bom de filho de Coronel?

Bobagens: quem explica

as que a gente faz?

Eu sei: foi para, em longas horas estagnadas,
em que ninguém compra, mas conversa
à beira arranhada do balcão
— as horas quase todas do comércio —,
discutir a guerra de 14 que lavra lá no longe
e em que te empenhas tanto do mau lado.

Não é fero o patrão.

Decerto preferia

que falasses menos, trabalhasses mais.

E se perceber que o chocolate some,
sem sabor e fumaça, no papel prateado?

Se descobrir? Se te pilhar?

Erram pesadelos de caixeirinho
na noite gelada montanhosa.

TURCOS

Os turcos nasceram para vender
bugigangas coloridas em canastras
ambulantes.

Têm bigodes pontudos, caras
de couro curtido,
braços tatuados de estrelas.

Se abrem a canastra, quem resiste
ao impulso de compra?
É barato! Barato! Compra logo!
Paga depois! Mas compra!

A cachaça, a geleia, o trescalante
fumo de rolo: para cada um
o seu prazer. Os turcos jogam cartas
com alarido. A língua cifrada
cria um mundo-problema, em nosso mundo
como um punhal cravado.
Entendê-los quem pode?

Mas Abrãozinho adolescente
foge de casa, esquivo, em seu segredo.
É capturado, volta. O velho Antônio Abrão
decreta-lhe castigo:
uma semana inteira no balcão,
cabeça baixa, ouvindo
perante os brasileiros
terríveis maldições intraduzíveis.

A turca, ei-la que atende
a fregueses sem pressa,
dá de mamar, purinha, a seu turquinho
o seio mais que farto.
Jacó, talvez poeta
sem verso e sem saber que existe verso,
altas horas exila-se
no alto da cidade, a detectar
no escuro céu por trás das serras
incorpóreas Turquias. E se algum
passante inesperado chega perto
Jacó não o conhece. Não é o mesmo

Jacó de todo dia em sua venda.
É o ser não mercantil, um elemento
da noite perquirinte, sem fronteiras.

Os turcos,
meu professor corrige: Os turcos
não são turcos. São sírios oprimidos
pelos turcos cruéis. Mas Jorge Turco
aí está respondendo pelo nome,
e turcos todos são, nesse retrato
tirado para sempre... Ou são mineiros
de tanto conviver, vender, trocar e ser
em Minas: a balança
no balcão, e na canastra aberta
o espelho, o perfume, o bracelete, a seda,
a visão de Paris por uns poucos mil-réis?

TEMPO AO SOL

Sentados à soleira tomam sol
velhos negociantes sem fregueses.
É um sol para eles: mitigado,
sem pressa de queimar. O sol dos velhos.

Não entra mais ninguém na loja escura
ou se entra não compra. É tudo caro
ou as mercadorias se esqueceram
de mostrar-se. Os velhos negociantes
já não querem vendê-las? Uma aranha
começa a tecelar sobre o relógio
de parede. E o sagrado pó nas prateleiras.

O sol vem visitá-los. De chapéu
na cabeça o recebem. Se surgisse
um comprador incostumeiro, que maçada.
Ter de levantar, pegar o metro,
a tesoura, mostrar a peça de morim,
responder, informar, gabar o pano...

Sentados à soleira, estátuas simples,
de chinelos e barba por fazer,
a alva cabeça movem lentamente
se passa um conhecido. Que não pare
a conversar coisas do tempo. O tempo
é uma cadeira ao sol, e nada mais.

CHEGAR À JANELA

Há um estilo
de chegar à janela, espiar a rua.

Nenhum passante veja o instante
em que a janela se oferece
para emoldurar o morador.

De onde surgiu, de que etérea
paragem, nublado sótão,
como pousou, ficou ali,
recortado em penumbra?

Modo particularíssimo de ficar
e não ficar ao mesmo tempo
debruçado à janela
diante da segunda-feira
e das eternidades da semana.
De frente? De lado? De nenhum
ângulo? Está e não está
presente, é ilusão de pessoa,
vaso-begônia, objeto que mofou,
exposto ao ar?

A janela e o vulto imobilizado
proíbem qualquer indagação.

O ANDAR

O andar é lento porque é lento
desde lentos tempos de antanho.

Se alguém corre, fica marcado
infrator da medida justa.

É o lento passo dos enterros,
como é o passo dos casamentos.

O pausado som das palavras.
O tranquilo abrir de uma carta.

Há lentidão em dar o leite
da lenta mama a um sem pressa
neném que mama lentamente,
na lenta espera de um destino.

Não é lenta a vida. A vida é ritmo
assim de bois e de pessoas,
no andar que convém andar
como sugere a eternidade.

SERENATA

Flauta e violão na trova da rua,
que é uma treva rolando da montanha,
fazem das suas.

Não há garrucha que impeça:
a música viola o domicílio
e põe rosas no leito da donzela.

SINA

Nesta mínima cidade
os moços são disputados
para ofício de marido.
Não há rapaz que não tenha
uma, duas, vinte noivas
bordando no pensamento
um enxoval de desejos,
outro enxoval de esperanças.
Depois de muito bordar
e de esperar na janela
maridos de vai-com-o-vento,
as moças, murchando o luar,
já traçam, de mãos paradas,
sobre roxas almofadas,
hirtas grades de convento.

VIDA VIDINHA

A solteirona e seu pé de begônia
a solteirona e seu gato cinzento
a solteirona e seu bolo de amêndoas
a solteirona e sua renda de bilro
a solteirona e seu jornal de modas
a solteirona e seu livro de missa
a solteirona e seu armário fechado
a solteirona e sua janela
a solteirona e seu olhar vazio
a solteirona e seus bandós grisalhos
a solteirona e seu bandolim
a solteirona e seu noivo-retrato
a solteirona e seu tempo infinito
a solteirona e seu travesseiro
ardente, molhado
de soluços.

PRIMEIRO AUTOMÓVEL

Que coisa-bicho
que estranheza preto-lustrosa
evém-vindo pelo barro afora?

É o automóvel de Chico Osório
é o anúncio da nova aurora
é o primeiro carro, o Ford primeiro
é a sentença do fim do cavalo
do fim da tropa, do fim da roda
do carro de boi.

Lá vem puxado por junta de bois.

A MONTANHA PULVERIZADA

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a vida
neste vale soturno onde a riqueza
maior é sua vista e contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e
não a encontro.

Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
— o trem maior do mundo, tomem nota —
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.

O RESTO

No alto da cidade
a boca da mina
a boca desdentada da mina de ouro
onde a lagartixa herdeira única
de nossos maiores
grava em risco rápido
no frio, na erva seca, no cascalho
o epítome-epílogo
da Grandeza.

CONCLUSÃO

Que cerros mais altos,
vista mais calmante,
sítios mais benignos,
nuvens mais de sonho,
fontes mais pacíficas,
gente mais cordata,
bichos mais tranquilos,
noites mais sossego,
sempiternamente
vida mais redonda...
vida mais difícil.

ORDEM

Quando a folhinha de Mariana
exata informativa santificada
regulava o tempo, as colheitas,
os casamentos e até a hora de morrer,
o mundo era mais inteligível,
pairava certa graça ao viver.

Hoje quem é que pode?

TELEGRAMA

Emoção na cidade.
Chegou telegrama para Chico Brito.
Que notícia ruim,
que morte ou pesadelo
avança para Chico Brito no papel dobrado?

Nunca ninguém recebe telegrama
que não seja de má sorte. Para isso
foi inventado.

Lá vem o estafeta com rosto de Parca
trazendo na mão a dor de Chico Brito.
Não sopra a ninguém.
Compete a Chico
descolar as dobras
de seu infortúnio.

Telegrama telegrama telegrama

Em frente à casa de Chico o voejar múrmure
de negras hipóteses confabuladas.
O estafeta bate à porta.
Aparece Chico, varado de sofrimento prévio.
Não lê imediatamente.
Carece de um copo d'água
e de uma cadeira.
Pálido, crava os olhos
nas letras mortais.

*Queira aceitar efusivos cumprimentos passagem data natalícia espero merecer valioso apoio distinto
correligionário minha reeleição deputado federal quinto distrito cordial abraço. Atanágoras Falcão.*

CORTESIA

Mil novecentos e pouco.
Se passava alguém na rua
sem lhe tirar o chapéu,
Seu Inacinho lá do alto
de suas cãs e fenestra
murmurava desolado
— Este mundo está perdido!
Agora que ninguém porta
nem lembrança de chapéu
e nada mais tem sentido,
que sorte Seu Inacinho
já ter ido para o céu.

VISITA À CASA DE TATÁ

A casa de Tatá é um silêncio perto da igreja.

Silêncio de lençóis engomados

para sua única pessoa.

A viuvez tão antiga que virou de nascença

derrama brancura em tudo.

O presépio de Tatá emerge de Belém como flor

cheirando a cânfora e alfazema.

Na ordem dos anjos e animais, a ordem estrita

de Deus.

O melhor da casa é a arca,

o melhor da arca, suspiros

feitos da brancura mesma de Tatá,

brancura surda.

IMPERADOR

O imperador Francisco José, dobrado a reveses
de guerra, de família, de toda sorte,
antes que a Áustria-Hungria se despedaçasse
no caos de 1914,
largou tudo, foi ser agente do correio
no município perdido de Minas
sob outro nome imperial: Fernando III.
Sem a trágica pinta dos Habsburgos
vira outro homem, entrega
as cartas com zombaria doce, diverte-se
falando de passarinhos e de pacas.
Só é reconhecível pelas suíças venerandas.

PRIMEIRO POETA

O poeta Astolfo Franklin, como o invejo:
tem tipografia em que ele mesmo
imprime seus poemas simbolistas
em tinta verde e violeta: *Maio...*
é seu jornal, e a letra rara orna seu nome
que tilinta na bruma, enquanto o resto
some.

CULTURA FRANCESA

Com mestre Emílio aprendi
esse pouco de francês
que deu para ler Jarry.

Murilo, diabo na aula,
tinha gestos impossíveis,
que nem macaco na jaula.

Mestre Emílio, tão severo
não via no último banco
o aluno de moral zero.

Os verbos irregulares
saltavam do meu Halbout,
perdiam-se pelos ares.

Nunca mais os encontrei...
Talvez Brigitte Bardot
me ensinasse o que não sei.

A ALFREDO DUVAL

Meu santeiro anarquista na varanda
da casinha do Bongue, maquinando
revoluções ao tempo em que modelas
o Menino Jesus, a Santa Virgem
e burrinhos de todas as lapinhas;
aventureiro em roupa de operário,
que me levas à Ponte dos Suspiros
e ao Pátio dos Milagres, no farrancho
de Michel Zevaco, dos Pardaillan,
Buridan, Triboulet (e de Nick Carter),
ouço-te a rouca voz chamar Eurico
de nazarena barba caprichada
e retê-lo a posar horas e horas
para a imagem de Cristo em que se afirme
tua ânsia artesanal de perdurar.
Perdura, no frontispício do Teatro,
a águia que lá fixaste sobre o globo
azul da fama, no total desmaio
do teu, do nosso tempo itabirano?
Quem sabe de teus santos e teus bichos,
de tua capa e espada imaginária,
quando vagões e caminhões desterram
mais que nosso minério, nossa alma?
Eu menino, tu homem: uma aliança
faz-se, no tempo, à custa de gravuras
de semanais fascículos românticos...

ORGULHO

Com toda a sua pomada
e seu horror a pedir,
ao ver a Agência fechada,
Manduca diz, soberano:
“Meu tio, quer me emprestar
um selinho de cem réis?”.
“Pois não, lhe empresto, sobrinho.”
A carta segue seu rumo,
passa um dia, um mês, um ano
e Manduca, muito ancho,
se gaba de não dever
nem um tostão a ninguém.
“Alto lá, sobrinho, então
eu não lhe emprestei um selo
justamente de tostão?
Se me pagar nesta hora,
prometo não desmenti-lo,
dispenso juro de mora,
mas você fica devendo
o preço desta lição.”

REALIDADE

Macedônio botou o dinheiro na mesa, comprou a velha Fazenda do Ribeirão.
Nunca fui lá, mas sentia a terra pertinho de mim,
a água mineira borbulhando com vontade de ser rio,
refletindo a criação.

Macedônio é de mandar.
Seu primeiro ato de proprietário foi um decreto:
“Dagora em diante esta é a Fazenda da Palestina”.

Tudo se desmancha a essa voz:
a água corre para a Bíblia,
a terra foge no tempo-espaço,
a fazenda vira presépio.

HORTÊNSIA

A professora me ensina
que Hortênsia é saxifragácea.
Mas no moreno de Hortênsia,
na cabeleira de Hortênsia,
no busto e buço de Hortênsia,
o que eu diviso é uma graça
mais estranha que a palavra
saxifragácea.

Hortênsia, jardim trancado,
onde sei que o namorado
percorre umbrosos canteiros,
contando depois pra gente.
Oi namorada dos outros,
oi outros que não se calam,
fazem só para contar!
O namorado de Hortênsia
me ensina coisas diversas
do ensino da escola pública.
Eu sei, eu percebo, eu sinto
que Hortênsia (existe a palavra?)
é sexifragância.

FLORA MÁGICA NOTURNA

A casa de dr. Câmara é encantada.
No jardim cresce a árvore-de-moedas.
As pratinhas reluzem entre folhas.
O menino ergue o braço e fica rico
ao luar.

Dr. Câmara sorri sob os bigodes
de bom padrinho. Sente-se criador
de uma espécie botânica sem par.
A crença do menino agora é dele,
ao luar.

COQUEIRO DE BATISTINHA

*Ausente de meu querido torrão natal, havia muitos anos, quis
rever os sítios amenos... Revoltou-me não rever mais o encantador
e quase secular coqueiro do saudoso também Batistinha.
Do volante assinado "Um itabirano", remetido ao autor em 1955*

Já não vejo onde se via
aquele esbelto coqueiro
de Batistinha.

Batistinha não nascera,
o coqueiro ali pousava
a esperá-lo.

Queria ser seu amigo.
Com lentidão de coqueiro
espiava ele crescer.

Amizade que não fala,
mas se irradia por tudo
que é silêncio de verdura.

Até que alguém lhe decifra
esse bem-querer de palmas
e chama-lhe:

Coqueiro de Batistinha.

Batistinha vai à Europa,
vê Paris de antes da guerra,
vê o mundo
e a luz que o mundo tinha.

O coqueiro, mui sisudo,
jamais saiu a passeio.
Tomava conta da loja
de Batistinha.

Vem Batistinha contando
as maravilhas da terra.
Maravilha outra, a escutá-lo,
o coqueiro
era coqueiro-viajante
nos passos de Batistinha.

O dia se repetindo

dez mil dias, Batistinha
tem esse amigo a seu lado.

Já se finou Batistinha
com tudo que tinha visto
em giros de mocidade.

Sua loja está fechada.
E resta ao coqueiro? Nada.

De manhã cedo, pois cedo
começa a rodar mineiro,
passando por lá não vejo
nem retrato de coqueiro.

A Prefeitura o cortou?
Ou o raio o siderou,
o caterpillar levou?

No perguntar-se geral,
sabe menos cada qual
do que saberia um coco.

Tão simples,
e ninguém viu:
sem razão de estar ali,
privado de Batistinha,
o seu coqueiro
sumiu.

EI, BEXIGA!

Os chocolates em túnica de prata,
justa, recendem. A hortelã
das balas pincela um frio verdoendo
na boca.

Tudo vem de longe, de São Paulo,
para Seu Foscarini, distribuidor de delícias.

E um homem desses vai morrer de varíola?

A Idade-média enrola a cidade
em cobertor de pânico.

Sete dias se fecham as portas
se acendem velas
sem leite sem pão sem saúde pública
joelhos em terra exortam a sagrada ira
a poupar os que não são italianos e fundaram
este chão de Deus sem bexigas.

Pereça, coitado, Seu Foscarini,
mas as velhas famílias se salvem.

Levam Seu Foscarini para o lazareto,
que não é lazareto, é um casebre desbeijado
no campo onde a cobra pasta
vírgulas de tédio.

Nunca mais chocolates, licorinos
caramelos, magia de São Paulo?

Rezo por Seu Foscarini,
que milagrosamente se salva
e fecha a confeitaria.

O DOUTOR AUSENTE

Nosso delegado
não é de prender.
Prefere, sossegado,
ler.

Clássicos latinos,
velhos portugueses.
A vida ficou sendo
estante.

Entre Virgílio e Fernão Lopes
a garrafa clara
cheia vazia cheia
contém o mundo retificado.

Nosso delegado
nasceu para outros fins
ausentes do viável.

Não escuta o cabo
dizer que na Rua de Baixo
acontece o diabo.

A estante, a garrafa semioculta,
a cavalgada dos possíveis impossíveis.
Matou! Roubou! Defloramento...
Deixa pra lá.

Deixa bem pra lá de Ovídio,
enquanto a bela (ou bela foi um dia) Elzira
lhe afaga os bigodes desenganados.

O delegado não prende.
O delegado está preso
à estante repetida, à sempre garrafa,
ao colo, à coleira
de Elzirardente consolatória.

PRIMEIRA ELEIÇÃO

Marechal Hermes
e Rui Barbosa
lá vêm guerreando
pela montanha.

Olha a trovoadá!
A pena, a espada,
qual perde, ganha?
E na sacada

o brado rouco,
o retintim,
a espora, a hora
do boletim.

Toda a cidade
se apaixonando.
Mas das mulheres
o voto, quando?
Menino vota
no faz de conta.
Ruísta, hermista,
sangue na crista!

Somos de Rui
os vexilários.
Já tudo rui
entre os contrários.

O formidando
som da vitória:
ao município
tamanho glória.

Doces projetos,
altos propósitos,
sonhos urbanos,
ideais humanos.

Rui vencedor.
Viva o Brasil
... de Hermes na posse.

Tosse? Bromil.

SUUM CUIQUE TRIBUERE

O vigário decreta a lei do domingo
válida por toda a semana:

— Dai a César o que é de César.

Zé Xanela afundado no banco

vem à tona d'água

ardente

acrescenta o parágrafo:

— Se não encontrar César, pode dar a Sá Cota Borges, que é mãe dele.

DOIDO

O doido passeia
pela cidade sua loucura mansa.
É reconhecido seu direito
à loucura. Sua profissão.
Entra e come onde quer. Há níqueis
reservados para ele em toda casa.
Torna-se o doido municipal,
respeitável como o juiz, o coletor,
os negociantes, o vigário.
O doido é sagrado. Mas, se endoida
de jogar pedra, vai preso no cubículo
mais tétrico e lodoso da cadeia.

VELHACO

Zico Tanajura está um pavão de orgulho
no dólmã de brim cáqui.
Vendeu sua terra sem plantação,
sem criação, aguada, benfeitoria,
terra só de ferro, aridez
que o verde não consola.
E não vendeu a qualquer um:
vendeu a Mr. Jones,
distinto representante de Mr. Hays Hammond,
embaixador de Tio Sam em Londres-*belle-époque*.
Zico Tanajura passou a manta em Suas Excelências.
De alegria,
vai até fazer a barba no domingo.

O INGLÊS DA MINA

O inglês da mina é bom freguês.
Secos e molhados finíssimos
seguem uma vez por mês
rumo da serra onde ele mora.
Inglês invisível, talvez
mais inventado que real,
mas come bem, bebendo bem,
paga melhor. O inglês existe
além do *bacon*, do *pâté*,
do *White Horse*, que o projetam
no nevoento alto da serra
que um caixeirinho imaginoso
vai compondo, enquanto separa
cada botelha, cada lata
para o grande consumidor?
Que desejo de ver de perto
o inglês bebendo, o inglês comendo
tamanho lote de comibebes.
Ele sozinho? Muitos ingleses
surgem de pronto na mesa longa
posta na serra. Comem calados.
Calados bebem, num só inglês.
Talvez um dia? Talvez. Na vez.

MRS. CAWLEY

Vem a americana com seu *fox terrier*,
vestido róseo desenvolto,
loura em mata morena, sol de milho,
sorriso aberto em português estropiado,
mas tão linda!
linda de soluçar
de apunhalar
meu assombro caipira colegial.

Vem a americana com o marido,
visita
as famílias importantes dos senhores de terras.
Seu sorriso compra as terras, compra tudo
fácil, no deslumbramento.

O americano, mero aposto circunstancial.
O americano, que me importa?
Daria, se tivesse, um reino inteiro
para ter esta mulher a vida inteira
sorrindo a boca inteira
só para mim na sala de visitas.

A SEPARAÇÃO DAS CASAS

Os deste lado brigaram
com os do lado de lá.
Não foi briga de xingar,
não foi rixa de bater
nem de sacar o revólver.
É briga de não falar
e de cerrar a janela
devagar e sem ranger,
se passa alguém do outro lado.
Briga de não conhecer
quem antes se conhecia,
se estimava, se tratava
com a maior civilidade,
quem antes se convidava
pra festa de batizado
e primeira comunhão,
casamento, aniversário
ou pra simples assustado,
a quem, se acaso surgisse
gente demais no jantar,
emprestado se pedia
meia dúzia de cadeiras
e meia dúzia de copos,
e que também recorria
com toda sem-cerimônia
à vizinhança amistosa
em noite de dor na perna
e de farmácia fechada
com vistas ao milagroso
vidrinho de Pronto Alívio
ou em outro qualquer aperto
que costuma suceder
nos lares mais bem providos.
Troca-troca se fazia
de doces, frutas, temperos,
receitas de forno e bilro,
mimos de mil qualidades
no vai e volta de cestas,

terrinas e tabuleiros.

Crianças das duas casas
unidas num só brinquedo
de chicotinho queimado,
carniça, gata-parida
e manja, roda, cantigas
lusamente brasileiras,
ou melhor, universais.

Té se faz de mentirinha
casamento de meninos
que talvez se torne um dia
matrimônio de verdade
em gorda concentração
de fortunas e de afetos.

(O mundo, calmo, autoriza
esperar dez, quinze anos.)

Eis de súbito alterado
o panorama gentil
de tão grata convivência.

Não se tira mais chapéu
nem mais se exibem risinhos
dentes de cordialidade,
já se finge não haver,
dos dois lados desta rua,
ninguém morando por perto.

Há um vazio de cem léguas
na estreiteza das calçadas.

Pequenos brinquem no quarto,
o velocípede novo
rode da sala à cozinha,
muito embora atropelando
grandes de todo respeito,
e quem fizer um aceno
para vulto de outro lado
entra feio na chinela
de ramagem verde hostil.

No grupo escolar, cuidado:
ninguém vá se misturar.

Que foi que houve, que não
houve, se nada sabemos?

Quem por acaso decifra
o que pode haver no ar
ou na cabeça dos grandes

reticentes, sigilosos?

Do lado de lá não sabem;
do lado de cá, também.

Não se filtra explicação.

Cala a boca! é a resposta
a quem demais especule.

E todo o mundo virou
cofre estranho de mistério
exemplarmente fechado
a mãos, olhares, perguntas...

Mas a velha cozinheira,
peça antiga da família,
que tudo sabe e resmunga
seu misto de língua longe
e de estalar de panela,
cospe de lado e define:

— Candonga, gente. Candonga.

O MELHOR DOS TEMPOS

Bailes bailes bailes
em nossa *belle époque*.
Em casa de João Torres
há saraus constantes.
Na de Chico Cândido,
na de Emílio Novais,
na de Zé Carvalho,
a valsa espirala
suas curvas lentas.
Sempre a serenata
prateia o silêncio
dos casarões altivos.
A flauta flautíssima
de Mário Terceiro
faz terremotos líricos.
Vavá, Clínton, Astolfo,
mais Totoque e Lilingue
rogam suavemente
que Stela abra a janela
e abrigue corações
transidos de frio,
desfeitos em música.
Quem ousa, noturno,
furtar jabuticabas
em quintais caninos,
é para deixá-las,
votivas,
no peitoril das deusas
de boa família,
anonimamente.
Já de madrugada
os meigos ladrões
e magos cantores
lá vão degustar
os pastéis de queijo
de João Bicudo,
o licor discutível
de Zé Pereira.

Manhã rósea, passa
o batalhão infantil
(Minervino comanda)
e bate continência
às gentis moçoilas.
Tudo é mimo, graça.
Belle époque é fato
da história mineira.

PODER DO PERFUME

Popular, a água florida.
O seu nome-roseira
já é flor e trescala
só de o ouvirmos na sala.

A excelsa brilhantina
em potes de Paris
embalsama noivados
no sofá dos sobrados.

Jiqui, perfume nobre,
há de estar bem à vista
entre jarro e bacia
da rural burguesia.

As botas onde o estrume
deixa visível marca,
em chegando à cidade,
cedem à amenidade
que os moços fazendeiros
sabem criar em volta
de um sólido namoro
de perfumes em coro.

Qual mais recendente
a sândalo e jasmim,
ele e ela, abraçados
em cheiros conjugados,
sem se tocarem (nada
autoriza a licença
do beijo corporal)
praticam sem detença
— ai! — o sexo aromal.

TANTAS FÁBRICAS

A fábrica de café de João Acaiaba
a fábrica de sabão de Custódio Ribeiro
a fábrica de vinho de João Castilho
a fábrica de meias de François Boissou
a fábrica de chapéus de Monsenhor Felicíssimo
a fábrica de tecidos de Doutor Guerra
a fábrica de ferro do Jirau do Capitão Aires
a fábrica de sonho de cada morador
a fábrica de nãos do governo longínquo
a fábrica de quê? na interminável conversa
que ruma o milagre
e cospe de esquerda
no chão.

O ORIGINAL E A CÓPIA

No dia infundável,
no centenário banco de farmácia,
discutem passarinho
como se fosse polícia municipal.
Carece discutir alguma coisa,
senão o tempo vira mármore
gelado
e todas as pessoas viram mármore
roído, desbotado; de jazigo.
Discute-se a vária cor do sabiá,
o voo particular do sabiá,
o canto divino do sabiá,
superior à flauta de Lilingue.
Protesta Lilingue,
retira-se, flautista indignado.
Silêncio de sem-jeito.
Seu Paulinho Apóstolo rompe o mal-estar:
— De todos os sabiás da redondeza
(e abrange, mãos em concha, o orbe terráqueo),
desde o coleira ao laranjeira,
o que eu destaco pela melodia,
que é dom de Deus, sei lá, de anjos cantores,
é o sabiacica.
Todos se erguem, estupefatos:
— Mas não é sabiá! É papagaio!
Só imita sabiá, o porcaria!
Seu Paulinho Apóstolo sorri
de tamanha besteira:
— Bobagem de vocês, o sabiá
é que vive imitando sabiacica.

OS CHARADISTAS

Passam a vida lenta decifrando
novíssimas,
sincopadas,
logogrifos.

Mandam soluções para o Almanaque Bertrand
e ficam à espera do navio de Lisboa que não vem,
não atracará nunca no Rio Doce,
trazendo em nova edição os nomes dos aficionados
triunfadores.

Chega a besta rústica do Correio.
Na mala, do volume encharcado de chuva,
não salta nenhuma vitória para a cidade,
salvo no ano esplendoroso de 1909
em que Juquinha Gago tirou menção honrosa.

Pobre (rico?) de mim,
que nunca fui além das cartas enigmáticas,
sem conclusão e sem prêmio,
mas também não sou nunca derrotado.

OS VELHOS

Todos nasceram velhos — desconfio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre — sempre! —
assim como estão hoje
e não deixarão nunca de estar:
soturnas e paradas e indeléveis
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 — enorm'idade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me veem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nas felpudas redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.

ARCEBISPO

Dom Silvério em visita pastoral
fala pouco, está cansado, levanta a mão
lenta e abençoa.

Entre bambus e arcos triunfais
é o primeiro bispo (arcebispo) que eu vejo.
Não tem a rude casca do vigário
nem a expressão de diabo-crítico de Padre Júlio.
É manso, está cansado, olha de longe,
de um palácio esfumado de Mariana
o povo circunflexo.

SÃO JORGE NA PENUMBRA

São Jorge imenso espera o cavalo
que ainda não foi arreado,
ainda não foi raspado,
ainda não foi escolhido
entre os vinte melhores da redondeza.

São Jorge fora de altar
(não cabe nele)
espera o dia da procissão
em canto discreto da Matriz.

São Jorge é meu espanto.
Ainda não vi santo montado.
Santos naturalmente andam a pé,
atravessam rios a vau e a pé,
fazem milagres a pé.

Usam sandálias
de luz e poeira como os deuses
da gravura.

São Jorge usa botas como os fazendeiros
de minha terra.

E não é fazendeiro. São botas de guerra.
São Jorge mata o dragão. Mata os inimigos
de Deus na bacia do Rio Doce?
Fica longamente na penumbra
esperando cavalo e procissão
só um dia no ano: ele é São Jorge
mesmo.
No mais, uma espera colossal.

O BOM MARIDO

Nunca vou esquecer a palavra ingrediente no plural.

À tarde, Arabela conversava com Teresa, na sala de visitas.

Passei perto, ouvi:

— Custódio tem todos os ingredientes para ser bom marido.

— Quais são os ingredientes?

a outra lhe pergunta.

Arabela sorri, sem responder.

Guardo a palavra com cuidado,

corro ao dicionário:

continua o mistério.

MORTE DE NOIVO

Suicida-se o noivo de Carmela,
antes noivo de Isaura.

Desfeito o primeiro compromisso,
Carmela esperava-o do alto da sacada.

Para entrar, não precisa bater palmas
o amor. De uma rua

a outra rua, transita, pesquisando.

É Carmela a escolhida. E agora o noivo mata-se
com insabido veneno, sem uma palavra.

Duas moças vivendo a morte muda.

Nenhuma vai ao enterro. Proibido
chorar em público morte de infiel.

Cada uma em seu quarto solteiríssimo,
escurecido em quarto de viúva.

Isaura: Se não havia de ser meu,
nenhum dedo terá sua aliança.

Carmela: Todas duas fomos derrotadas
ou ninguém perdeu,
ganhou ninguém?

As fronhas são esponjas
de lágrimas secretas.

A MOÇA FERRADA

Falam tanto dessa moça. Ninguém viu,
todos juram.
Cada qual conta coisa diferente,
e todas concordantes.
Dizem que à noite, ela. Ela o quê?
E com quem? Com viajantes
que somem sem rastro
gabando no caminho
os espasmos secretos (tão públicos) da moça.

Sobe a moça
a ladeira da igreja
para a reza de todas as tardes.
De branco perfeitíssimo,
alta, superior, inabordável
(luxúria de mil-folhas sob o véu,
murmura alguém).
À noite é que acontecem coisas
no quarto escuro. Ganidos de prazer,
escutados por quem? se ninguém passa
na rua de altas horas-muro?
Pouco importa, a moça está marcada,
marca de rês na anca, ferro em brasa
de língua popular.

NOTICIÁRIO VIVO

A servente da escola mora no Campestre,
longe, sai de casa sem café.
Desce a ladeira, vai parando,
assuntando o que se passa na Rua de Santana
e em toda parte.
Última estação: aqui em casa.
Toma café reforçado, conta
o que há ou não há ou pode haver
sob as telhas escuras da cidade.
Conta naturalmente, sem malícia,
jornal falado das nove horas.
E ao serviço, antes que toque
a sineta irrevogável de Mestre Emílio.
Ficamos sabendo de tudo de todos.
Ficarão sabendo tudo de nós,
amanhã, de manhã,
na Rua de Santana e em qualquer parte?

ABRÃOZINHO

Largou a venda, largou o dinheiro,
largou a amante sem se despedir.
Foi para o Rio fazer o quê?
Sentar no banco em frente ao Supremo
Tribunal Federal,
estourar a tiro a própria cabeça,
fazendo justiça
a si mesmo, crime
ignorado até de si mesmo.
A carta de suicida
— “Me firmo Abraão Elias” —
nada esclarece.

ANIVERSÁRIO DE JOÃO PUPINI

Já vou dormir, não vou dormir.

No silente Caminho Novo,
sete tiros da carabina.

Eu nada escuto do meu quarto.

Ninguém escuta, de tão longe.

Mas adivinho sete tiros
estampados na noite fria.

É João Pupini festejando

seu natalício italiano,

atirando contra as estrelas

o chumbo gaio de estar vivo.

É João Pupini ameaçando

o sono azul do município,

o equilíbrio e a paz do mundo.

Já se eriça, irado, o bigode

marcial de Guilherme 2º.

O czar, o *king* George, Francisco

José e mais altas potências

protestam contra o despropósito

de João Pupini fazer anos

declarando guerra mundial.

O delegado de polícia,

sentinela internacional,

convoca seu destacamento:

“Eia, sus, ao Caminho Novo,

a prender o guerreiro doido,

que além de ser mau elemento

vota sempre na oposição”.

Sua casa logo arrombada

a coroa, facão e ombro,

João Pupini dá o sumiço

pelos fundos de treva e brejo,

embolado mais a família,

pois lutar contra a Força Pública,

nem o ousara Napoleão.

Mas é preso nos vãos atalhos

em que zaranza atarantado,
e recolhido à enxovia
o formidando atirador.
Nem Deus te salva, João Pupini!
(fico cismando, no sem sono
de carabina, junho e noite.)

Solitário, incomunicável,
Pupini diz: “Vou suplicar
à autoridade justiciosa
o direito de fazer anos
e jovialmente celebrá-lo”.
Mas retrucam-lhe: “Assine e sele
petição na forma da lei”.

Onde papel, no úmido escuro
do xadrez todo enxadrezado
de feros ferros e ferrolhos?
Onde estampilha, Deus do céu,
se só uma barata sela,
no chão da cela, madrugada,
a prova de estar acordada?

Sem requerer, como provar
que, entre mil mortos e feridos
pela arma-fúria de Pupini,
estão todos salvos, tranquilos?
Como explicar ao Presidente,
a Hermes, Pinheiro, Jangote,
que ninguém fez mal a ninguém?

Tiro de noite é novidade
na cidade sem distração
e noite por demais comprida?
O rádio está por inventar,
a televisão, nem se fala.

Quem tem fogo vai despejá-lo
na horta gelada, por que não?

Ainda há dias, rente ao quartel,
no rancho insone do Thiers,
tiros sem alvo pipocaram,
ninguém foi preso, até foi bom
ouvir alguém vencer o tédio
detonando a salva nervosa
que infundia vida ao mar morto.

Mas João Pupini, suspeitado
(suspeita, não: certeza plena)
de sorrir para os perdedores
da eleição presidencial;
João ruísta, João subversivo,
João celebrar seu nascimento
a poder de bala, o bandido?

Lá dorme João no chão sem lã.
Estou sentindo: a poucos passos
da cadeia ali bem em frente,
e dormirá tempos e luas,
se ruístas alvoroçados
não soltarem pelas quebradas
o latino grito: *Habeas corpus*.

(Que só mais tarde entenderei.
Por enquanto, perto de mim,
algo se passa, impercebido,
como sempre se passam coisas
no deserto Caminho Novo
ou
neste menino peito ansioso.)

HISTÓRIA TRÁGICA

— Esta ponte está podre,
não passa de janeiro.
Ou cai agora ou não me chamo
Flordualdo.

— Esta ponte cair? Meu avô foi quem fez.
Ninguém vivo, atual, dura mais do que ela.
Esta ponte é de Deus,
é Deus quem toma conta
da madeira e dos ferros,
eterno, tudo eterno.

— Pois eu digo que sim.
Repare nos buracos.
Você passa e ela treme
de velhice. O caruncho
alastrado nas vigas.
Esta ponte é o diabo,
ela está condenada
só você que não sabe.

— Alto lá.
Esta ponte é sagrada.
É ponte de família
que meu pai ajudou
a tirar da cabeça
e a dominar as águas.
Ela há de viver
nos séculos dos séculos
contra caruncho e raio,
dynamite e praga.
E, pra encurtar conversa,
eu Mateus te afianço:
antes que a ponte caia,
você cairá da ponte
com esta bala certa:
toma.

SABER INCOMPLETO

— Mecê, cumpádi, já porvou
bunda de tanajura torradinha?

— De tanajura, cumpádi,
inté hoje não.

RESISTÊNCIA

O tísico
não tosse.

Não precisa tossir
para provar que continua tísico.
Rosto esverdinhado, barba por fazer,
pescoço envolto em lã xadrez,
roupa de brim dançante no esqueleto,
o tísico da cidade quando morre?

Cumprimentado de longe,
ninguém lhe aperta a mão.
Alguém já viu micróbios passeando
em seus ossudos dedos pré-defuntos.

Sua voz mal ouvida é som de longe,
de onde ninguém volta, ou só voltou
em véus de assombração. Terá morrido
o tísico, e transita,
pausado, de brim cáqui, em dia azul?

Morre de congestão o velho indagador,
de ataque morre súbito o fortudo
professor de ginástica. Morrem outros
de 20 anos, rapazes não marcados.
O tísico, vai tossindo, enterra todos.

ESTIGMAS

De tanto ouvir falar, já decorei
e me arrepio.

Cancro gálico ozena
três nódoas indeléveis
no andar, na roupa, na lembrança.

Pior do que matar.

Pior até do que furtar.

Ninguém aperte a mão
daquele que tiver

cancro

gálico

ozena.

Só se cumprimenta de longe
sem tocar na aba do chapéu.

Todo medo é pouco.

Não apenas o corpo:

o próprio nome do infeliz

fica nojento.

ORAÇÃO DA TARDE

Pelas almas,
pelas almas do Purgatório,
rezai a Salve-Rainha
Padre-Nosso, Ave-Maria,
as rezas que decorastes
no tempinho de criança.

Pelas almas,
pelas almas do Purgatório,
atirai vossas migalhas
sobre o vazio da Praça.
Têm fome de Deus as almas
e enquanto o não vão comendo
se consolam com esses restos.

Pelas almas
pelas almas do Purgatório,
desapertai vossas bolsas,
na sacola esfarrapada
quando bate à vossa porta
em nome da eternidade
o aleijado irmão-das-almas.

Pelas pobrinhas das almas.

A CONDENADA

Impossível casar a moça
bela branca rica
na terra onde príncipes não saltam
do armorial para pedir-lhe a mão
jamais.

Passam cometas de olhar astuto,
canastras sortidas.
Irão comprar a moça, mercadoria
sem preço na Terra?
Jamais.

Passam fazendeiros, botas esculpidas
no estrume, riso ruidoso
de dentes de ouro.
Cuidam levar a moça para saldar
suas hipotecas?
Jamais.

Passam mulatos de fina lábia
e mil apólices federais.
Como deixar que o sangue cruze
na alva barriga de alvas origens?
Jamais.

Condena-se a moça ao casamento
consigo mesma
na noite alvíssima
eternamente.

GOSTO DE TERRA

Na casa de Chiquito a mesa é farta,
mas Chiquito prefere comer terra.
Olho espantado para ele.
“Terra tem um gosto...” Me convida.
Recuso. “Gosto de quê?” “Ora, de terra,
de raiz, de profundo, de Japão.
Você vai mastigando, vai sentindo
o outro lado do mundo. Experimenta.
Só um torrãozinho.” Que fazer?
Insiste, mas resisto.
Prefiro comer nuvem, chego ao céu
melhor que o aeroplano de Bleriot.

O VISITANTE INÁBIL

Café coado na hora,
adoçado a rapadura bem escura,
deve ser servido na tigela
de flores de três cores,
flores pegando fogo, de tão quente
deve ser o café pra ser café
oferecível.

Queimo os dedos, viram cacos
as cores das três flores,
molho a calça, queimo a perna,
me envergonho:
Este café tem plenas condições
de ser bebido com prazer e continência,
e não corripondi à etiqueta
de beber café pelando em casa alheia.

PRIMEIRO COLÉGIO

FIM DA CASA PATERNA

I

E chega a hora negra de estudar.

Hora de viajar

rumo à sabedoria do colégio.

Além, muito além de mato e serra,

fica o internato sem doçura.

Risos perguntando, maliciosos

no pátio de recreio, imprevisível.

O colchão diferente.

O despertar em série (nunca mais
acordo individualmente, soberano).

A fisionomia indecifrável

dos padres professores.

Até o céu diferente: céu de exílio.

Eu sei, que nunca vi, e tenho medo.

Vou dobrar-me

à regra nova de viver.

Ser outro que não eu, até agora

musicalmente agasalhado

na voz de minha mãe, que cura doenças,

escorado

no bronze de meu pai, que afasta os raios.

Ou vou ser — talvez isso — apenas eu

unicamente eu, a revelar-me

na sozinha aventura em terra estranha?

Agora me retalha

o canivete desta descoberta:

eu não quero ser eu, prefiro continuar

objeto de família.

II

A “condução” me espera:

o cavalo arreado, o alforje

da matalotagem,

o burrinho de carga,

o camarada-escudeiro, que irá

na retaguarda,
meu pai-imperador, o Abre-Caminho.

Os olhos se despedem da paisagem
que não me retribui.

A casa, a própria casa me ignora.

Nenhuma xícara ou porta me deseja
boa viagem.

Só o lenço de minha mãe fala comigo
e já se recolheu.

III

São oito léguas compridas
no universo sem estradas.

São morros de não acaba
e trilhas de tropa lenta
a nos barrar a passagem.

Pequenos rios de barro
sem iaras, sem canoas
e uns solitários coqueiros
vigiando mortas casas
de falecidas fazendas.

Ou são mergulhos na lama
de patas que não têm pressa
de chegar a Santa Bárbara.

Quando termina a viagem,
se por acaso termina,
pois vai sempre se adiando
o pouso que o pai promete
a consolar o menino?

Que imenso país é este
das Minas fora do mapa
contido no meu caderno?

Que Minas sem fim nem traço
de resmungo entre raríssimos
roceiros que apenas roçam
mão na aba do chapéu
em saudação de passante?

O cavalgar inexperto
martiriza o corpo exausto.

Se bem que macia a seda,
deixa o traseiro esfolado.

Até que afinal, hosana!

apeando em São Gonçalo

diante da suspirada
venda de Augusto Pessoa,
meu pai, descansando, estende-me
o copo quente e divino
de uma cerveja Fidalga.
Bebi. Bebemos. Avante.

IV

Tenho que assimilar a singularidade
do trem de ferro.

Sua bufante locomotiva, seus estertores,
seus rangidos, a angustiante
ou festiva mensagem do seu apito.

Ah, seus assentos conjugados de palhinha
sobre o estofo.

Nunca viajei em bloco, a vida
começa a complicar-se.

Novidade intrigante, o sabonete
preso na corrente.

Minha terra era livre, e meu quarto infinito.

OMBRO

Se triste é ir para o colégio distante,
fica mais triste ainda
ao ver Sebastião Ramos chorando no ombro de meu pai:

“Estou perdido! Nunca mais levanto!
A quebra dessa casa é a minha morte”.
O fragor do trem martela seu desespero,
ou seu desespero rilha nos trilhos
e, na caldeira, queima?

Ei, Sebastião Ramos, faz assim não na minha frente!
Também estou perdido: morte no internato.
Morrer vivo o ano inteiro é mais morrer
embora ninguém perceba
e ficarei sem ombro
para acalantar a minha morte.
Ó Sebastião Ramos, você roubou meu ombro.

MESTRE

Arduíno Bolívar, o teu latim
não foi, não foi perdido para mim.
Muito aprendi contigo: a vida é um verso
sem sentido talvez, mas com que música!

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

AULA DE FRANCÊS

Cette Hélène qui trouble et l'Europe et l'Asie,

mas o professor é distraído,
não vê que a classe inteira se aliena
das severas belezas de Racine.

Cochicham, trocam bilhetes e risadas.

Este desenha a eterna moça nua
que em algum país existe, e nunca viu.

Outro some debaixo da carteira.

Os bárbaros. Será que vale a pena
ofertar o sublime a estes selvagens?

O Professor Arduíno Bolívar

fecha a cara, abre o livro.

Ele não os despreza. Ama-os até.

Podem fazer o que quiserem.

Ele navega só, em mar antigo,
a doce navegação de estar sozinho.

Tine a campainha.

Acabou a viagem, no fragor

de carteiras e pés.

O professor regressa ao rígido

sistema métrico decimal das ruas de Belo Horizonte.

AULA DE ALEMÃO

Baixo, retaco, primitivo,
Irmão Paulo, encarregado da livraria
e do ensino de Goethe a principiantes,
leu um único livro em sua vida:
Arte de Dar Cascudos,
que ele pratica bem, mas não ensina.
Os lábios assustados ficam mudos
para sempre, em germânico.

FIGURAS

O Meirinho, o Meirão. Um é craque na bola,
o outro, caricaturista. A vontade que sinto
de ter nascido J. Carlos e vencê-lo.
Dos três irmãos Lins, Ivan ainda não conhece
Auguste Comte e já se mostra sábio.
Capanema, o estudante
três vezes estudante, e completo.
O completo vadio,
ignoro se sou. Sei que não sei
estudar, e isto é grave. Jamais aprenderei.
Vou rasgando papéis pelo pátio varrido.
Todos riem baixinho. Vólto-me,
pressentimento.
Atrás de mim Padre Piquet vem, passo a passo,
pousa em meu ombro a punição.

CRAQUE

Segundo *half-time*.

Declina a tarde sobre o *match*
indefinido.

O Instituto Fundamental envolve o adversário.

A taça já é sua, questão de minutos.

Mas Abgar, certo, irrompe
de cabeçada,

conquista o triunfo para o deprimido
team confuso do Colégio Arnaldo.

Olha aí o Instituto siderado!

Despe Abgar o atlético uniforme,
simples recolhe-se ao salão de estudo
para burilar um dolorido
soneto quinhentista:

*Em vão apuro a minha fortitude,
Senhora, por vencer o meu amor...*

A NORMA E O DOMINGO

Comportei-me mal,
perdi o domingo.
Posso saber tudo
das ciências todas,
dar quinau em aula,
espantar a sábios
professores mil:
comportei-me mal,
não saio domingo.

Fico vendo mosca
zanzar e zombar
de minha prisão.
Um azul bocejo
derrama-se leve
em pó de fubá
no pátio deserto.
Não há futebol,
não quero leitura,
conversa não quero,
vai-se meu domingo.

Lá fora a cidade
é mais provocante
e seu pátio aberto
recobre ignorantes
dóceis ao preceito.
Que aventura doida
no domingo livre
estarão desfiando,
enquanto eu sozinho
contemplo escorrer
a lesma infindável
do meu não domingo?

Digo nomes feios
(calado, está visto).
Não vá ser-me imposta
a perda total
de quantos domingos

Deus for programando
em Minas Gerais.
Abomino a ordem
que confisca tempo,
que confisca vida
e ensaia tão cedo
a prisão perpétua
do comportamento.

PROGRAMA

Que vais fazer no dia de saída?

Acaso vais reinventar a vida?

Dizendo adeus a negras matemáticas,
nunca mais voltar ao colégio férreo?

Montar em pelo o macho Trintapatas
e galopar no rumo do Insondável?

Buscar destino de cigano ou pária,
livre pra lá da Serra do Curral?

Vais procurar o que é vedado e chama:
a pedra, o som, o signo, a senha, o sumo?

— Vou visitar os tios e os padrinhos.

Vou chateá-los e chatear-me, apenas.

(Preceito Dez, das Tábuas da Família.)

RUAS

Por que ruas tão largas?

Por que ruas tão retas?

Meu passo torto

foi regulado pelos becos tortos

de onde venho.

Não sei andar na vastidão simétrica

implacável.

Cidade grande é isso?

Cidades são passagens sinuosas

de esconde-esconde

em que as casas aparecem-desaparecem

quando bem entendem

e todo mundo acha normal.

Aqui tudo é exposto

evidente

cintilante. Aqui

obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

PARQUE MUNICIPAL

I

O portão do colégio abre-se em domingo.

Toda a cidade é tua e verde.

O Parque o barco o banco o leque
do pavão em grito e cor fremente o lago
sem que as estruturas de silêncio
desmoronem.

Quem passa? Nada passa. Aqui o tempo
aqui o ramo aqui o caracol

em ar benigno se entrelaçam, duram
eternamente a vez de contemplá-los.

Voltar? Para onde e quê, se existe onde
além deste? se em vão as matemáticas,
as químicas, preceitos...

És o Parque, total.

Nem desejas ser planta, estás embaixo
de toda planta, simples terra.

Por que se destaca da palmeira
o pederasta
e faz o gesto lúbrico, sorri?

II

A natureza é imóvel.

A natureza, tapeçaria
onde o verde silente se reparte
entre caminhos que não levam a nenhum lugar.
São caminhos parados. De propósito.

O lago, tranquilidade oferecida.

A pontezinha rústica de cimento
não é feita para ninguém passar
de um ponto a outro.

Feita para não passar.

A pontezinha sou eu ficar imóvel
por cima da água imóvel
na tapeçaria imóvel para sempre.

O barquinho da margem devia ser queimado.

APONTAMENTOS

O deslizante cisne destas águas,
nem simbolista nem parnasiano;
a tartaruga em si mesma trancada;
as rêmiges de fogo no viveiro;
o cris da areia em solas transeuntes;
o guarda que de inerte se assemelha
às árvores, e árvore é com sua farda;
o macaco brincando de ser gente;
a foto de jornal sobre o canteiro;
essa flor que nasceu sem dar aviso
nos ferros rendilhados do gradil;
a caixa envidraçada de empadinhas
e cocadas baianas logo à entrada;
o ver, em si, como ato de viver;
o perder-se e encontrar-se nas aleias,
no entrelaçar de curvas sombreadas,
de onde espero surgir alguma ninfa
sem que surja nenhuma (e continuo
procurando a metáfora do sonho);
o barquinho alugado por sessenta
minutos, e o perfume, que é gratuito,
de resinosos troncos tutelares
desta gentil paisagem recolhida;
uma cantiga — *ó minha Carabu...* —
entoada à distância e logo extinta;
o torpor que a meu ser eis se afeiçoa
na vontade de relva, de reflexo,
de sopro, de sussurro me tornar;
a ausência de relógio e de colégio,
de obrigação, de ação, de tudo vão.

LIVRARIA ALVES

Primeira livraria, Rua da Bahia.
A Carne de Jesus, por Almqüio Diniz
(não leiam! obra excomungada pela Igreja)
rutila no aquário da vitrina.
Terror visual na tarde de domingo.

Volto para o colégio. O título sacrílego
relampeja na consciência.
Livraria, lugar de danação,
lugar de descoberta.

Um dia, quando? Vou entrar naquela casa,
vou comprar
um livro mais terrível que o de Almqüio
e nele me perder — e me encontrar.

FRIA FRIBURGO

PRIMEIRO DIA

Resumo do Brasil no pátio de areia fina.

Sotaques e risos estranhos.

Continente de almas a descobrir

palmo a palmo, rosto a rosto,

número a número,

ferida a ferida.

Mal nos conhecemos, a palavra-mistério

na pergunta-sussurro

é pedrada na testa:

— Você gosta de foder?

SEGUNDO DIA

Sou anarquista. Declaro honestamente.

(A tarde vai cerzindo no recreio
o pano de entrecortada confissão.)

Espanto, susto. Como?

O quê? Por quê? Explica essa besteira.

A solução é a anarquia. Sou
anarquista. Nem de longe vocês captam
o sublime anarquismo. Sou.

Com muita honra. Mas vocês, que são?

Vocês são uns carneiros
de lã obediente.

Zombam de mim. Me vaiam: Anarquista
a-nar-quis-tá a-nar-quis-tá-tá!

(Medo de mim, oculto em gozação?)

O bicho mau, o monstro repelente
conspurcando o jardim de Santo Inácio.

Avançam. Topo a briga. Me estraçalho
lutando contra todos. Furor mil.

Morro ensanguentado. Não. Não mato algum
nem me tocam sequer.

Negro e veloz, chegou a tempo
o Padre, e me salva do massacre,
porém não do apelido: o Anarquista.

TERCEIRO DIA

Mamãe, quero voltar
imediatamente.
Diz a Papai que venha me buscar.
Não fico aqui, Mamãe, é impossível.
Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro
este infinito espaço ultrafechado.
Esta montanha aqui eu não entendo.
Estas caras não são caras da gente.
E faz um frio e tem jardins fantásticos mas sem
o monsenhor, o beijo, a crisandália
que são nossos retratos de jardim.
Da comida não queixo, é regular,
mas falta a minha xícara, guardou
para quando eu voltar?
Ai, Mamãe, minha Mãe, o travesseiro
eu ensopei de lágrimas ardentes
e se durmo é um sonhar de estar em casa
que a sineta corta ao meio feito pão:
hora de banho madrugadora
de chuveiro gelado, todo mundo.
Nunca tomei banho assim, sou infeliz
longe de minhas coisas, meu chinelo,
meu sono só meu, não nesta estepe
de dormitório que parece um hospital.
Mamãe, o dia passou, mas tão comprido
que não acaba nunca de passar.
Um ano à minha frente? Não aguento.
Mas farei o impossível. Me abençoe.
E faz um frio... a caneta está gelada.
Não te mando esta carta
que um padre leria certamente
e me põe de castigo uma semana
(e nem tenho coragem de escrever).
Esta carta é só pensada.

LIÇÃO DE POUPANÇA

Todo aluno tem direito
ao dinheiro do “bolsinho”
para comprar gulodices
e outros gastos fantasistas.

Mas o bolso do uniforme
jamais viu esse dinheiro
fornecido pelos pais.
Fica na tesouraria.

Sexta-feira a gente faz
o pedido por escrito:
“Quero quatro bons-bocados
e um pote de brilhantina”.

Domingo no pátio a hora
de entrega das encomendas:
“Não se encontrou bom-bocado,
aqui estão quatro mães-bentas.

Quanto à brilhantina, excede
o limite do bolsinho
e as dimensões da vaidade.
Poupe mais o seu dinheiro”.

O DOCE

A boca aberta para o doce
já prelibando a gostosura,
e o doce cai no chão de areia, droga!

Olha em redor. Os outros viram.
Logo aquele doce cobiçado
a semana inteira, e pago do seu bolso!
Irá deixá-lo ali, só porque os outros
estão presentes, vigilantes?

A mão se inclina, pega o doce, limpa-o
de toda areia e mácula do chão.
“Se fosse em casa eu não pegava não,
mas aqui no colégio, que mal faz?”

COMEÇAR BEM O DIA

A missa matinal, obrigação
de fervor maquinal.

Em fila religiosa penetramos
na haendeliana atmosfera do órgão,
no incenso do recinto.

Cada um de nós pensa em outra coisa
diferente de Deus.

Ai, nosso Deus compulsório!

Proibido olhar o fundo da capela
onde rezam as moças de Friburgo,
as inacessíveis, castelanárias
moças friorentas de Friburgo.

Alguma delas me vê, sabe que existo?

Um dia notará que penso nela,
sem que eu saiba sequer em qual eu penso?

Se acaso, prosternado,
eu virasse o pescoço e vislumbrasse
entre rostos o rosto que me espera
e ele me sorrisse,
a vida era de súbito radiante,
o colégio era a Grécia, a Pérsia, o Não Narrável.

Baixo, entanto, a cabeça,
ouço a voz do oficiante, monocórdia.
Convida-me a pastar arrependimento
de faltas nem de longe cometidas,
obscuros crimes em ser.

Moça alguma verei no só relance
de entrada e saída, em fila cega.

A DECADÊNCIA DO OCIDENTE

No ano de 18,
plangem veteranos;
“Nosso jornalzinho
não é mais aquele.
Foi-se a Academia
de jovens talentos.
Os restantes árcades
jogam futebol.
Agora, estilistas,
só na arte do pé.
Somem os poetas,
vão-se os prosadores.
Não há mais cultura
e, se depender
dessa geração
de racha-piões,
que irá restar
do nosso idioma
e nossa tradição?
Ah, nos velhos tempos
isso aqui andava
cheio dos Camões,
dos Ruis, dos Bilacs
e dos Castros Lopes...”

ESTREIA LITERÁRIA

Desde antes de Homero
a aurora de dedos róseos
pousava todas as manhãs
por obrigação.

Não assim tão róseos.

Nossa aurora particular baixa num vapor
de frio do alto da serra, e mal nos vemos,
errantes, no recreio, em meio a rolos
de névoa.

Outra aurora eu namoro: a *Colegial*.

Quatro páginas. Quinzenal. 300 réis.

“Periódico da Divisão dos Maiores.”

Quero escrever, quero emitir clarões
de astro-rei literário em suas edições.

Dão-me, que esplendor, primeira página,
primeira, soberbíssima coluna.

É a glória, entre muros, mas a glória.

Contemplo, extasiado,

o meu próprio talento em letras públicas.

Ler? Não leio não.

Quero é sentir meu nome, com a notinha:

“Aluno do segundo ginásial”.

Já são quatro da tarde.

Até agora ninguém

veio gabar-me a nobre criação.

Ninguém gastou 300 réis para me ler?

Será que meu escrito

não é lá uma peça tão sublime?

Decido-me a encará-lo mais a fundo.

Vou me ler a mim mesmo. Decepção.

O padre-redator introduziu

certas mimosas flores estilísticas

no meu jardim de verbos e adjetivos.

Aquilo não é meu. Antes assim,

ninguém me admirar.

O RATO SEM RABO

Que vem fazer este ratão sem rabo
no rancho dos Maiores, provocando
tamanha bulha que derruba a mesa
de pingue-pongue em pleno jogo
e entra o *center-forward* com bola e tudo
no *goal-post* sem *goalkeeper*
e arregaça o prefeito a negra túnica
para correr atrás do bicho insólito
e a disciplina se desfaz em pândega?

Que quer dizer esse rabão sem rato
na ratoeira do pátio dos Médios
despojada de queijo,
senão que nos Médios ninguém sabe
pegar de um rato mais que seu apêndice?

A pau e pontapé vamos caçá-lo
e, está claro, vivo devolvê-lo
com os nossos cumprimentos
ao sítio de onde veio,
para que, unindo rabo e rato, aqueles frouxos
saibam matar um rato por inteiro.

COBRINHA

Este salta com uma cobra
na mão.

Que vantagem pegar em cobra morta?

Decerto nem foi ele quem matou.

Achou a cobra inanimada,
exibe-a qual troféu.

É uma cobra verde — reparamos,
admirável cobrinha toda verde,
lustroso verde nítido novinho
como não é qualquer planta que possui.
Estaco, deslumbrado.

Se eu pudesse guardá-la para mim,
enfeitar a carteira com seu corpo...

— Você me vende essa bichinha?

PAVÃO

A caminho do refeitório, admiramos pela vidraça
o leque vertical do pavão
com toda a sua pompa
solitária no jardim.
De que vale esse luxo, se está preso
entre dois blocos do edifício?
O pavão é, como nós, interno do colégio.

A LEBRE

Apareceu não sei como.
Queria por toda lei
desaparecer num relâmpago.
Foi encurralada
e é recolhida,
orelhas em pânico,
ao pátio dos pavões estupefatos.
Lá está, infeliz, roendo o tempo.
Eu faço o mesmo.

MARCAS DE GADO NA ALMA

Bicanca, Sapo Inchado, Caveira Elétrica,
Pistola Dupla, Zé Macaco, Apara Aí,
Quisira,
Marreco,
Massa Bruta...
Ainda bem que o apelido de Anarquista
tem certa dignidade assustadora.
Isso consola?

LORENA

Lorena, contemplado com malícia,
deixa-se estar, languidamente efebo.
Bailam, sob a atração de luz ambígua,
em seu redor, mutucas de desejo.

E Lorena sorri, sua cabeça
responde *não* aos gestos insistentes.
Que matéria excitante para o arpejo
noturno, antes-depois da penitência!

Dormir sonham os Grandes com Lorena,
mas onde? quando? se este ano letivo
dura uma eternidade, pelo menos,
e depois vem o tempo, o tempo livre
de viajar na coxa das mulheres,
e Lorena se esgarça na lembrança?

A BANDA GUERREIRA

Maestro Azevedo, em hora de inspiração,
compõe a *Marcha de Continência*
que a banda executa com bravura
dócil.

Vêm depois *Salut au Drapeau*, de Van Gael,
Per la Bandiera, de Lamberti.

Sem esquecer, meu Deus, a *Canção do Soldado*
que nos acompanha até no passeio geral,
espontânea, sem banda, imperiosa,
no garganteio, no assobio.

As bandas!

Para isso existem elas
e também para dispensar de aula
os músicos na hora de ensaiar.

Se eu soubesse tocar alguma coisa
no mínimo instrumento
(ao menos fingir que...).

Nada, rendosamente nada.

Tenho que marchar, canhestro, em continência.

ORQUESTRA COLEGIAL

Strutt e Mancini, os dois maestros,
me levam para o outro lado da música.
O cisne de Saint-Saëns é um lírio no lago
do violino.
Grieg ressoa em primavera.
Manon
Massenet
minueto
mais a sonata de Corelli, a *Berceuse* de Weber...
e já bêbados
de celeste piano e de sublimes cordas,
ouvimos, cochilando,
o *Noturno* de Chopin e o *Noturno* de Strutt
pela mesma orquestra, sob a mesma
chuva estrelada de palmas das famílias presentes.

ARTISTAS ADOLESCENTES

O piano de Mário,
o violoncelo de Luís Eduardo,
o violino de Clibas,
quem, entre Grandes, Médios e Menores,
suplantará?

O piano, talvez, de Luís Cintra?
O violoncelo de Henrique?
O violino de Vítor Saraiva?
Alguém, ainda, que vai nascer?

Empate. Empate. Empate. O jeito
é fazer com que toquem sempre aos pares,
imbatíveis.

SESSÃO DE CINEMA

Não gostei do *Martírio de São Sebastião*.

Pouco realista.

Se caprichassem um tanto mais?...

Prefiro mil vezes *Max Linder Asmático*.

Ah, que não tarde a vir do Rio

o anunciado *Catástrofe Justiceira*.

Deve ser formidável.

Repito baixinho:

Catástrofe Justiceira. Catástrofe.

Que pensamento diabólico se insinua

no gozo destas sílabas?

Até agora só tivemos

coisas como *O Berço Vazio*,

O Pequeno Proletário,

Visita ao Jardim Zoológico de Paris.

Não me interessam documentários insípidos.

Quero uma boa catástrofe bem proparoxítona,

mesmo não justiceira. Mesmo injusta.

Será que na sessão do mês que vem

terei este prazer?

VERSO PROIBIDO

Há os que assobiam *Meu Boi Morreu*,
os que cantarolam *Luar do Sertão*.

O 48, da Divisão dos Médios,
embala o pensamento repetindo:
Santo Inácio de Loiola,
fundador desta gaiola

Vai distraído pelo pátio.

Escutam-no, levam-no à cafua.

Em vão tenta explicar

que o verso não é seu,

é de todo mundo,

é de ninguém.

Fica em solidão o tempo necessário

para aprender, contrito,

que com Santo Inácio não se brinca

nesta gaiola.

RECUSA

Não entendo, não engulo este latim:

Perinde ac cadaver.

“Você tem que obedecer como um cadáver.”

Cadáver obedece?

Tanto vale morrer como viver?

Para isso nos chamam, nos modelam?

Bem faz Padre Filippo:

cansado de obedecer, vai dar o fora

para viver no mundo largo

a fascinante experiência de só receber ordens

do seu tumultuoso coração.

INVENTOR

Entre Deus, que comanda,
e guris, que obedecem,
entre aulas a dar
o mês inteiro, a vida inteira, a inteira eternidade
(não cresça o Brasil afastado da ciência,
nem do Senhor acima de toda ciência)
e sob a esperança do Paraíso,
o padre português, no confessionário,
antes que o pecador
debulhe seus pecados
indaga:
“Quantas vezes mexeste no pirulito?”.
Finda a obrigação,
recolhe-se ao quarto ascético,
dedica-se ao aperfeiçoamento
de sua invenção, o ovoscópio,
que identifica os ovos chocos
e os separa dos bons,
assim como Deus, no Juízo Final,
vai separar as almas santas e as corruptas.

O SOM DA SINETA

Já não soa a sineta
com a mesma nitidez.
Não aprende Alaor
a modelar o som.
Rotina de internato
era esperar o toque
tornado familiar
até para acordar.
O tocador bisonho
lanha nosso equilíbrio.
Éramos resignados,
eis-nos hoje assustados.
Que nos promete o dobre
irregular e seco?
O som antigo evola-se,
deixa baixar o medo.

ENIGMA

Para merecer alto louvor,
chegar talvez aos pés de Lídio, o sábio,
que todas as medalhas arrebatara
e mais arrebatara se as houvera,
terei de decifrar no jornalzinho
enigmas como este:

*Quel est le célèbre empereur romain
qui n'avait pas le nez pointu?*

Como saber, Jesus, se eles são mil
e nunca reparei em seus narizes?
Se o compêndio não dá senão uns raros
rostos glabros, de nariz romano?
Qual será: Calígula, Tibério?
Vitêlio, Petrônio Máximo, Elagábalo?

Desisto de encontrar
a linha de um nariz,
a marca de um perfil,
a sorte de um aplauso.
— *Néron (nez rond)* sorri, piscando o olho,
o Padre Rubillon,
ao avaliar a rasa superfície
de minha rasa ignorância.

SOMEM CANIVETES

Fica proibido o canivete
em aula, no recreio, em qualquer parte,
pois num país civilizado,
entre estudantes civilizadíssimos,
a nata do Brasil,
o canivete é mesmo indesculpável.

Recolham-se pois os canivetes
sob a guarda do irmão da Portaria.

Fica permitido o canivete
nos passeios à chácara
para cortar algum cipó
descascar laranja
e outros fins de rural necessidade.

Restituam-se pois os canivetes
a seus proprietários
com obrigação de serem recolhidos
na volta do passeio, e tenho dito.

Só que na volta do passeio
verificou-se com surpresa:
no matinho ralo da chácara
todos os canivetes tinham sumido.

CAXERENGUENGUE

Não é à toa que Sabino, dos Maiores,
à falta de instrumentos confessáveis,
monta a indústria do caxerenguengue.
E afia fino o fio enferrujado,
alisa a lâmina sem cabo
que encontrou não sei onde, obstinado
à procura de ferro-aço cortante.

Trabalhando em surdina, já prepara
três caxerenguengues razoáveis.
Vou aperfeiçoar — diz ele — o meu produto,
é claro, não já por um mil-réis.

Cada cliente dele, sub-reptício,
porta em sigilo a arma bem brunida,
que um dia servirá para ajudar
Nat Pinkerton na luta contra Raffles
o gatuno elegante,
ou, quem sabe? Raffles contra Nat,
além de préstimos menores e pacíficos.
Exemplo: o doce préstimo
de ter algo escondido em nossa vida.

PASSEIO GERAL

Uma vez por mês
café da manhã
com pão e manteiga.
Nesse pão de sempre
a manteiga é signo
de um dia feliz.

Uma vez por mês
passeio geral.
Saímos aos três
em fila informal,
vigilante ao lado,
no rumo sabido:
chácara do Braga.
Manhãzinha branca,
fantasmas nevoentos
saindo da bruma,
passamos na ponte
do Rio Bengalas.

Latões de tutu,
de linguiça e arroz
vão na carrocinha.

Uma vez por mês
é a liberdade
ou seu faz de conta
por algumas horas:
água, mato, riso,
canto, bola, gruta
onde se penetra
um de cada vez
e só entra quem
no peito escorraça
outro candidato.

Lá dentro gritamos
sob o teto baixo
chamando o paciente
mistério do eco.

Diverte-se o medo
na volta instantânea

ao adormecido
homem da caverna.
Que estrondo lá fora
transforma o brinquedo
em puro terror?
Os maximalistas
chegam a Friburgo
instaurando a guerra
em pleno passeio?
Saio a quatro pernas:
o boneco estranho,
o bicho-preguiça
que o Irmão Primavera
preparou com arte
e gordo recheio
de bombas e traques
explode na luz
qual fosse o demônio.
Uma vez por mês
acontecem coisas
não convencionais.
Sentados no chão
ou em tocos de árvore
nosso piquenique
é comer de deuses.
Come-se dobrado,
come-se com fome
de comer o raro
prazer do ar livre.
Mas que é isso? Um pingo,
outro pingo, pingos
na minha comida
que já se derrete
sob a chuva forte.
Depressa, correr
e pedir abrigo
na casa do Braga
onde uma sanfona
acompanha lenta
o chicote rápido
da chuva nas folhas.
Uma vez por mês
essa expectativa

de um dia feliz
ou dia frustrado.
Vigilante ao lado,
em fila de três
depois da estiada
a volta na lama
do chão encharcado.
Todo um mês à frente
a passar na espera
dessa vez por mês.

POSTOS DE HONRA

148 generais à frente de três Divisões
— Pequenos, Médios e Maiores.
Incontável o número de coronéis.
Estarei no colégio ou isto é o Exército?
Se os coronéis anelam promoção,
podem os generais ser rebaixados.
Cada patente não dura mais do que dois meses.

Eu, general, neste bimestre?
Só porque estudei cem réis de geografia,
duzentos réis de português?
Meu Deus, é muita glória
para tão frágeis ombros ignorantes.
Jamais serei general em aritmética.

CAMPEONATO DE PIÃO

Bota parafuso no bico do pião.
Bota prego limado, bota tudo
pra rachar o pião competidor.

Roda, pião!

Racha, pião!

Se você não pode rachar este colégio,
nem o mundo nem a vida,
racha pelo menos o pião!
(Mas eu não sei, nunca aprendi
rachar pião. Imobilizo-me.)

DORMITÓRIO

Noite azul-baça no dormitório onde três lâmpadas de tom velado controlam minha ensimesmada quietude. Que faço aqui, longe de Minas e meus guardados, neste castelo de aulas contínuas e rezas longas?

Prisão de luxo, todo conforto, luz inspetora de sonhos ilícitos. Joelho esticado: nenhuma saliência a transgredir a horizontal postura de sono puro. Fria Friburgo, mas aqui dentro a paz de feltro.

No azul mortiço de oitenta camas, boiam saudades de longes Estados, distintas casas, tantas pessoas. Incochilável, o irmão vigilante também passeia sob cortinas sua memória particular?

Uns já roncando. O azul nublado envolve em rendas de morte vaga os degredados filhos-família. Fugir, nem penso. Mas fujo insone, meu pensamento alcança o longe, apalpo-me egresso do grande cárcere.

Vou correndo, vou voando,
chego em casa de surpresa,
assusto meu pai-e-mãe:
— Não quero, não quero mais,
não quero mais voltar lá.
(É tudo que sai da boca,
é tudo que sei dizer.)
— Que papelão!
Se não voltar, te castigo,
te deserdo, te renego.
O dinheiro posto fora,
as esperanças frustradas,
botarei na tua conta
em cifras de maldição.
— O que o senhor fizer
está bem feito, acabou-se,
mas não me tire de junto
da família e do meu quarto.
Me ponha tangendo gado
ou pregando ferradura,

me faça catar café,
aos capados dar lavagem,
mas eu não volto mais lá.
É bom demais para mim,
é tudo superior,
mas lá eu sou infeliz,
lá eu aprendo obrigado,
não por gosto de aprender.

Tem hora de liberdade
e hora de cativo,
mas a segunda é total,
a primeira, imaginária.
Tem hora de se explicar,
hora de pedir desculpa,
hora de ganhar medalha,
hora de engolir chacota
(é a hora de ler a nota
do nosso comportamento),
hora de não reclamar,
hora de...

Por Deus, não quero voltar
a esse estranho paraíso
calçado de pão de ló, futebol e humilhação.
— Já disse: está decidido.
Some da minha presença.
— Papai!...

A tosse ao lado me traz de volta ao azul-penumbra.
Quando termina, se é que termina, o meu exílio?
Que tempo é novembro, se ainda há novembro no calendário?
Na noite infinda, por que minha noite ainda é maior?
Fugir não adianta. Não adianta senão: dormir.

DIREITO DE FUMAR

O pensamento de cigarro
vem, ondulante, frequentar-me,
eu que não fumo.
Bem que o pai podia consentir:
“O 74 está crescido,
pode fumar dois Sônia por semana”.
Assim decide a lei,
aos Grandes permissiva,
quando o pai autoriza esse limite.
Privilégio de Grandes, e sou Grande.
Hei de fingir que fumo, se puder
levar à boca este direito
e à vista de todos a eminência
de ser fumante às claras.

Mas se eu pedir ao pai e ele me nega?
Pior: se ele concede?
Não sei, não sei tragar
(tragar, essencial entre varões).
Abomino o que sonho, me divido
e dividido entro na conjura
escusa dos fumantes clandestinos.

Atento às numerosas portas de privadas,
o Prefeito não vê que em cada uma
no tampo da latrina
um toco de cigarro está à espera
de ser fumado e conservado
para outro fumante e mais um outro
até que apenas cinza
desapareça na descarga.
Um infinito resto de cigarro,
mais duradouro que o cigarro inteiro,
e ai de quem esgote essa riqueza
ainda a tantos outros destinada.

Mas qual o desgraçado
a sair de boca aberta, revelando
o cheiro do prazer, ou que lá dentro
fez soltar a treda fumacinha

que a discrição das portas atravessa
e acaba com a festa das baganas
antes que eu (e sou Grande) participe?

PUNIÇÃO

“74, fique de coluna.”

Lá vou eu, de castigo, contemplar
por meia hora o ermo da parede.

Meia hora de pé, ante o reboco,
na insensibilidade das colunas
de ferro (inaciano?) me resgata.

Eis que eu mesmo converto-me em coluna,
e já não é castigo, é fuga e sonho.
Não me atinge a sentença punitiva.

Se pensam condenar-me, estão ilusos.
A liberdade invade minha estátua
e no recreio ganho o azul distância.

ARTE FULMINADA

O tapete de areia colorida
que vamos delineando no recreio
há de ser celebrado toda a vida
como arte maior do nosso tempo.

O risco não é nosso. Irmão Luís
concebeu o mirífico traçado,
mas se ajudo na obra estou feliz.
Cada bloco amarelo é meu florão.

Medieval já me sinto a construir
a catedral em ouro friburguense,
em parte, pelo menos, coisa minha.

Contemplo a criação. Deus fez o mesmo?
Talvez. E enciumado, num momento,
destrói nosso tapete a chuva e vento.

SACRIFÍCIO

— Otávio, Otávio, que negócio é este?
Vadias ano inteiro e te despedes
com o peito faiscando de medalhas.

— É, troquei-as por bombas e brioches
semana após semana, mês a mês,
e muito me custou esta grandeza.
Passei fome... e alimento-me de glória.

ESPLENDOR E DECLÍNIO DA RAPADURA

Os meninos cariocas e paulistas
de alta prosopopeia
nunca tinham comido rapadura.

Provam com repugnância
o naco oferecido pelo mineiro.
Pedem mais.

Mais.

Ao acabar, há um pequeno tumulto.

Daí por diante todos encomendam
rapadura.

Fazem-se negócios em torno de rapadura.

Há furtos de rapadura.

Conflitos por causa de rapadura.

Até que o garoto de Botafogo parte um dente
da cristalina coleção que Deus lhe deu
e a rapadura é proscrita
como abominável invenção de mineiros.

FÓRMULA DE SAUDAÇÃO

“As flores orvalhadas
parecem pressurosas
de ofertar
ao amado Reitor
ao bondoso Ministro
ao querido Prefeito
a fragrância de suas pétalas.
Colhei-as e aspirai-as
e que o suave olor
por elas derramado
vos permita esquecer
pequenos dissabores
passageiros desgostos
que nossa irreflexão
já vos tenham causado.
Arrepentidos pois,
ousamos implorar
um indulto completo,
bem assim prometemos
envidar mil esforços
para que dora em diante
nosso procedimento
só vos desperte júbilo
como indenização
pelo passado.
Feliz aniversário,
muitas felicidades!”

DISCURSOS

Chegam os padres de Paris.
São festejados com discursos.
Fazem anos os padres importantes.
Envolve-os o aroma de discursos.
Convalescem os padres de sombrias
pneumonias duplas.
Em discursos a alta se proclama.

Que fizeram de imenso?

Chegaram,
aniversariaram,
enfermaram,
escaparam.

A oratória celebra estes prodígios
em tropos sublimes. Como falam
bonito meus colegas.

Que anástrofes, metáforas, perífrases,
que Cíceros, Demóstenes e Ruis.

Na aula de Português eles nem tanto.

Mas é soltar o verbo, e jorram
estrelas em forma de vocábulos
para saudar nossos amados guias.

O espírito da eloquência
baixa de não sei onde e lhes inspira
rasgos terreaux de Mont'Alverne.

É pena: ainda não vi
ninguém fazer um discursinho mesmo chocho
ao Irmão Falcão, enaltecendo
a grata, oportuna cervejinha
por ele fabricada.

RETIRO ESPIRITUAL

Padre Natuzzi, voz de ouro,
fala do céu, essa infinita aurora
a que seremos todos transportados
se.

Fala também do abismo arquimedonho
em que, a gordurosas culpas amarrado,
de ponta-cabeça irei precipitar-me
se.

Nem preciso escutá-lo.
É pregador tão célebre, sua prédica
penetra na consciência sem passar
por distraída orelha.
Já deliberei: a santidade
é meu destino.

Juiz não quero ser, nem artilheiro,
médico, romancista ou navegante.
Quero ser e vou ser: apenas
santo.
Pode voltar, Padre Natuzzi, descansado.

Em beatitude sorvo o almo silêncio
do pátio onde passeiam pensativos
os de ontem ruidosos palradores.
A alma! A alma! Que beleza é a alma!

Ela salva! E eu salvo com ela...
se não fosse
esse colega aí, rangente, a remoer
em voz informativa autorizada
vidas de santos, único a falar,
perturbando a minha salvação.

E santo já não sou,
mas barro e palavrão,
humana falha, signo terrestre.

O COLEGIAL E A CIDADE

Fizeram bem os suíços
fundando Nova Friburgo,
pois um século depois
esta semana de festas
celebra o acontecimento.
Menos aulas; mais saídas.
Vamos cantar pelas ruas
louvores a Deus e à Pátria,
mas vamos principalmente
ver as doces friburguenses
com quem sonhamos à noite
e, mesmo durante o dia,
sonhamos... sem esperança.
Barcos no Rio Bengalas
despertam admiração
e mitos venezianos.
Pudéssemos nós levar
essas meninas nos barcos
e de rio em rio até
às ondas do mar infindo
para cruzeiros bem longe
dos padres que nos vigiam...
Carlos, não pense mais nisso,
contente-se em ver as flores
desabrochadas adrede
para exaltar os suíços.
Entre os alunos, cantores
de bela voz empostada
na missa campal entoam
motetes bem ensaiados.
Têm seu minuto de glória.
Você não sabe cantar.
Pegou então a espingarda,
saiu fardado e chibante
(não muito, é claro), formando
no batalhão escolar,
Tenente Brasil à frente,
nessa rude caminhada

ao ritmo da *Pátria Amada*.
Dor nas costas! A que vieram
esses suíços? Fundaram
sua colônia, e um colégio
depois se plantou aqui?
Estava bem descansado
em meu sobrado mineiro,
era rei da minha vida,
imperador de mim mesmo,
e agora essa confusão.
Friburgo Futebol Clube
acolhe nossos dois times.
Por 4 a 1 os vermelhos
ganham folgado dos pretos.
Você nem é dos vencidos.
Que faz aí, de boboca?
Já vem a sombra caindo
sobre o musgo das encostas
e os alados movimentos
e os bigarrados vestidos
das moças perturbadoras
em grupos pelos canteiros.
E quando a tarde falece
fica tudo mais difícil
no peito de aluno interno.
Adeus, cidade, adeus, vida
cá fora rumorejante.
Pior ainda na tarde,
pois já se acendem os fogos
da noite festejadora.
Toda Friburgo relumbra
de luzes especiais
e nós só podemos vê-las
do interior do *chatô*
como os cativos de Antero,
lidos em livro escondido,
contemplam o firmamento.
É nisso que dão leituras
de poesias sombrias.
A noite do centenário
da chegada dos suíços
é noite maior na gente.
Sentir que lá fora estão

se divertindo fagueiros,
que há risos, beijos, cerveja
e não sei mais que delícias,
e eu aqui me torturando
com tábua de logaritmos...
Vão pro inferno os centenários!

CERTIFICADOS ESCOLARES

I

Do certame literário
neste grande educandário,
o nosso aluno mineiro,
pacato, aplicado, ordeiro,
sai louvado com justiça,
por ter galgado na liça
este sonhado ouropel:
o posto de coronel
em francês, inglês, latim.
Que Deus o conserve assim.

II

Em literário certame
após rigoroso exame
escrito, oral e o que mais,
de resultados cabais,
o nosso caro estudante
discreto, pouco falante,
conquistou em português,
sem mas, porém ou talvez,
o ápice colegial
dos galões de general.

III

Por seu bom comportamento
em cada hora e momento,
seja em aula ou no recreio,
na capela ou no passeio,
acordado e até no sono
(do que todos dão abono),
receberá hoje ufano
o prêmio maior do ano,
e que em silêncio não passe:
medalha de prima classe.

IV

Que resta fazer agora

no adiantado da hora
de nossa faina escolar
em forma complementar
com relação a este aluno
e que se torne oportuno
para melhor prepará-lo
qual adestrado cavalo,
da vida no páreo duro?
Que seja expulso — no escuro.

ADEUS AO COLÉGIO

I

Adeus, colégio, adeus, vida
vivida sob inspeção,
dois anos jogados fora
ou dentro de um caldeirão
em que se fritam destinos
e se derrete a ilusão.

Já preparo minha trouxa
e durmo na solidão.

Amanhã cedo retiro-me,
pego o trem da Leopoldina,
vou ser de novo mineiro.

Da angústia a lâmina fina
começa a me cutucar.

É uma angústia menina,
ganhará forma de cruz
ou imagem serpentina.

Sei lá se sou inocente
ou sinistro criminoso.
Se rogo perdão a Deus
ou peço abrigo ao Tinhoso.

Que será do meu futuro
se o vejo tão amargoso?
Sou um ser estilhaçado
que faz do medo o seu gozo.

II

Nada mais insuportável do que essa viagem de trem.
Se me atrassem no vagão de gado a caminho do matadouro
talvez eu me soubesse menos infeliz.

Seria o fim, e há no fim uma gota de delícia,
um himalaia de silêncio para sempre.

Não quero ouvir falar de mim.

Não quero eu mesmo estar em mim.

Quero ser o barulho das ferragens me abafando,
quero evaporar-me na fumaça,
quero o não querer, quero o não quero.
Como custa a chegar o chão de Minas.

Será que se mudou ou se perdeu?
Olho para um lado. Para outro.
O esvoaçar de viuvez
no todo preto da senhora à esquerda,
no preto dos vestidos, das meias e sapatos
de duas mocinhas de olhos baixos,
não tão baixos assim. Essa os levanta,
cruza com os meus, detêm-se. O luto evola-se.
É um dealbar no trem tristonho,
sonata em miosótis, aragem na avenca
súbito surginte
em jarra cristalina.
Cuidados meus, desgraças minhas,
eia, fugi para bem longe.
O idílio dos olhos vos expulsa,
como expulso fui eu, ainda há pouco,
de outra forma — que forma? nem me lembra.
Vem do céu a menina e a ele me leva,
leves, levíssimos os dois.
Palavra não trocamos: impossível
mãe presente.
E para que trocá-las, se nem sei
se vigoram palavras nesta esfera
diáfana, a que me vejo transportado?
Nem ideia de amor acode à mente,
que o melhor de amar não é dizer-se,
nem mesmo sentir-se: é nos abrir
a mais sublime porta subterrânea.
Estou iluminado
por dentro, no passado,
no futuro mais longínquo
e meu presente é não estar no tempo
e alçar-me de toda contingência.
De banco de palhinha a banco de palhinha,
entre fagulhas de carvão
fosforescentes na vidraça,
entre conversas e pigarros,
diante do chefe de trem que picota bilhetes,
torna-se a vida bem não desgastável
se a menina sorri
quase sem perceber que está sorrindo.
Nem a irmã reparou. Mas eu colhi
a laranja de flores deste instante

que vou mastigando como um deus.
Foi preciso sofrer por merecê-la?
Agora que a alcancei, não deixo mais
este comboio, este sol...

III

Por que foi que inventaram
a estação de Entre Rios?
E por que se exige aqui baldeação
aos que precisam de Minas?
Já não preciso mais. Vou neste trem
até o infinito dos seus olhos.
Advertem-me glacialmente:
“Tome o trem da Central e vá com Deus”.
Como irei, se vou sozinho e sem mim mesmo,
se nunca mais, se nunca mais na vida
verei essa menina?
Expulso de sua vista
volto a saber-me expulso do colégio
e o Brasil é dor em mim por toda parte.

MOCIDADE SOLTA

A CASA SEM RAIZ

A casa não é mais de guarda-mor ou coronel.
Não é mais o Sobrado. E já não é azul.
É uma casa, entre outras. O diminuto alpendre
onde oleoso pintor pintou o pescador
pescando peixes improváveis. A casa tem degraus de mármore,
mas lhe falta aquele som dos tabuões pisados de botas,
que repercute no Pará. Os tambores do clã.
A casa é em outra cidade,
em diverso planeta, onde somos o quê? numerais moradores.

Tem todo o conforto, sim. Não o altivo desconforto
do banho de bacia e da latrina de madeira.
Aqui ninguém bate palmas. Toca-se campainha.
As mãos batiam palmas diferentes.
A batida era alegre ou dramática ou suplicante ou serena.
A campainha emite um timbre sem história.
A casa não é mais a casa itabirana.

Tenho que me adaptar? Tenho que viver a casa
ao jeito da outra casa, a que era eterna.
Mobiliá-la de lembranças, de cheiros, de sabores,
de esconderijos, de pecados, de signos,
só de mim sabidos. E de José, de mais ninguém.

Transporto para o quarto badulaques-diamante
de um século. Transporte umidade, calor,
margaridas esmaltadas fervendo
no bule. E mais sustos, pavores, maldições
que habitavam certos cômodos — era tudo sagrado.

Aqui ninguém morreu, é amplamente
o vazio biográfico. Nem veio de noite a parteira
(vinha sempre de noite, à hora de nascer),
enquanto a gente era levada para cômodos distantes,
e tanta distância havia dentro, infinito, da casa,
que ninguém escutava gemido e choro de alumbramento,
e de manhã o sol era menino novo.

Faltam os quadros dos quatro (eram quatro continentes:
América Europa Ásia África), mulheres
voluptuosamente reclinadas

em coxins de pressentidas safadezas.

A fabulosa copa onde ânforas
dormiam desde a festa de 1898
guardando seus tinidos subentendidos,
guardando a própria cor enclausurada.

O forno abobadal, o picumã
rendilhando barrotes na cozinha.

E o que era sigilo nos armários.

E o que era romance no sigilo.

Falta...

Falto, menino eu, peça da casa.

Tão estranho crescer, adolecer
com alma antiga, carregar as coisas
que não se deixam carregar.

A indelével casa me habitando, impondo
sua lei de defesa contra o tempo.

Sou o corredor, sou o telhado
sobre a estrebaria sem cavalos mas nitrindo

à espera de embornal. Casa-cavalo,
casa de fazenda na cidade,

o pasto, ao Norte; ao Sul, quarto de arreios,
e esse mar de café rolando em grão

na palma de sua mão — o pai é a casa
e a casa não é mais, nem sou a casa térrea,

terrestre, contingente,

suposta habitação de um eu moderno.

Rua Silva Jardim, ou silvo em mim?

O PEQUENO COFRE DE FERRO

Arrombado
vazio. Quem roubou?
Eu, talvez,
que me acuso de todos os pecados,
antes que alguém me acuse e me condene.
Não fui eu ou fui eu?
Quem sabe mais de mim do que meu dentro?
E meu dentro se cala
omite seu obscuro julgamento
deixando-me na dúvida
dos crimes praticados por meu fora.

RESULTADO

No emblema do amor
o fogo
no bloco da vida
a fenda
na blindagem do medo
o fato.

Íntimos badalos balem
vergonha tristeza asco
blen blen blen
 orragia.

ENGATE

O morto no sobrado
no porão a mulata
a pausa no velório
o beijo no escurinho
a pressa de engatar
o sentido da morte
na cor de teu desejo
que clareia o porão.
O morto nem ligando.

DORMIR NA FLORESTA

Dormir na Floresta
é dormir sem feras
rugiameaçando.

(A Floresta, bairro
de jardins olentes
com leões cerâmicos
a vigiar portões
e sonhos burgueses
de alunas internas
do Santa Maria.)

Dormir na Floresta
é dormir em paz
de família mineira
para todo o sempre
garantida em bancos
e gado de corte,
seguro de vida
na Equitativa,
crédito aberto
no Parc Royal,
guarda-chuva-e-vento
do P.R.M.,
indulgência plena
do Vaticano.

E ter a certeza,
na manhã seguinte,
de bom leite gordo
manado de vacas
da própria Floresta,
de bom pão cheiroso
cozido nos fornos
da Floresta próvida.

Dormir na Floresta
é esquecer Lenine,
o Kaiser, a crise,
a crase, o ginásio,
restaurar as fontes
do ser primitivo

que era todo lúdico
antes de sofrer
o esbarro, a facada
de pensar o mundo.
Mas de madrugada
ou talvez ainda
na curva das onze
(pois se dorme cedo
na Floresta calma,
de cedo acordar)
um lamento lúgubre,
um longo gemido,
um uivo trevoso
de animal sofrendo,
corta o sono a meio
e todo o sistema
de azul segurança
da Floresta rui.
Que dor se derrama
sobre nossas camas
e embebe o lençol
de temor e alarma?
Que notícia ruim
do resto da Terra
não compendiado
em nossos domínios
invade o fortim
da noite serena?
Logo nossas vidas
e mais seus problemas
despem-se, descarnam-se
de todo ouropel.
Já não somos os
privilegiados
príncipes da paz.
Já somos viventes
intranquilos, pávidos,
como os da Lagoinha
ou de Carlos Prates,
à mercê de furtos,
de doenças, fomes,
letras protestadas,
e, pior do que isso,

carregando o mundo
e seus desconcertos
em ombros curvados.
Eis que se repete
o pungente guai,
perfurando as ruas
e casas e mentes
com seu aflitivo
doer dor sem nome.
De onde vem, aonde
vai, se vai ou vem?
Triste, ferroviário
apito de máquina
da Oeste de Minas
manobrando insone,
paralelo ao rouco
ir e vir arfante
de locomotiva
da Central, rasgando
a seda sem ruga
de dormir sem dívidas,
cobrando a vigília,
o amargo remoer
da consciência turva.
Não parte, não volta
de nenhum destino
o trem espectral,
roda sem horário,
passageiro ou carga,
senão nossa carga
interior, pesada,
de carvão, minério,
queijo de incertezas,
milho de perguntas
??????
gado de omissões.
Fero, trem noturno
a semear angústia
na relva celeste
da Floresta em flor.

DOIS FANTASMAS

O fantasma da Serra,
natural de Ouro Preto,
ninguém mais fala nele.
Desistiu; apagou.
Nos lentos, velhos tempos
cumpria seu destino
com toda a sisudez.
Era grave, pontual,
a ninguém assustava.
Surgia à meia-noite
e trinta, ponderado,
no nevoeiro de junho,
a pessoas seletas
que voltavam de festa.
Deixava-se ficar
junto a portões de chácaras
e lembrava sem gesto
a convivial presença
das almas do outro mundo
no coração mineiro.
Há muito ninguém volta
de festa na Floresta
ou qualquer outro bairro.
A rua embalsamada
permanece vestida
de solidão-magnólia.
Por falta de assistentes,
retira-se o fantasma
rumo ao País do Tédio.
Chega a vez do avantesma
da popular Lagoinha,
noutro extremo da vida.
Sinal de coisas novas.
É excêntrico, forja
diabruras cruéis.
Espanta motorneiros
sentando-se entre os trilhos
sem mover uma palha

se o bonde tilintante
desce a rampa. Conserva-se
em calmo desafio
à potência rangente.
O motorneiro, morto
de pavor, pula fora,
o condutor imita-o,
os raros passageiros
dessa hora glacial
aos gritos se levantam,
e, no tremendo instante
de esmagar o duende
ou de morrermos todos,
ele, o senhor de preto,
sem rosto, mas sarcástico
na postura insolente,
dissolve-se qual sonho
que não quer ser sonhado.
Em estrondar de rodas
de súbito freadas,
o pesadelo extingue-se.
Apenas se distingue
no interior do bonde
o convulsivo choro,
e na rua teatro
ao sol da lua cheia,
vago cheiro de enxofre.

NINFAS

Agora sei que existem ninfas
fora das estampas e dos contos.

São três.

Bebem água publicamente
servida por uma sereia,
pois que também existem as sereias
na composição de verde e mármore
e é tudo fantástico no jardim
em frente do Palácio do Governo.

BAR

Ciprestes e castanheiros
em torno deste bar rústico
vão tornando mais ilustre
o consumo de cerveja.

Mas são ciprestes pirâmides
e castanheiros truncados
em volta de mãos vorazes,
tecendo ramas polêmicas.

Como se papa um sanduíche,
a decoração se come?
Este lugar, eu o amo
ou não se fala mais nisto?

HINO AO BONDE

Os derradeiros carros de praça
recolhem seus rocinantes esqualidos
à cocheira do esquecimento.
Os próprios cocheiros se desvanecem
no crepúsculo da Serra do Curral.
Meia dúzia de automóveis à sombra dos fícus
espera meia dúzia de privilegiados
que vão cumprimentar o Presidente do Estado
em seu bastião florido da Praça da Liberdade.
O mais? Andar a pé
quilômetros de terra vermelha sossegada,
e bondes.
Os caluniados bondes da Empresa Carvalho de Brito,
os admiráveis bondes, botas de sete léguas
de estudantes, funcionários, operários,
desembargadores, poetas, caixeiros.
O bonde, sede da democracia em movimento,
esperado com pachorra no Bar do Ponto
nos abrigos Pernambuco e Ceará,
o arejado, pacífico, oportuníssimo
salão onde se leem de cabo a rabo
o expediente das nomeações e demissões
nas páginas sagradas do *Minas Gerais*
e as verrinas amarelas dos jornalecos da oposição.
Bonde onde se conversa
a lenta conversa mineira de Ouro Preto,
Pirapora, Guanhões, Itapecerica.
Onde se namora debaixo do maior respeito,
com olhares furtivos que o pai da moça não percebe.
(Ah! se percebesse!...)
Bonde turístico, antes que o turismo seja inventado.
Vamos dar a *volta Ceará?*
Por um tostão passamos em revista
palacetes *art nouveau* novinhos em folha,
penetramos no verde mistério abissal da Serra,
onde cada inseto é uma nota de música
e as águas gorgolejam em partita de Bach.
Por um tostão as lonjuras do Prado Mineiro,

onde ainda se escuta, se nascemos nostálgicos,
o pa-cá-pa-cá dos cavalinhos brincando de Derby.
Um tusta apenas e é a ridente Floresta,
seu Colégio Santa Maria, cheio de meninas
(ainda não se usa a palavra garota)
que vão num bonde mágico e nele retornam
para o rápido cruzamento em que, do nosso bonde,
sentimos passar a graça das sílfides
e o esvoaçar das libélulas
inalcançáveis.

É tudo inalcançável na cidade,
por isso mais lindo.

Viajamos pelos países modestos de Carlos Prates
e Lagoinha, pelo país violáceo do Bonfim,
vejo minhas primas meninas
se arredondarem no Calafate,
e há sempre uma cor a descobrir,
um costume singelo, o portão de um alpendre
com pinturas a óleo de castelos
que são o outro lado de Minas: o irreal.

Andar de bonde é meu programa,
voltar do fim da linha,
mudando eu mesmo o banco para a frente.

Confiro os postes, as pessoas
pontuais na hora de subir.

Adoro o bonde deserto das madrugadas,
que abre um clarão nas rampas e, rangendo
nas curvas, rasga o sono,
impondo o mandamento de viver,
até mesmo no túnel da noite.

Suave bonde burocrático, atrasado bonde sob a chuva
que molha os bancos sob cortinas emperradas,
bonde amarrado à vida de 50
mil passageiros, minha gôndola,
meu diário bergantim, meu aeroplano,
minha casa particular aberta ao povo,
eu te saúdo, te agradeço; e em pé no estribo,
agarrado ao balaústre,
de modesto que és, faço-te ilustre.

A HORA FINAL

O funcionário *smart* da Delegacia do Tesouro Nacional,
o escrevente do cartório de protesto de títulos,
o moço bacharel violento mas generoso,
o poeta revisor do *Minas Gerais*,
o chefe político do Mutum aguardando há seis meses
(falhou na última eleição)
ser recebido no Palácio da Liberdade,
os velhos e novos frequentadores da noite,
lenta noite apitada de guardas-civis nas esquinas de sono,
as moças do cabaré com seus últimos bocejantes clientes
estão todos sentados
no restaurante Guarani da madrugada
comendo o mesmo indefectível,
arquitetônico, monumental
bife a cavalo de 1920.

VIGÍLIA

A qualquer hora do dia ou da noite,
o ano inteiro, a vida inteira,
os padres da Boa Viagem,
os padres de Santa Efigênia dos Militares
atendem a chamados para confissão de agonizantes.

Sai aviso no *Minas*
e a morte, que paira sobre Belo Horizonte
e sobre todas as cidades, em qualquer tempo,
sente limitado o seu poder.

Já não chega à traição,
já não golpeia sem que o pecador
possa arrepender-se
e na mão de Deus, na sua mão direita,
como queria Antero, apascentar-se.

A noite mineira é mais tranquila:
convida, camarada,
a pecar mais um momento, um só, bem lento.

PRESEPIO MECÂNICO DO PIPIRIPAU

Jesus nasce no Pípiripau,
em refolho sigiloso da Floresta,
bairro com alguma coisa de rural.
Tudo nasce, tudo mexe, tudo gira
em torno do menino sobre o capim-mimoso.
A paisagem é movimento
contínuo, circular.
Jesus aciona todas as forças
do homem. Ninguém parado.
Organiza-se a indústria em seu redor.
Jesus determina a vida em expansão.
Lutadores de boxe trocam murros
para maior glória do menino.
Seu Raimundo, criador do presépio,
revela Deus-motor.
Pípiripau, presépio modernista 1927.

O NÃO DANÇARINO

Não alcancei o Clube das Violetas,
delicado demais para durar.

À minha frente só o Clube Belo Horizonte,
onde dançam o belo Ferola, o formoso Dario
com senhoritas mui prendadas
sob o olhar magnético de pais, mães, irmãos,
e o invisível mas ubíquo e potente
estatuto mineiro de costumes.

Dançam no segundo andar as valsas lânguidas
que o violino de Flausino faz etéreas.

Não sei dançar.

O Clube não frequento.

É meu clube a calçada.

A calçada sem música.

A porta do cinema, a porta do Giácomo,
a porta sem espera, a porta sem esperança,
a porta.

DOIDINHOS

Também não alcancei os Jardineiros do Ideal,
mocidade morta de Belo Horizonte.
Não conheci os Raros,
os Magníficos,
— oh que delícia: os Malditos,
do tempo em que o autor falava a leitores hipotéticos:
“Este é um livro de estreia. Caluniai-o”.
Resta, de tantas brumas, o velho Horácio
e seu ceticismo sorridente
na cartorária redação do *Diário de Minas*.
Não me conta do Barão do Sete-Estrela
nem do Cavaleiro da Rosa-Cruz.
Os tempos já não são os tempos. Ou nunca foram?
Governa, de *pince-nez*, Raul Soares,
vem aí Melo Viana, e Bernardes domina,
do alto dos altos, de *pince-nez* redondo,
o céu nacional.
Horácio? Sorri apenas,
diz alguma coisa que não entendo bem,
nem é para entender: suave cortesia
de quem presente em mim um novo Raro,
novo Maldito, novo Magnífico,
ocupando na promíscua Pensão Alves um castelo de nuvens.
Não, meu, nosso castelo, a Confeitaria Estrela
é bem terrestre, com sua vitrina de salgadinhos,
e já não somos nem Raros nem Malditos,
mas simples Doidinhos de nova espécie,
arrancadores de placas de advogados e dentistas
em noites de pouca ronda,
pequenos incendiários sem tutano
de atear completas labaredas.
Somos o que somos, mestre Horácio.

A DIFÍCIL ESCOLHA

Cada manhã, a Liga pela Moralidade,
serviçal, pontual,
indica os filmes que podemos ver,
os prejudiciais,
os com reserva,
os inofensivos.

A Mulher de Cláudio, com Pina Menichelli,
tem decotes inconvenientíssimos.

Quando o Coração Quer, com Francesca Bertini,
é coleção de cenas sensuais.

Remorsos do Cura, não sei com quem,
imoralíssimo.

Alta imoralidade, em *Pacto Infernal*,
2º episódio: adultério à vista.

Dorothy Dalton. *O Dom da Fascinação*,
bem, pode ser visto com algumas reservas.

É tão farto o cardápio, que vacilo:
Não posso ir a todos os cinemas,
e é só uma noite cada filme.

Meu Deus, ajudai-me neste passo:
Vejo a Bertini? Vejo a Menichelli?

O GRANDE FILME

Vejo *Intolerância*, de Griffith,
no Cinema Pathé.

Estudante já não vale nada.

Pago entrada comum, preço incomum:
2 mil-réis e mais 100 réis de imposto.

Os *habitués* foram preparados
por anúncios maiores no *Minas Gerais*:

“Procurem compreender, não somos gananciosos.

O filme tem 50 mil comparsas,
15 mil cavalos, 30 artistas
famosos, quatro romances, 14 partes.
Construiu-se um templo colossal
(1500 metros de fundo),
a orquestra executa partitura
escrita especialmente...”.

Intolerância

ou a luta do amor através das idades,
Cristo, Babilônia, São Bartolomeu noturno...

É grandioso demais para a minúscula
visão minha da História, e tudo aquilo
se passa num mundo estranho a Minas
e à nossa ordem sacramental, sob a tutela
do nosso bom Governo, iluminado
por Deus.

Esmaga-se esse monstro de mil patas.

Saio em fragmentos, respiro o ar
puríssimo de todas as montanhas.

Intolerância? Aqui no alto, não,
desde que se vote no Governo.

O LADO DE FORA

Sexta-feira. Sessão Fox
rebrilha de gente fina.
Fico do lado de fora.
Não tenho dinheiro agora.

Agora ou toda a semana?
O mês inteiro? Meus livros
troquei por alguns mil-réis:
eram dedos, não anéis.

Não deu para ver a fita
da ofídica Theda Bara.
Que importa a fita? Importante
é a cicuta deste instante.

A moça de meus cuidados,
mas de mim tão descuidada,
surge, camélia ridente.
Finjo ser indiferente.

Entra, nuvem colorida,
entra, música de corpo.
Mal sabe que estou ali,
hirto, magro, como um I.

Nem me vê. Não me verá.
Cada pétala de seda
do seu todo natural
me faz delicioso mal.

Não tem sentido, ou tem muito,
esperar por duas horas
que ela saia do cinema
como sai, de mim, o poema.

Aprendo a lição tortuosa
de curtir a dor das coisas.
O que ela viu, tela e enredo,
não vale este meu brinquedo,
o pungitivo brinquedo
de pensar na moça em vão,
do lado de fora, o lado

que ficará do passado

e vige ainda: poder
de sentir, mais que o vivido,
o que pudera ter sido,
o que é, sem jamais ser.

ORQUESTRA

Foi o foxtrote que acordou
os peixinhos do lago, na sala de espera,
ou foram eles, os minúsculos, insones peixinhos,
que fizeram acordar *Sweet Georgia Brown*
entre *Body and Soul*, para o *tea for two*,
enquanto não se abrem, rascantes, as portas da segunda sessão?

REBELIÃO

A empresa Gomes Nogueira
dobrou o preço do ingresso.
Alega que a nova fita
é de beleza infinita.

Aos estudantes recusa
direito de meia-entrada,
esse direito imortal,
escrito na lei falada.

Tamanho abuso levanta
as pedrinhas do passeio.
Até mancebos serenos
protestam; nem é pra menos.

Vamos entrar assim mesmo,
protestar não adianta,
e a fita, diz *Cena Muda*,
tem um mistério que espanta.

Mas tamanho desagrado
na algibeira estudantil
gera rumor, logo mil
ruídos vão se encorpando.

Ninguém vê o preto e branco
enrolo das peripécias
do dramalhão Paramount.

A bagunça, num arranco,
toma conta do recinto,
malhando cadeira e tudo
quanto é peça de madeira.
Acende-se a luz. E sinto

que é hora de grande alvitre:
levar essa massa humana
para a reforma do mundo.
Começar? Já, num segundo,

deixar a sala-ratoeira
(pois a Polícia é finória)
e sair, queimando bondes,

que nada têm com essa história.

Os bondes, mas logo os bondes,
providência de estudantes?

Isso mesmo: velho impulso,
a destruição dos amantes.

Do cinema em polvorosa,
na turba, sai o anarquista.

A noite, incendiada rosa,
abre um clarão na Lagoinha.

O FIM DAS COISAS

Fechado o Cinema Odeon, na Rua da Bahia.
Fechado para sempre.
Não é possível, minha mocidade
fecha com ele um pouco.
Não amadureci ainda bastante
para aceitar a morte das coisas
que minhas coisas são, sendo de outrem,
e até aplaudi-la, quando for o caso.
(Amadurecerei um dia?)
Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória,
maior, mais americano, mais isso e aquilo.
Quero é o derrotado Cinema Odeon,
o miúdo, fora de moda Cinema Odeon.
A espera na sala de espera. A matinê
com Buck Jones, tombos, tiros, tramas.
A primeira sessão e a segunda sessão da noite.
A divina orquestra, mesmo não divina,
costumeira. O jornal da Fox. William S. Hart.
As meninas de família na plateia.
A impossível (sonhada) bolinação,
pobre sátiro em potencial.
Exijo em nome da lei ou fora da lei
que se reabram as portas e volte o passado
musical, waldemarpissilândico, sublime agora
que para sempre submerge em funeral de sombras
neste primeiro lutulento de janeiro
de 1928.

PARCEIRO DE BACH

A harpa de Rosa Ferraiol
apura ainda mais o *Cravo* temperadíssimo
em dó menor, em mi menor, prelúdio, fuga.

Mas que há com as tercinas?
Não fluem fácil como fio d'água.
Som intempestivo criva a sala.
Há mal-estar, rostos inquietos,
entre os seletos do Municipal.

Não se dá conta Rosa deste agravo
à pureza de Bach, e vai levando
os *stretti*, as leves colcheias, os alados
acordes melancólicos ou gaios?
A plateia começa a resmungar:
— Assim não! Mas que coisa! Está demais!

Está demais o grilo subversivo
que no teatro cheio põe cricrilos
nos arpejos celestes.
O guarda percorre camarotes,
corredores, lanterninha na mão, à sua caça,
e o ruído da caça se acasala
com Bach e grilo e riso incontrolável
dos melômanos: a Polícia vai prender
o grilo, tem gaiola para isto?

Caro João Sebastião, desculpe: em Minas
até os grilos amam fazer música.

O ARTISTA

Alvorada de estrelas?

Alucinação de um sonho?

Canhoto domina o palco da Rua Caetés.

Seu violão cava um abismo de rosas
no triste carnaval de Belo Horizonte.

DEPRAVAÇÃO DE GOSTO

O maestro Aschermann, violinista,
dirige o requintado quinteto de cordas.
Guadagnin, segundo violino. Gioglia na viola.
O violoncelo é de Targino.
Ao piano, Nazinha Prates.
Haydn flutua no ar da Rua da Bahia.
Por que maligna inclinação,
vou ver o melodrama dos Garridos
no palco-poeira do Cinema Floresta?

GRAÇA FEMININA

Que bom ouvir João Luso nesta sala
discorrer sobre a graça feminina!
Será que escuto? Alguém presta atenção?
A graça feminina está presente,
sorri, olha discreta, abana o leque,
imune à conferência.
A graça tem consciência de ser graça
e a si mesma dedica-se, enlevada.

AS LETRAS EM JANTAR

Meu primeiro banquete literário.
O espelho *art nouveau* do Hotel Avenida
reflete doze ilustres escritores.
Convidado! sento à mesa dos ilustres,
ilustre me tornando em potencial,
representante da escola, por nascer,
dos bárbaros futuristas do Curral.
Oswaldo de Araújo, Aldo Delfino,
Mário Mendes Campos, cristais, flores,
Abílio Barreto, Silva Guimaraens,
Rangel Coelho, quem mais? Não os distingo,
pois nem distingo a mim, de tão repleta
esta hora (o vinho, a carne) de horizontes.
Qual a razão do bródio? Precisa haver razão
para bródios? As letras mandam
comer, sorver a glória deste instante,
Agripa de Vasconcelos, o poeta,
recém-eleito acadêmico mineiro,
oferece-nos o prândio. Na verdade
nós é que devíamos prestar-lhe
este preito ritual.
Mas ele paga. E recita
à sobremesa, com voz clara:
“O meu destino... onde me levará?”.
A pergunta ressoa (garfos, copos)
e ninguém na mesa em festa ousa fazer
de si para si mesmo
a grave indagação.
Quedamos importantes, paralisados,
na foto de magnésio.

JORNAL FALADO NO SALÃO VIVACQUA

Garotas de Cachoeiro civilizam
nosso mineiro burgo relaxado.
No salão todo luz chega o perfume
das roseiras da Praça. Burburinho.
Aqui, a se sorrirem, vejo os máximos
escritores da nova geração.
São jornalistas esta noite. A bela Angélica,
a suave Edelmira, a grácil Mariquinha
assim o determinam. Milton Campos
abre o *Jornal Falado*. Flui a verve
de seu editorial. Na sua voz,
a política é um jogo divertido
de punhais cetinosos que se cravam
sem derrame de sangue — e a vítima nem sabe,
perremisticamente golpeada,
que já morreu: continua deputado.
De Abgar, primeira página, o soneto,
mais lapidado que diamante,
recebe aplausos invejosos. Oh, quem soubera
tanger assim o lírico instrumento,
decerto conquistara
todas as do planeta moças lindas!
Um êmulo romântico se aproxima:
é Batista decassílabo Santiago:
“Ah, saudade que vive me enganando
e faz que eu ouça a tua voz, ouvindo
as folhas mortas em que vou pisando...”.

Jornal é só poesia? Nada disso.
João Dornas traça a viva reportagem
urbana. Que parada,
achar acontecimentos onde nada
acontece, depois de Rui Barbosa!
Ele inventa, ele cria? Fatos raros
baixam do lustre, pulam no tapete
e Nava, prodigioso desenhista,
risca os perfis, os gestos, os lugares.
Delorizano, grave,
fala de ciência,

o Romeu de Avelar conta do Norte.
Aquiles é o cronista social:
noivados e potins e flertes surpreendidos
na segunda sessão do Odeon... Caluda!
Alguém pode não gostar. João Guimarães
é o nosso humorista. João Alphonsus
inicia o romance-folhetim:
em minutos tem princípio, meio e fim.
Eis chega a minha vez. A minha vez?
Mas como? se eu esperava não chegasse
e lá pela meia-noite o sono embaciasse
os anúncios da quarta página, final...
Não sei o que dizer. Digo: “Um acidente
nas oficinas impediu
saísse a minha crônica. Perdeu-se. Até amanhã”.

A TENTATIVA DE COMPRAR

Com anúncios de página inteira
(coisa nunca vista nos sertões)
inaugura-se na Rua da Bahia
o fabuloso Parc Royal.

Três andares das mais finas futilidades
vindas diretamente da Rue de la Paix.

Seu Teotônio Caldeira, gerente,
manipula novas técnicas de vender.

As virgens loucas compram compram compram
e as mães das virgens loucas, outro tanto.

Pais de família, em pânico,
veem germinar no solo imáculo de Minas
a semente de luxo e desperdício.

Nada podem fazer, cruzam os braços:

o Parc Royal tem como padroeira
nada menos que Nossa Senhora da Conceição.

— Meu pai, posso botar na sua conta
três camisas de seda, um alfinete de gravata?

— Até você, meu filho, até você?!

TRÊS NO CAFÉ

No café semideserto
a mosca tenta
pousar no torrão de açúcar sobre o mármore.
Enxoto-a. Insiste. Enxoto-a.
A luz é triste, amarela, desanimada.
Somos dois à espera
de que o garçom, mecânico, nos sirva.
Olho para o companheiro até a altura da gravata.
Não ousa subir ao rosto marcado.
Fixo-me na corrente do relógio
presa ao colete; velhos tempos.
Pouco falamos. O som das xícaras,
quase uma conversa. Tão raro
assim nos encontrarmos frente a frente
mais que por minutos.
Mais raro ainda,
na banalidade do café.
A mosca volta.
Já não a espanto. Queda entre nós,
partícipe de mútuo entendimento.
Então, é este o mesmo homem
de antes de eu nascer
e de amanhã e sempre?
Curvado.
Seu olhar é cansaço de existência,
ou sinto já (nem pensar) a sua morte?
Este estar juntos no café,
não hei de esquecê-lo nunca, de tão seco
e desolado — os três
eu, ele, a mosca —:
imagens de mera circunstância
ou do obscuro
irreparável sentido de viver.

ENCONTRO

Vi claramente visto, com estes olhos
que a terra há de comer se os não cremarem,
o carro de bois subir, insofismável,
esta soberba Rua da Bahia,
sofridamente puxado
por sete juntas de bois.

Vi claramente visto o cupê de João Luís Alves,
Secretário de Estado de Bernardes,
descer esta rua soberba da Bahia,
cruzar o carro de bois,
no dia claro, e o espírito de Minas
fundindo sabiamente
a dupla imagem.

OPOSIÇÃO SISTEMÁTICA

O jornalzinho oposicionista da Praça da Estação,
onde exalo vagidos literários,
xinga o Presidente, xinga seus Secretários,
xinga o Prefeito. Sem mais ninguém
para xingar,
xinga Leopoldo Fróes, que, no seu entender,
apresentando peças de gênero livre no Municipal,
todas as noites ofende a família mineira
em casas lotadas e entusiásticas.

PROFISSÃO: ENTERRADO VIVO

Tão linda esta cidade,
tão bem servida de moças de chapéu
e sombrinha,
de fícus, palacetes, lagos, horizontes,
tão limpa, tão verdinha, tão serena,
e vem Great Michelin
jejuar sete dias, agressivo!

Levo soco no estômago. Que ideia,
vender entradas para o espetáculo da fome
no Cine Comércio tão alegre.
Dois metros abaixo do chão a cova aberta
e a tampa de vidro
mostra o rosto cadavérico
do jejuador profissional.

De domingo a domingo esta visão
soturna comercial atrai burgueses
bem alimentados, secretamente desejosos
de que a experiência tenha fim
com a morte do Great Michelin.

No sétimo dia ressuscita,
abre-se o caixão no palco, lavra-se ata
firmada por médicos, delegados, jornalistas,
palmas, palmas, vivas,
discurso do artista Koytakisis
e do próprio Michelin mal falecido.

Dias depois ei-lo fazendo
conferência científica sobre a arte
de ganhar a vida em morte semanal.

15% de renda, generoso,
dá para o Orfanato Santo Antônio.
E aprendo esta verdade:
jejuador nenhum morre de jejum
se souber vender a sua fome.

A VISITA DO REI

I

Vejo o rei passar na Avenida Afonso Pena,
onde só passam dia e noite, mês a mês e ano,
burocratas, estudantes, pés-rapados.
Primeiro rei entre renques de fícus e aplausos,
primeiro rei (e verei outros?) na minha vida.
Não tem coroa de rei, barbas formidáveis
de rei, armadura de rei, resplandecente
ao sol da Serra do Curral.
Não desembainha a espada para enfrentar
como fazia há pouco os hunos invasores
de sua pátria.
É um senhor alto, formal, de meia-idade,
metido em uniforme belga,
ao lado de outro senhor de *pince-nez*
que conheço de retrato: o Presidente do Estado.
Não vem na carruagem de ouro e rubis das estampas.
Não é um Carlos Magno.
Vem no carro a Daumont de dois cocheiros
e quatro cavalinhos mineiros bem tratados.
No carro seguinte, como convém eternamente
às mulheres, vejo a Rainha,
não aparição sublime das iluminuras
(ai, que falta nos faz a Idade Média),
mas a distinta burguesa ao lado
do Presidente compenetrado da República.
Então é isso: tudo igual,
sangue azul e plebeu?
Pompas republicanas: moderadas.
Tenho de recriar — reminiscências literárias —
vera imagem de Rei, no rei em carne e vida.

II

A coroa lá está, na Praça do Poder
(não sei por que, se chama Liberdade).
Coroa imensa, de dez mil
lampadzinhas elétricas multicores.
À noite, é tudo festa na cidade.

Cinema grátis para o povo
na efervescente Praça Doze.
Fogos de artifício e de feitiço
para susto de cisnes e marrecos
no Parque Municipal.
Bandas de música explodem
em cada coreto, mesmo sem coreto.
Clarinar de paradas militares,
multiplicadas pelo ouvido e olhar.
De Norte a Sul, de Leste a Oeste,
mesmo do separatista Triângulo irreduzível
que não corteja Belo Horizonte,
acodem povos a conferir o Rei.
Jorra cerveja nos cabarés enfumaçados de cigarro.
Madame Olímpia, a respeitável,
faz a mais gorda fêria do seu Éden.
Ao Rei não chega esta alegria. Ele visita
monocordicamente, bravamente,
quartéis, escolas, tribunais e o mais.
Há um discurso em cada fraque,
um *vivellerroá* em cada boca
e o desaponto de encontrar
no rei lendário o homem comum.
(Eu não disse que os reis não são mais reis?)

III

— Majestade, aceite esta garrafa de licor
estomacal, do meu fabrico.
O Rei aceita: vai provar (mas em Bruxelas)
o presente do farmacêutico Artur Viana.
Antes, na mesa oficial, degusta
macucos *truffés à la Royale*
e dorme cedo. Amanhã cedinho
irá a Morro Velho conhecer
o sombrio trabalho subterrâneo
que produz ouro para o mundo
e morte precoce para mineiros.
Voltando à superfície, Mister Chalmers
oferta-lhe desta vez
macucos *truffés au jus d'orange*.
É comida diária no Brasil?
Resta algum macuco pra contar?
O Rei repousa a vista

no quadro que lhe deu Honorário Esteves.
Escuta, sonolento,
a orquestra vinda do Rio expressamente
para abemolar sua visita.
Silêncio: Sua Majestade vai dormir
em cama de Napoleão 1º, cópia exata
feita por Leandro Martins & Companhia.

IV

O Governo impa de orgulho:
as refeições de Suas Majestades
quem serve é a Pascoal do Rio de Janeiro.
Os landolés de seus passeios
vêm da Garage Batista do Rio de Janeiro.
A Casa Lucas, do Rio de Janeiro,
multi-ilumina as ruas e fachadas.
A charuteira com enfeites de ouro de 24 quilates,
regalada ao Rei,
é obra de arte de Oscar Machado,
joalheiro do Rio de Janeiro
(mas a madeira de lei é pura Minas).
Pura Minas, o solitário da Rainha
trabalhado no Rio de Janeiro
pelo mesmo Machado, mas brotando
do chão mineiro de Coromandel.
Não foi possível, é pena, vir do Rio
o Pão de Açúcar nem o Corcovado
nem a baía... mas demos ao Rei
o mais perturbador, o mais fantástico
entardecer da cidade-coleção
de crepúsculos indescritíveis.

V

E assim todos vivemos nossa vida,
nossa vidinha, como é nosso dizer,
entrelaçada no viver do Rei.
A metros de distância um Rei respira,
almoça, fuma, escova os dentes,
coça a cabeça como nós coçamos.
Falta somente o Rei aparecer
no Bar do Ponto e junto ao Professor
Zé Eduardo, de ferino verbo,
comentar os erros de francês

dos oradores a quem a lição
de Mestre Jacob pouco aproveitou.
Não é de muita fala o Rei, parece,
mas quem resiste ao calmo prosear
daquele centro da malícia urbana?
Tome um café, Seu Rei. Sente-se e vamos
ponderar os túrbidos sucessos
de Manhauçu: três ou quatro mortes
por questões de terras ou de política.
Isso também ocorre lá nas Flandres?
Como é, o câmbio? É, está baixando,
quase não exportamos, e trazemos
tudo da Europa, desde o sabonete
e o vinho até as polonesas...
Seu Rei e nosso amigo, vamos
mudar de assunto?

VI

Afinal segue o Rei, segue a Rainha,
seguem condes, barões e diplomatas
rumo a São Paulo.
Que alívio, suspender tanta folia,
tanto protocolo misturado
ao nosso visceral esteja-a-gosto.
Descansa o Rei de nós,
e dele descansamos.
Mas uma coisa fica em mim,
espectador quase repórter.
Uma coisa entre rosas, no jardim
versaillescamente plantado em seu honor.
É um som infantil, puro, no ar,
e não se desvanece:
coro de seis mil vozes entoando
o hino ensaiado com capricho
o mês inteiro nas escolas:
Aprédessiécles desclavage
lebelgesortáditombô...
lerroá laloá lalibertê.
Ao ouvi-lo o Rei empalidece,
a Rainha derrama duas lágrimas.
Crianças de 1920: a *Brabançonne*
casa-se com *Ipirangasmargensplácidas*,
e na Pensão de Dona Teresinha,

à noite, solitário no meu quarto,
não lembro o Rei, lembro o coral.

O PASSADO PRESENTE

Vejo o conde D'Eu no Grande Hotel.
Fala francês com Dr. Rodolfo Jacob.
O fantasma da Monarquia
é o terceiro, invisível, interlocutor.
Lá fora o sol encandece, republicano.
Ah, nunca pensei que o passado existisse
assim tocável, a mexer-se.
Existe. E fala baixo. Daqui a pouco
toma o trem da Central, rumo ao silêncio.

PLATAFORMA POLÍTICA

O noturno mineiro
congrega na estação
da Central do Brasil
a fina flor política.
Dez horas da manhã,
desembarcam sublimes
estadistas do Rio.
Quatro e vinte da tarde,
despedem-se conspícuos
estadistas locais.
A plataforma zumbe
de abraços e cochichos.
Lá vai o deputado
amigo do Palácio-
-em-flor da Liberdade
e chega o senador
comensal do Catete.
Coronel ajudante
de ordens, rutilante
na farda feita lírio
de imácula brancura,
mostra o grau de prestígio
de quem sai ou quem vem:
o Senhor Presidente
faz-se representar.
Sensação: desta vez
o próprio Presidente
do valoroso Estado
calca seus borzeguins
no ladrilho vulgar.
A música festeira
extravasa da banda
militar requintada
e leva a toda Minas
o som do alto poder
que domina montanhas
e elege candidatos
mesmo à falta de votos.

Que emérita figura
de altíssimo coturno
tira Sua Excelência
da torre oficial?
O Chefe da Nação?
O Papa? O Imperador
de algum remoto Império?
O banqueiro londrino
que veio ver de perto
as arras prometidas
ao desejado empréstimo?
Tento em vão acercar-me
do círculo dileto
que usufrui a presença
do egrégio titular
emanador de eflúvios
benignos. Em muralha,
casimiras escuras
e notórios *secretas*
em seu redor me barram
o horizonte visual.
Sei que perto de mim,
contudo inatingível,
astro do empíreo cívico,
o Presidente espera
outro deus, outro astro,
na estação convertida
em sacro belvedere.
Somem carregadores,
jornaleiros, cambistas
de palpites lotéricos.
Viajantes banais
esgueiram-se, dissolvem-se
na pompa do espetáculo.
A Central do Brasil
é ara, catedral
do mineiro mistério
do Poder com pê grande,
o Poder Triunfal.

ODE AO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO

Ó P.R.M.,
onde estás, que não vejo, mas te sinto
circular pelas veias da cidade?

Poder sutil, punhos de aço, terno abrigo
dos que à tua sombra se aninharam
na direção do público negócio!

Sogro gentil, pai amoroso
de bacharéis, de médicos, engenheiros
em começo indeciso de carreira,
tu dás o pão, dás a pancada
conforme o nosso vário proceder:
aos correligionários, pão de ló,
aos adversários, pontapé
em sensível, recôndito lugar.

Ai de quem infringir
teu estatuto sacrossanto, vigente
sobre as serranias e no interior mesmo do magma.

Pobres filhos de Eva, deserdados
do teu peito, os trânsfugas jazem mudos
à porta lacrada dos bancos
ou no corredor deserto da farmácia
da oposição.

Os bem-amados, estes, já se empossam
em parlamentos de bater palmas, palmas, palmas
à Comissão Divina Executiva
e, mais alto ainda, ao inatingível
Senhor Governador das Milícias e das Coletorias.
És a fonte, és a linfa, és a flórea
mansão dos deuses, entre renques de palmeiras
moldurada.

Teu espírito invisível e concreto
paira sobre os crepúsculos magnificentes
da Capital e nos guia, nos adverte, nos fulmina.

Ó P.R.M., estás em cada paralelepípedo,
em cada fícus-benjamim, em cada xícara

de café do Bar do Ponto: ouves, registras,
despedes teu raio sem o mínimo trovão,
e como ele reboa no interior da vítima!

Bem, contra ti me levanto, pigmeu,
gritando em frente à sacada política do Grande Hotel
os morras que é de uso em comícios inflamados
antes que irrompa a cavalaria.

E nem me vês a mim, verme-plantinha,
tão alto te agigantas.

Afinal, sem eu mesmo saber como,
por mão de Alberto serei teu redator
no obscuro jornal que em teu nome se imprime.
(A perfeita ironia: a mão tece ditirambos
ao partido terrível. E ele me sustenta.)

CONFETARIA SUÍÇA

A baleira da Rua da Bahia
é bela como as balas são divinas.
Ou divina é a baleira, e suas balas
imitam o caramelo de seus olhos?

Compro balas na Rua da Bahia
para ver a baleira, simplesmente.
Não me olha nem liga, apenas tira
de cada vidro a cor e o mel das balas.

No pacote de balas vem um pouco
de beleza da pele da baleira,
sua pele de linho e porcelana,
sua calma beleza funcional.

É suíça a baleira e inatingível.
É coberta de neve, é neve pura,
derrete meu desejo adolescente...
Resta o gosto nevado de hortelã.

A PARAQUEDISTA

Brilha
Juliette Brille.
Salta de mil metros de altura
no Prado Mineiro em sol
laranja-vermelho e pasmo.
Despenca-se da asa
do aeroplano New Port.
Um segundo, e:
não abre o paraquedas?
Juliette, bólido
sem rastro fosforescente
irá esborrachar-se
no chão trivial?
Não, o Deus das aves,
dos ventos e das loucas
deposita Juliette
nas mãos do ar benigno.
Enfuna-se o aparelho.
Juliette, valsarina,
descreve no céu o giro
de rosa descendente
e vem pousar, completa,
em grama admirativa.
Homem nenhum fez isso
até agora aqui.
Todos aplaudem, constrangidos.
Não é que ela escapou?

AS MOÇAS DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

São cinquenta, são duzentas,
são trezentas
as professorinhas que invadem
a desprevenida Belô?
São cento e cinquenta, ou mil
as boinas azuis e verdes
e róseas, alaranjadas
e negras também e roxas,
os lábios coracionais
e os *tom pouce* petulantes
que elas ostentam, radiosas?
De onde vêm essas garotas?
eu que sei?
Vêm de Poços, de São João
del Rei, Juiz de Fora, Lavras,
Leopoldina, Itajubá,
Montes Claros, Minas Novas,
cidades novas de Minas
ainda não cadastradas
no *Dicionário Corográfico*
de Pelicano Frade?
E são assim tão modernas,
tão chegadas de Paris
par le dernier bateau
ancorado na Avenida
Afonso Pena ou Bahia,
que a gente não as distingue
das *melindrosas* cariocas
em férias mineiras?
Que vêm fazer essas jovens?
Vêm descobrir, saber coisas
de Decroly, Claparède,
novidades pedagógicas,
segredos de arte e de técnica
revelados por Helena
Antipoff, Madame Artus,
Mademoiselle Milde, mais quem?
Ou vêm para perturbar

se possível mais ainda
a precária paz de espírito
dos estudantes vadios
(eu, um deles)
que só querem declinar
os tempos irregulares
de namorar e de amar?
Ai, o mal que faz a Minas,
a nós, pelo menos, frágeis,
irresponsáveis, dementes
cultivadores da aérea
flor feminina fechada
em pétalas de reticência,
a Escola novidadeira,
dita de Aperfeiçoamento!
A gente não dava conta
de tanto impulso maluco
doridamente frustrado
ante a pétrea rigidez
dos domésticos presídios
onde vivem clausuradas
as meninas de Belô,
e irrompe essa multitude
de boinas, bocas, batons
escarlates, desafiando
a nossa corda sensível.
Que faz Mário Casassanta,
autoridade do ensino,
que não devolve essas moças
a seus lugares de origem?
Chamo Seu Edgarzinho,
responsável pela Escola.
Que ponha reparo — peço-lhe —
nas crianças do interior
que ficaram sem suas mestras.
Convém restituí-las logo
à tarefa habitual.
Ele responde: “São ordens
do Doutor Francisco Campos,
nosso ilustre Secretário
de Educação e Cultura.
Carece elevar o nível
do ensino por toda parte.

Vá-se embora, não insista
em perturbar nossos planos
racionais”.

Vou-me embora. Já na esquina
a boina azul me aparece
sob o azul universal
que faz de Belô um céu
pousado em pelúcia verde.
Sua dona, deslizante
entre formas costumeiras,
é diferente de tudo
e não olha para mim
deslumbrado, derrotado,
que vou bobeando assim.
Não há professora feia?
Pode ser que haja. A vista,
até onde o sonho alcança,
cinge a todas de beleza,
e a beleza, disse alguém,
é mortal como punhal.

MULHER ELEITORA

Mietta Santiago

loura poeta bacharel
conquista, por sentença de juiz,
direito de votar e ser votada
para vereador, deputado, senador
e até Presidente da República.

Mulher votando?

Mulher, quem sabe, Chefe da Nação?

O escândalo abafa a Mantiqueira,
faz tremerem os trilhos da Central
e acende no Bairro dos Funcionários,
melhor: na cidade inteira funcionária,
a suspeita de que Minas endoidece,
já endoideceu: o mundo acaba.

Ivone Guimarães, em Pitangui,
alcança igual triunfo. Salve, juízes
de Minas, impertérritos!

Amigo sou de Ivone e de Mietta.

Já vejo as duas, legislativamente,
executivamente,

a sorte das mulheres resgatando.

As amadas-escravas se libertam
do jugo imemorial,

perdoam, confraternizam, viram gente
igual a nós, no mundo irmão.

Façanha de duas mineirinhas.

Antônio Carlos, do Palácio do Governo,
bate palmas e diz: “Perfeitamente”.

Mas o Major Cançado, inconformado,
recorre da sentença.

Onde já se viu mulher votar?

Mulher fumar,

mulher andar sozinha,

mulher agir, pensar por conta própria,
são artes do Demônio, minha gente.

Major, ó Seu Major,

Minas recuperada te agradece.

CARNAVAL E MOÇAS

Minas Gerais está mudando?

As moças vão para o corso fantasiadas de Malandrinhas.

Não cantam “A malandragem eu não posso deixar”

nem “Eu quero é nota”,

mas do alto dos carros de capota arriada,

sorrindo, atirando serpentinas nos outros carros,

entoam desenvoltas

“Levanta o pé,

esconde a mão,

quero saber se tu gostas de mim

ou não”.

Os pais deixaram.

Aí vem o Bloco Papai Deixou:

as Tamm de Lima, as Franzen de Lima,

as Tamm Bias Fortes, as Tamm Loreto,

irmãs, primas, cunhadas, a família mineira

descobrimo e revelando uma alegria carioca,

a alegria do carnaval.

Moulin Rouge? Assim também não. Mas pode ser Moulin Bleu

com Maria Rosa Pena, Célia de Carvalho,

Iolanda Vieira, Iolanda Bandeira,

outras que vão desfilando, vão cantando

ou, se não cantam, cantam os seus braços.

Cuidado! capitalistas de Belo Horizonte,

a Mão Negra está chegando e ameaçando.

Maria Geralda Sales, Irene e Pequetita Giffoni

fazem tremer o mineiro, que tem sempre

um dinheirinho guardado nas dobras do silêncio

e um pecado, talvez, de todos ignorado.

Felizmente nos salvam os Três

ou as Três Mosqueteiras, galhardas e galantes.

Lúcia Machado é Porthos,

Maria Helena Caldeira é Athos,

e Aramis, Maria Helena Pena.

Cadê o D’Artagnan? Elas respondem:

“Foi ferido no último duelo,

mas nós três damos conta do recado”.

Neste bloco maior vejo as Boêmias,
Ilka e Luízinha Andrada, Lurdes Rocha,
Hilda Borges da Costa, Heloísa Sales,
e Tinice e Clarita e Cidinha e quem mais.
Nomeá-las todas não posso: são dois carros
e é preciso olhar, passando na Avenida,
as Sevilhanas, as Aviadoras,
os Fantasmas da Ópera, as Caçadoras de Corações,
as Senhoritas Barba-Azul, copiadas de Bebê Daniels,
as Funcionárias (da Secretaria das Finanças),
e na calçada os Netos de Gambrinus
fantasiados de Barril de Chope.

Meu Deus, de cada rua
no bloco irrompe, e é tudo animação.
Bailarinas do Xeque, sem o Xeque,
nem eu queria vê-lo: elas sozinhas
cercam de Oriente minha sertanice.
De cada município agora sinto
afluir foliões em sarabanda.
Minas perdeu o sério. Minas pula,
revoluteia, grita, esquece a história
comedida, o severo “vou pensar”.
Minas não pensa mais, Minas se agita
ao som do *jazz*, ao som do bumbo, zum-zum-zum.

Vejo tudo isto ou estou sonhando
à mesa do Trianon, junto de Emílio,
poeta amigo, e Almeida,
sorvendo uma *frappée*, lenço molhado
de Rodo, pasárgada dos tímidos?
Ao clube não irei, nem aspirante
de sócio me tornei. Na minha face
gravado foi por lei hereditária:
“Este não dança”. Sei apenas ver,
e o que vejo na Rua da Bahia
é chuva chuva chuva sem parar,
é chuva e guarda-chuva, luva-dilúvio
a envolver os dedos da cidade.
Na cara dos garçons, nas fustigadas
árvores, no desolado cão fuginte,
na deserta calçada noturnal,
esta leitura faço, da sentença:

“Por aqui, a Quaresma
no sábado de carnaval é que começa”.

DIFICULDADES DO NAMORO

Por força da lei mineira,
se te levar ao cinema
levo também tua irmã,
teu irmãozinho, tua mãe.
Porém a mesada é curta
e se eu levar ao cinema
a tua família inteira
como passarei o mês
depois dessa brincadeira?
Prefiro dizer que a fita
na opinião da *Cena Muda*
não vale dois caracóis.
(Esse Wallace Reid, coitado,
anda muito decadente.)
Outro programa não tenho
nem poderia outro haver
por força da lei mineira
durante as horas noturnas.
Proponho então que fiquemos
nesta sala de jantar
até dez horas em ponto,
(hora de a luz apagar
e todos se recolherem
a seus quartos e orações)
lendo, sentindo, libando
o literário licor
dos sonetos de Camões.
Eis no que dá namorar
o estudante sem meios
nesta década de 20
a doce, guardada filha
de uma dona de pensão.

PRAÇA DA LIBERDADE SEM AMOR

I

A praça dos namorados
é a praça do poder.
Saudades de Ouro Preto lacrimejam
entre penhascos de cimento
e o desejo (frustrado) de pegar na tua mão.
O guarda viu?
E se o bonde passar, com o pai da moça,
no flagrante do gesto?
Sopra na praça um vento de telégrafo.
No cerne do palácio, o homem invisível
espalha coletores
juízes
delegados militares
sobre as serranias mais enevoadas.
Chegam, chapéu preto — terno preto, os coronéis
para a súplica e a ronha de pigarro.
Não olham o verde, vão direto.
O lago não reflete
senão a renda de silêncio
que paira sobre a hora embalsamada.
Entram. Sussurram.
Ungidos saem para os municípios.
(Coreto?
A música estilhaça tico-ticos,
mas é só uma ruga, no domingo.)
À noite, todas as noites, impreterível,
a lua amortalha o poder, os canteiros, os guardas
em gelada mansuetude. O amor, sempre iludido,
espera amanhã pegar na tua mão.

II

Tambores (já contei).
Evém o Rei, na armadura de herói de Flandres.
Carece recebê-lo em francês, com todas as honras,
ameninando a praça do poder.
Para longe os penhascos de mentira,
os itacolumis nostálgicos,

o timbre ouro-pretano amortecido.
A divina simetria explode em rosas,
repuxos a Le Nôtre
sem Le Nôtre.

Passa o Rei, passa a Rainha,
passa a ilustre comitiva,
as festas belgas passam, e começa
o *footing* ritmado dos vestidos.
Vitrina movente, vai e volta.
Não lhes toquem, porém, às namoradas
de sapatos brancos, branquejando
na aleia retilínea
sob as vistas de irmãos abengalados.
Será sempre, na praça poderosa
o não poder pegar a tua mão?
Quantos anos à espera neste banco
que se vai corroendo, enquanto a rosa
em desejo na haste é já ferrugem
e, no palácio, outro (invisível) homem
despacha delegados infinitos
para infinitos burgos dominados?
A mão vazia alisa o banco e tua ausência.

A ILHA

Nos quatro bancos de cimento
da ilha do Parque estão postados
com o maior comedimento
quatro casais de namorados.

Há nas ilhas sempre o convite
a idílios sem falsos recatos,
mas aqui se traça o limite
que separa intenções e atos.

Os casais se entreolham, discretos,
esperando que um deles ouse
libertar instintos inquietos,
acabando com a falsa pose.

Ninguém se atreve a dar a senha
das carícias que sonham ser.
Grossa cortina de estamena
vela o arrepio de viver.

Tão leve, o dia! O verde, o esquilo,
céu autorizativo, cúmplice...
Mas vê-se bem que tudo aquilo
é cenário de jogo dúplice.

Perde amor mais uma parada
nesta Citera provincial.

Tarde. Fecha-se o Parque. Nada
acontece de bem ou mal.

VITÓRIA

I

Como se eu quisesse
abater com o peito uma torre de ferro.

Como se eu esperasse
entrar dentro de seus olhos e me sorrir.

Como se eu sentisse
por mim o amor que ela não sente
e o fosse ela sentindo, à medida
em que o meu rosto se mostrasse amado.

Seis meses nesta batalha
perdida sem começar.

II

É, este amor não tem jeito.

Meu peito bate na laje.
A laje, não respondendo,
acrescenta meu amor.

É, este amor não tem jeito.

Seis meses enfim completos,
mereço chegar à boca
sorridente-negativa
que retumbalha em meu peito.

Foi naquele corredor.
Naquela tarde. Naquela
minuto sem uma flor
entre painéis burocráticos
de perfeito desamor.

Foi concessão de cansaço?
Prêmio de merecimento?
Sei lá o que foi. O amor
inebriou-se no beijo
que dei nela e que me dei
em sua boca gelada.
Valeu nada. Valeu tudo?

ESTES CREPÚSCULOS

Concordo plenamente.

Estes crepúsculos são admiráveis.

Nada no mundo iguala estes crepúsculos.

O sol é um pintor bêbado reformulando o céu
e até as montanhas e as árvores.

Convida a gente a viver em estado de pedraria,
de sonho, incêndio, milagre.

Estes crepúsculos sublimes criam outra Belo Horizonte,
não a dos tristes funcionários seriados,
outra Minas, outro Brasil.

Estes crepúsculos...

Mas eu não tomo conhecimento deles.

Estou triste.

Estou sepultado em mina de carvão.

Ela passou de bonde e não me olhou.

COMPANHEIRO

Batista Santiago, menestrel
a serviço do amor já sem balcões
escaláveis em tranças de mulher,
vai lapidando o sonho medieval
de revisor da Imprensa Oficial:
deixar provas de lado e atapetar
de sonetos de rima adamantina
a cama pucelar dessa menina-
-moça que mora em frente da pensão,
resguardada por três anjos ferozes:
o pai severo, o irmão violento e o cão.

Não teme Santiago esses perigos
nem quaisquer outros, forte e decidido,
mas a moça-menina sabe acaso
a carga de paixão que esconde um verso
sem direção possível nessa rua
de muros altos, ferros, cadeados?
Evola-se o poema em neutro quarto
de aluguel, e Batista, acostumado
a falar para ouvidos não ouvintes,
vai modulando líricas endechas.

Se o coração da jovem não alcança,
restam outras mulheres, e a esperança
de conquistar a que ele nunca viu.
Folhas Que o Vento Leva, suas trovas
assim dispersas giram pelos ares.
Outra moça, quem sabe? irá colhê-las.
Romântico, notívago, enluarado
peito pisoteado pelo amor,
entretanto cultiva o braço forte.
Quem no bar o provoque sabe disto:
é D'Artagnan, não mais o revisor.

PARABÉNS

Meu amigo Pedro Nava
regressou de Juiz de Fora.
Parabéns a Pedro Nava,
parabéns a Juiz de Fora.

A CONSCIÊNCIA SUJA

I

Vadiar, namorar, namorar, vadiar,
escrever sem pensar, sentir sem compreender,
é isso a adolescência? E teu pai mourejando
na fanada fazenda para te sustentar?

Toma tento, rapaz. Escolhe qualquer rumo,
vai ser isto ou aquilo, ser: não disfarçar.
Que tal a profissão, o trabalho, o dinheiro
ganho por teu esforço, ó meu espelho débil?

Hesitas. Ziguezagueias. Chope não decide,
verso, muito menos. Teus amigos já seguem
o caminho direito: leva à Faculdade,
à pompa estadual e talvez federal.

Erras, noite a fundo, em rebanho, em revolta,
contra teu próprio errar, sem programa de vida.
Ó vida, vida, vida, assim desperdiçada
a cada esquina de Bahia ou Paraúna.

Ela te avisa que vai fugir, está fugindo,
segunda, terça, torta, quarta, parda, quinta,
sápida, sexta, seca, sábado — passou!
Domingo é soletrar o vácuo de domingo.

Então, sei lá por quê, tu serás farmacêutico.

II

E você continua a perder tempo
do Bar do Ponto à Escola de Farmácia
sem estudar.

Da Escola de Farmácia à doce Praça
da Liberdade
sem trabalhar.

Da Praça novamente ao Bar do Ponto faladeiro,
do Bar do Ponto — é noite — à casa na Floresta
sem levar a sério o sério desta vida,
e é só dormir e namorar e vadiar.

Seus amigos passam de ano,
você não passa.

Ganham salário nas repartições,
você não ganha nada.

O Anatole France que degustam,
o Verlaine, o Gourmont, outras essências
do *clair génie français* já decadente,
compram com dinheiro do ordenado,
não de fácil mesada.

Se dormem com a Pingo de Ouro, a Jordelina,
pagam do próprio bolso esse prazer,
não de bolsa paterna.

Você pretende o quê?

Ficar nesse remanso a vida inteira?

O tempo vai passando, Clara Weiss
avisa no cartaz: *Addio, giovinezza*,
e você não vê, você não sente
a mensagem colada ao seu nariz?

Olhe os outros: formados, clinicando,
soltando réus, vencendo causas gordas,
e você aí, à porta do Giacomo
esperando chegar o trem das 10
com seu poeminha em prosa na revista,
que ninguém lerá nem tal merece.

Quem afinal sustenta sua vida?

Bois longínquos, éguas enevoadas
no cinza além da serra, estrume de fazenda,
a colheita de milho, o enramado feijão
e...

Fim.

A raça que já não caça
ela em ti é caçada.

III

Noite montanha. Noite vazia. Noite indecisa.
Confusa noite. Noite à procura, mesmo sem alvo.

O trem do Rio trouxe os jornais. Já foram lidos.
Em nenhum deles a obra-prima doura teu nome.

Que vais fazer, magro estudante, se não estudas,
nesta avenida de tempo longo, de tédio infuso?

Deusas passaram na tarde esquiva, inabordáveis.
Os cabarés estão proibidos aos sem dinheiro.

Tua cerveja resta no copo, amargo-morna.

Minas inteira se banha em sono protocolar.

Nava deixou, leve no mármore, mais um desenho.
É Wilde? É Príapo? Vem o garçom, apaga o traço.

Galinha Cega, de João Alphonsus. Que vem fazer,
onze da noite, letra miúda, enquanto Emílio,

ao nosso lado, singra tão longe, boia tão nuvem
em seus transmundos de indagativas constelações?

Luís Vaz perpassa, em voo grave, no Bar do Ponto:
soneto antigo, em novo timbre, de Abgar Renault.

Anatoliano, Milton assesta os olhos míopes.
Sua voz mansa busca alegrar teu desconforto.

Vem manquitando Alberto Campos. Sua ironia
esconde o lume do coração. Rápido Alberto,

será o primeiro a nos deixar. Sabe da morte
alguém da roda? Sabe da vida? E por acaso

queres saber? Em poço raso vais afundar-te
para que os outros fiquem cientes de tua ausência

e ao mesmo tempo tu te divirtas a contemplá-los,
ator em férias. Perdão, te ofendo? Martins de Almeida,

crítico-infante, faz o diagnóstico: *Brasil errado*.

Brasil, qual nada. O errado é este, sentado à mesa,

fraco aprendiz de desespero. Melhor: ingênuo?

Quantas caretas treinas no espelho para esconderes

a própria face? Nenhuma serve. O rosto autêntico
é o menos próprio para gravar o natural.

Que é natural? Verso? Mudez? Sais do letargo.

Cerram-se as portas, rangido-epílogo. Os outros vão-se,

com seus diplomas, brigar com a vida, domar a vida,
ganhar a vida. E teu cursinho físico-químico

não te vê nunca de livro aberto, de mão esperta,
laboratória. Não tomas jeito? Como é, rapaz?

A noite avança. O último bonde passa chispando
rumo à Floresta. Ou rumo aonde? Existe rumo?

Pedestre insone, vais caminhando. E nem reparas
nessa estrelinha, pálida, suja, na água do Arrudas.

DIA DE FLOR

No Dia da Margarida minha lapela de estudante
cronicamente sem dinheiro
foge das senhoritas com cestinhas de flores
que evoluem (sílvides) na Avenida Afonso Pena
pedindo o nosso, o meu conforto pecuniário
para as vítimas da enchente de Arassuaí.

Queria tanto que uma delas
(a da Rua Goiás, especialmente)
pusesse a mão no meu casaco
oferecendo ao mesmo tempo
margarida e sorriso,
e eu tirasse do bolso, qual relógio
cigarro ou lenço, maquinal,
um conto de réis, me desculpando:
— Mais daria, se não fosse...
E vem aí o Dia da Violeta.

FINAL DE HISTÓRIA

O quadro de formatura
foi pintado por Borsetti.
Borsetti, falsário exímio,
condenado por malfeitos,
aceita e avia encomendas
de todos os diplomandos
de academias mineiras.
Pintadas por trás de grades,
alegorias libertam-se,
vai Têmis e vai Hipócrates,
vão Mercúrio e saduceu
e vão sentenças latinas
cantando por toda parte
arte e engenho refinados
de montanha sapiência.
Meu Deus, formei-me deveras?
Sou eu, de beca alugada,
uma beca só de frente,
para uso fotográfico,
sou eu, ao lado de mestres
Ladeira, Laje, Roberto,
e do ínclito diretor
doutor Washington Pires?
Eu e meus nove colegas
mais essas três coleguinhas,
é tudo verdade? Vou
manipular as poções
que cortam a dor do próximo
e salvam os brasileiros
do canguari e do gálico?
Não posso crer. Interrogo
o medalhão do Amorim:
Companheiro, tu me salvas
do embrulho em que me meti?
Dou-te plenários poderes:
em tuas farmácias Luz
ou Santa Cecília ou Cláudia,
faze tudo que eu devia

fazer e que não farei
por sabida incompetência:
purgas, cápsulas, xaropes,
linimentos e pomadas,
aplica, meu caro, aplica
trezentas mil injeções,
atende, ajuda, consola
sê enfermeiro, sê médico,
sê padre na hora trevosa
da morte do pobre (a roça
exige de ti bem mais
que o nosso curso te ensina).
Vai, Amorim, sê por mim
o que jurei e não cumpro.
Fico apenas na moldura
do quadro de formatura.

O SENHOR DIRETOR

O fraque do diretor,
a bengala do diretor,
a paixão atleticana do diretor,
a importância amável do diretor
surgem infalíveis às 8 e meia,
indagam protocolarmente:

— Alguma novidade?

Deu destaque ao aniversário do Presidente?

Sai o retrato dele em três colunas
no alto da primeira página?

No centro da página, é claro?

Não precisa noticiar a partida do Deputado Leleco.

Não está em boas graças no Palácio.

Bem, até amanhã.

Veja lá, Drummond, eu confio em você.

REDATOR DE PLANTÃO

Opereta no caminho do jornal.
Se vou à Clara Weiss não faço artigo
de fundo, bem ventruado, como quer
o recado do Palácio do Governo.
Se faço o artigo da gazeta oficial,
perderei Clara Weiss e as mulheronas
que em seu redor alçam pernas cantatórias.

Tudo na mesma rua: teatro, redação,
dever, emprego, música ligeira.
Nem todo dia Strauss espalha em Minas
os eflúvios da valsa vienense,
e eu aqui, nesta mesa redatora,
a proclamar que sem Minas altiva
a República não acha salvação.

É sempre assim: perdi Leopoldo Fróes
por causa da campanha eleitoral.
Chaby não ouvi nem vi; Guiomar Novais
lembrança não deixou em meus ouvidos
de Chopin e Mompou, pois me tocou
fazer na mesma hora o necrológio
do senador Pimpim, glória mineira.
De madrugada, findo o meu trabalho,
eis dorme Clara Weiss no Grande Hotel,
dorme Franz Lehar na lembrança musical
de muitos, dormem lustres, mármore, sanefas
do infrequentável Teatro Municipal,
e eu transporto para casa esse remorso
de ser escriba, inconvicto escriba oficial.

VERBO E VERBA

É redação?

É academia, Parnaso?

Afonso Arinos cintilante,

Emílio Moura evanescente,

João Alphonsus calado-irônico,

Cyro dos Anjos expectante,

Horácio Guimarães, gravura a talho-doce

de uma remota, simbolista

Belo Horizonte.

Dois diários num só?

Boletim do P.R.M.,

clarim do Modernismo,

usina de poemas sem metro,

porta-voz mineiro de Mário de Andrade,

sentinela conservadora das Alterosas

políticas,

quem entende este asilo

de doidos mansos burocratas?

Alguém o entende: Eduardinho, o *Bola*,

gerente sem fundos

(como custa a Secretaria das Finanças

a soltar a magra verba oficial!),

cercado de *vales* por todos os lados,

sai à rua campeando

anúncios do depurativo Salsa, Caroba e Manacá,

do Cacturgenol para urinas escuras,

e faz intercalar o comunicado do Partido

com o salutar aviso

de que o Pó Pelotense

é o único a evitar assaduras debaixo dos seios.

O PRÍNCIPE DOS POETAS

Fazer.

É preciso fazer alguma coisa
que pelo menos risque um círculo
efêmero na água morta da cidade.
Vamos eleger o Príncipe dos Poetas Mineiros?
Na redação, em mesas próximas,
João Alphonsus emite
seu sorriso enigmático,
Emílio, recém-chegado de galáxia,
aprova com doçura.

Mãos à obra!

O eleitorado é quem quiser
ser eleitor, principalmente nós,
inelegíveis de nascença.
Pingam votos esparsos. Desconfiança.
Isso é brincadeira
de irresponsáveis futuristas?
É sério, gente. Votos
para Belmiro Braga, o velho Augusto
de Lima e Noraldino e Mário Matos.
Poeta nenhum deixa de ter o seu votinho,
menos nós, questão de ética ou de tática?
Abgar, nosso amigo, cresce em números,
mas se for escolhido vão dizer
que a eleição, como as outras, nada vale.
Em apuros estamos. Afinal,
qual será, dos poetas, o mais nobre,
aquele que a Bilac se compare?
Um não serve por isso ou por aquilo.
Outro passou de moda. Outro é feroz
contemptor de experiências modernistas.
E um Príncipe hostil não apetece
à nossa moderada veia lúdica.
O estalo nos salva: Honório Armond
em sua Barbacena roseiral
é altivo, discreto, bom poeta,
dará ao fraco título grandeza.
Votação carregada

elege-o com destaque. Muito bem.
Mas Honório, mineiro cem por cento,
sem recusar redondamente a láurea,
responde: “Eu, Príncipe? De quê?
Só se for, por distinção latina,
Princeps Promptorum”... E continua
sereno, silencioso,
em seu rosa-lar de Barbacena.

A LÍNGUA E O FATO

Precisamos dar um nome
português a este desporto.
De resto, o nome genérico
nem tem cara de vernáculo.
Lincoln, de latim provido,
hesita entre bulopédio
e globipédio. Afinal
define-se por ludopédio
no jornal oficial.

Aprovado o lançamento
por força da lei mineira
não assinada mas válida,
eis que súbito estraleja
barulho estranho lá fora.
A redação se interroga.
Que foi? Que não foi? Acode
o servente noticioso
e conta que espatifou-se
a vidraça da fachada
por bola de futebol.

ESPETÁCULO*

Foi Saint-Hilaire, o sábio-amante
da natureza, o vê-tudo,
o anotador, quem disse
(não os mentirosos da cidade):
Aqui até os relâmpagos são diferentes
dos que fulguram na Europa.
Formam no horizonte
imensa claridade.
O ar é todo prata
e uma luz mais faiscante
no centro se alevanta,
foguetes esplendorosos
que no clarão floresce
e no clarão perece.

Era noite, e Saint-Hilaire
parou na serra o seu cavalo,
sob a chuva e a bofetada do trovão,
europicamente
deslumbrado.

* Esses três últimos poemas pertencem a *Boitempo II*, mas não estavam incluídos na pasta organizada por CDA. (N. E.)

MÚSICA PROTEGIDA

Santa Cecília, anterior aos sindicatos,
protege a situação dos músicos das minas.

Ninguém seja cantor ou instrumentista
quer no sagrado ou no profano
sem se prender aos doces laços
de sua melódica Irmandade.

Quem infringir a santa regra
ofensa faz ao povo e ao Céu,
a boca se lhe emudece, o instrumento
cai sem som na laje fria.

Mas aos pios irmãos Santa Cecília
a cada dia e hora
concede voz mais pura
e mais divino som ao clarinete.

MORTO VIVENDO

Aquele morreu amando.
Nem sentiu chegar a morte
quando à vida se abraçava
nem a morte o castigou.
Enquanto beijava o amor
a morte o foi transportando
nos braços do amor gozoso
sem desatar-se a cadeia
de vida enganchada em vida.
Aquele morreu? Quem sabe
o que foi feito do amante
alçado em coche de chamas
ou carruagem de cinzas
no ato pleno de amar?
Não corrigiu a postura,
não voltou aos intervalos
de solidude na espera,
não repetiu mais os gestos
fora do rito amoroso.
Morreu completo, no êxtase
de estar no mundo e extramundo.
Que sabe a morte do abraço
paralisado na luz
do quarto aberto ao amor
e defeso a tudo mais?
E se continua vivo
e mais do que vivo amando
sem paredes e sem ossos
nos vazios espaciais,
não sei como, não sei quem?

Nota da edição

Os poemas de Boitempo foram originalmente publicados por Drummond em três volumes: *Boitempo & A falta que Ama* (Rio de Janeiro: Sabiá, 1968), *Menino antigo* (Rio de Janeiro: Sabiá; Instituto Nacional do Livro, 1973) e *Esquecer para lembrar* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1979). Seguindo um desejo do autor, os poemas dos três livros (exceto os de *A falta que ama*) foram republicados pela editora Record nos anos 1980 em dois volumes. Adotou-se o título *Boitempo* para o conjunto total, e *Menino antigo* e *Esquecer para lembrar* para os dois volumes resultantes.

Na nova edição, que seguimos aqui, o poeta alterou a ordem original dos poemas, adotando um critério, grosso modo, cronológico, não da ordem de sua composição ou publicação, mas do assunto, indo da Itabira pré-histórica até os anos 1920. Reorganizou as seções dos livros originais, eliminando algumas e reagrupando os poemas em conjuntos maiores e mais lógicos. A maioria das seções, então, contém poemas das três coletâneas.

Para que os leitores possam verificar o volume e a seção em que cada poema foi publicado em sua primeira versão, foram incluídos aqui, às páginas 310-5, os sumários das edições originais.

Posfácio

“NO CÉU LIVRE POR VEZES UM DESENHO”

John Gledson

Boitempo não é um livro difícil, e os poemas, em geral, não precisam de muito comentário. São, assumidamente, fragmentos. Sua ordem é simples — cronológica, com frequência agrupados por temas — e foi mudada sem cerimônia entre as coletâneas originais e o volume final. O posfácio a este segundo volume visa apenas apresentar algumas sugestões e ideias: o leitor ou a leitora saberá encontrar seu próprio caminho, seus poemas prediletos.

Um elemento desse novo mundo poético — e o comentário vale também para os outros poemas contemporâneos, até *Farewell* — é a variedade e a mestria da versificação, e em geral da construção dos poemas. Entre 1924 e 1962, é claro, Drummond variara muito, dos poemas-piada e cartão-postal de *Alguma poesia à palavra-puxa-palavra* mais complexa e brincalhona de *Brejo das Almas*, às redondilhas aceleradas de *José*, ao verso livre de *A rosa do povo*, os sonetos secos e irritados de *Claro enigma*, os poemas longos e complexos de *Fazendeiro do ar* (“Elegia”, “Escada”...), ao “concretismo” falso e à liberação das palavras de *Lição de coisas*. Podia parecer que não houvesse novas opções no “largo armazém do factível”. Em *Boitempo*, porém, Drummond mina toda essa experiência, todo esse passado, para encontrar a forma certa, o “desenho” inerente a cada poema. Por toda parte há ecos do passado.

O objetivo às vezes parece fazer com que a forma do poema fique invisível, o simples resultado do assunto, mas as coisas não são tão simples assim. Numa das cartas a Favita — sua sobrinha, filha do irmão Altivo —, de 24 de outubro de 1977, Drummond fala de um poema planejado, e diz que será em “pé quebrado”, escolha típica de um poeta que gosta de brincar com as regras e quebrá-las.¹ Quem duvide do interesse de Drummond por esses assuntos deve ler o poema “A paixão medida”, da coletânea de mesmo nome.

Essa capacidade de achar as palavras, sons, ritmos e formas para tudo tem um reverso incômodo: o poeta sente saudades das lutas anteriores para expressar-se. Num poema curto de *Boitempo* (1968), “Primeiro conto”, uma tentativa primitiva de escrever fica “tão esmaecida/ que nem mancha o papel”. Agora, porém, a situação é a oposta: “Quem decifra por baixo/ a letra do menino,/ agora que o homem sabe/ dizer o que não mais/ se oculta no seu peito?”. Nada é escondido, não há conflito — pode ser que o poeta suspeite, nesse processo, que sua poesia tenha perdido parte do poder.²

Eis aqui um exemplo dessa perícia e sutileza. “O ator”, da primeira seção do livro, e do *Boitempo* de 1968, conta a história de um escravo fugido — “por si mesmo libertado”. O verso é de redondilha maior, e começa com um ritmo forte, e rimas alternadas, também fortes, em *-ado*. Descreve a viagem do avô do poeta para “vender burro brabo fiado”, e deixa espaço para um humor leve. Então, na linha 29, muda: as rimas desaparecem, o ritmo fica menos insistente, com mais enjambement, e “o drama tem outra face”, focalizando o escravo, que se fez ator, o ambiente mágico da peça (*A Vingança do Passado*) — e, implicitamente, a própria liberdade ameaçada. Quando o dono reconhece sua propriedade (por uma cicatriz na testa, note-se), vêm à tona ecos da rima, típicos da assonância da balada, do “romance” tradicional — “Fernando”, “banco”, “mostrando” —, até que finalmente voltam à rima plena, sublinhada por uma rima interna: “Bacalhau, ai bacalhau/ que te abra-se o rabo, diabo/ Acaba com esta papeata/ senão sou eu que te acabo”. Voltamos à realidade brutal e às rimas em *-ado*, à servidão e ao distanciamento final, cômico, inesperado e inesquecível: “A tropa vai caminhando/ pelo Segundo Reinado”. Esse emprego da rima, tragicômico, quase melodramático, é um velho instinto, quase um princípio do poeta. Rimas não são soluções, e “a poesia mais rica/ é um sinal de menos”.

Os poemas longos em redondilha são muito característicos de Drummond: começam em *José* (1942), com alguns poemas definitivos (“José”, “Viagem na família”, “O lutador”).³ Esse meio-termo entre liberdade e restrição, moto-contínuo e quietude, uso e abandono de rima, assonância e ritmo, tudo aponta para um compromisso entre extremos. Um exemplo contrastante é o poema titular, “Boitempo”, dos mais belos do livro. A ação é mínima, uma simples passagem de tempo, do anoitecer à aurora, dominada pelo gado — os humanos aparecem só implícitos, na “luz que a vidraça/ da casa fazendeira/ derrama no curral”, e mais uma vez pelos verbos em primeira pessoa (dormimos, acordamos). As ligeiras tensões e distensões provêm em parte da extensão das frases, que duram entre duas e sete linhas, e culminam na “estátua de sal” que marca a fronteira entre o nosso mundo e o deles, do gado: talvez lembre a mulher de Lot (Gênesis 19,26) ou então Eurídice, que também cede à tentação de olhar esse outro mundo “noturno”, tão característico de Drummond, e do qual, em *Sentimento do mundo*, *José* e *A rosa do povo*, encontra tanta dificuldade em sair para a luz.⁴ Aqui em Itabira, tudo é simples, natural e onomatopaico:

*A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.*

O núcleo original de *Boitempo* (1968), e até certo ponto dos poemas da seção “Memória”, de *Lição de coisas* — por exemplo em seu primeiro poema, “Terras” —, contém um elemento utópico, subvertido talvez, porém presente:

*Serro Verde Serro Azul
As duas fazendas de meu pai
aonde nunca fui
Miragens tão próximas
pronunciar os nomes
era tocá-las*

Nada é simples, claro, mas a ideia de que “criação e gente, em liga,/ tudo era casto” implica uma espécie de inocência perdida. Uma expressão perfeita da inocência edênica (e irônica) é o poema “Cisma”:

*Este pé de café, um só, na tarde fina,
e a sombra que ele faz, uma sombra menina
entre pingos vermelhos.
Sentado, vejo o mundo
abrir e reabrir o seu leque de imagens.
Que riqueza, viver no tempo e fora dele.
Eis desce lentamente o tronco e me contempla,
a embeber-se no meu e no sonho geral,
extasiada escultura, uma cobra-coral.*

O menino, “no tempo e fora dele”, contempla o pé de café, com seus bagos vermelhos, extasiado. Mas não há Éden sem cobra: num equilíbrio familiar entre quietude e movimento, a cobra-coral desliza pelo tronco; o vermelho da pele é um eco dos bagos. Até as rimas das primeiras e últimas linhas, exprimindo a inocência e o perigo iminente, sublinham a perfeição desse poeminha.

Ao sair deste mundo, seguimos uma ordem mais ou menos cronológica nos trezentos poemas situados em Itabira, divididos em seis seções: há também um movimento do mais individual — uma das seções de *Boitempo* (1968) intitulava-se “Um” — para o coletivo, do eu para a família, e de lá para a cidade de

“Repertório urbano”. Na primeira seção, “Pretérito mais-que-perfeito” (isto é, um tempo além do passado pessoal do poeta), começamos pelo vazio, o que não há mais: os pássaros, animais e plantas extintos de “Chamado geral”, ou a anta do poema homônimo, que só habita livros de história — “Que sei do tapir/ senão sua derrota?” (“Resumo”), como diz noutro poema. Os índios também sumiram, deixando traços indecifráveis: o “eco” do primeiro poema da segunda seção, “Fazenda dos 12 vinténs, ou do Pontal”,⁵ reaparece no poema final da mesma seção, “Inscrições rupestres do Carmo”, onde o menino, indo para a escola com lápis e tabuada, cisma “nesses mágicos desenhos/ que bem desenharia, fosse índio” (grifo meu).

Os escravos aparecem com alguma frequência, em poemas muito variados. “Homem livre” forma um contraste (intencional?) com “O ator”: aqui, vemos que o jeito de se libertar da escravidão era fazer-se indispensável no mundo dos livres. Manuel Chassim (bem possivelmente o mesmo que Drummond menciona na carta a Favita) tenta recuperar seu escravo, botando anúncio até no *Jequitinhonha*, mas Atanásio (que inclusive tem nome, diferente do “ator”) se fez cozinheiro num Seminário de Diamantina, e “quem vai prender homem de tantas qualidades?”. Outros poemas habitam um mundo quase mítico, herdeiro do extraordinário “Canto negro”, de *Claro enigma*. “Barra do Corcunda”, por exemplo, é um quilombo, lugar real e imaginado, visto numa distância enevoada: “As mulheres não choram/ na Barra do Corcunda./ A chuva é que lhes dá/ a feição deslizante/ de úmidas estátuas. / O mais, tudo normal”. Mas nem tudo é mito: também há a liberdade sexual e a violência implícita de “Negra” ou “Ar livre”.

Daqui vamos, na seção “Morar nesta casa”, para a casa familiar, descrita em detalhe no poema introdutório, “Casa”, com todas as suas dependências, sua gente, seus ritos, até o anticlímax, aqui em forma de poema, do fim da seção, “Liquidação”, que lembra muitos poemas anteriores, como “Os bens e o sangue”, ou “Viagem na família”: “A casa foi vendida com todas as lembranças/ todos os móveis todos os pesadelos/ [...] / seus imponderáveis/ por vinte, vinte contos”.

A seção “Notícias de clã” focaliza a família, que inclui os mortos, em “Os chamados” e “O preparado”, poema que originalmente, e ainda no sumário de *Boitempo* (1968), intitulava-se “Geraldo”, nome de um irmão mais novo do poeta, que morreu com três anos, de crupe.⁶ “Foto de 1915” incorpora esses mortos numa nova versão de “Retrato de família”, de *A rosa do povo*, porém mais triste, como que hesitante e frágil. É a Tradicional Família Mineira, tal qual a esperaríamos, com sua insistência na autoridade paterna e as consequências nefandas de desafiá-la (“O beijo”, “Revolta”). Em “Escrituras do pai”, os efeitos desse regime duram pela vida afora, com a sensação, presente em muitos poemas, de que “Tudo foi previsto/ e proibido/ no Antigo Testamento do Brasil” (“Justificação”). O patriarcalismo é a regra, mas a distância quase mítica do pai de “Infância”, de *Alguma poesia*, cede a uma perspectiva mais humana:

*paira alto alto alto
e não chego ao seu estribo.*

*Mas desce à porta de casa
em tamanho natural.*

Essa família, como toda família extensa (“Os tios e os primos”, “Romance de primas e primos”), tem seus santos (“Santo particular”) e pecadores: Sofia “semilouca de raça ilustre”, ou Márgara, “vestida de homem da cabeça aos pés”, que ensaiam a objetividade e simpatia do poeta diante de tais “anomalias”. Mais uma vez, a seção termina com uma imagem de fim, de destruição, do monolito, o “túmulo orgulhoso/ do grão senhor de terras e da tribo” fendido por um raio (“Aquele raio”). Mas não podia faltar um lado

quase cômico, em “Conversa”, por exemplo, com seus “bois pastando na sala de visitas/ divisas disputadas, cercas a fazer”, ou “trivial”, como o memorável “Atentado”.

A próxima seção, “O menino e os grandes”, privilegia o ponto de vista da criança, no processo de crescer, os ritos, cortar as unhas às quintas, dar dinheiro aos pobres aos sábados, ter de vestir uma roupa de marinheiro (“merda moda”). Passamos também da iniciação literária — em “Repetição”, soneto abertamente nostálgico (“É toda musgo a tarde itabirana”), e “Biblioteca verde”, sobre os “24 volumes encadernados/ em percalina verde” que, diante da insistência do menino, o pai encomenda do Rio de Janeiro — para a sexual, em vários poemas sobre “o código do amor”, das primeiras experiências malogradas com as “negrinhas” (“Tentativa”); ou procurar espiar as partes íntimas da mulher (“Menina no balanço”); ou esconder-se no porão para vê-las através das gretas do assoalho (“*Le voyeur*”) — só que “a sola negra dos sapatos” impede a vista e adia “a triste poluição” —; ou a obsessão com “A puta”. Essa franqueza sexual é típica do Drummond dos anos 1970, até de antes, nos poemas de *O amor natural*, alguns escritos na época de *Claro enigma*. Antes do colégio e da perda da fé, porém, insinua-se a religião — o menino precoce é sempre perseguido pelo “Deus do catecismo” e pelo seu representante na terra, o padre, que o confessa, e cuja mão sempre tem de beijar (“O padre passa na rua”).

Em “Repertório urbano”, somos levados a conhecer a cidade, seus logradouros, bairros, casas etc. Dois poemas dos mais curtos, contidos e belos evocam dois cemitérios, o do Cruzeiro, calmo, resignado, mas arisco (“não atendemos à chamada”), e o do Rosário, dos escravos e negros (“os mais esquecidos/ inominados/ de todos os mortos antigos”). Outros descrevem as personagens mais notáveis da vila, como os turcos, de “bigodes pontudos, caras / de couro curtido”, Alfredo Duval, o “santeiro anarquista”, que aparece já em “Confidência do itabirano”, e Fernando Terceiro, o agente do correio parecido com Francisco José, imperador da Áustria. Nessa seção, às vezes, aparecem alguns eventos históricos, por mais distantes, irrelevantes e até cômicos que sejam ou pareçam: pouco a pouco, surgimos para a história. Também aqui já começa o processo de “despojamento”, no sentido de perda; a riqueza da vila é desperdiçada com artigos importados (“Império mineiro”), o suposto “velhaco” Zico Tanajura vende sua terra a Mr. Jones, “distinto representante de Mr. Hays Hammond/ embaixador de Tio Sam em Londres-belle-époque”,⁷ Mrs. Cawley fascina todo mundo com seu sorriso e seu fox terrier, enquanto seu marido “compra as terras, compra tudo/ fácil, no deslumbramento”.

O último poema dessa seção, e assim a última a situar-se em Itabira, volta a um tema recorrente, e a uma imagem também recorrente (ver, por exemplo, “Coleção de cacôs”): o menino desajeitado e *gauche*, e os fragmentos de uma xícara de café pelando que deixa cair. “De cacôs, de buracos”...

Os cem poemas ou pouco mais que constituem a segunda metade de *Esquecer para lembrar* tratam da vida além de Itabira. Não sabemos se formaram parte do plano original, que parece ter se desenvolvido lentamente. Uns poucos poemas já estavam em *Boitempo* (1968), na seção “Outras serras”, e estão incluídos já no começo da última seção do livro, “Mocidade solta”: estilisticamente, porém, harmonizam mais com os primeiros poemas escritos.⁸ Embora sigam o modelo dos poemas anteriores, curtos ou compridos, de formas e ritmos variados, a tendência é de se afastar do lirismo e aproximar-se da narrativa. Até certo ponto, são autobiográficos: pouco a pouco, ao longo do livro inteiro, o poeta recupera o “direito à semelhança” que no poema “Documentário” (de *Menino antigo*) já se resignara a ter perdido. Mas são muito pouco íntimos: o foco muitas vezes cai sobre outras pessoas, e vê-se a si próprio de fora, numa das *personae* a que nos habituamos na poesia anterior, de “Poema de sete faces” em diante.

A segunda seção deste livro, e a mais curta, é “Primeiro colégio”, e conta os quatro meses que passou no Colégio Arnaldo em Belo Horizonte, em 1916 — com treze anos, portanto. Foi a primeira temporada fora de casa, mas a dor natural é atenuada — acompanhamos o menino, com o pai, até o colégio. O professor de francês Arduíno Bolívar é o assunto de dois poemas, e um tipo que muitos reconhecerão — tão submerso nas belezas da literatura francesa que quase não nota os alunos na “doce navegação de estar sozinho”, mas por isso mesmo comunica seu enlevo: dádiva permanente no poeta, sempre “nutrido do velho leite francês”.⁹ Também reconhecerão o Irmão Paulo, o sádico praticante da *Arte de Dar Cascudos*. Foi aqui que Drummond encontrou alguns de seus amigos mais importantes e permanentes: Gustavo Capanema (“Figuras”) e Abgar Renault (“Craque”), por exemplo. Esse internato é poroso: vai-se visitar os parentes, passeia-se no “Parque municipal” de Belo Horizonte, com seu pederasta residente (“que faz o gesto lúbrico, sorri”), jardim também evocado (“nem simbolista nem parnasiano”) no bonito “Apontamentos”.

A seção “Fria Friburgo”, por contraste, nos leva ao típico internato fechado (neste caso, jesuíta — Loiola rima com gaiola — com seu sistema de generais e coronéis, soldados de Cristo). É a instituição que habita os pesadelos de gerações de jovens, não só brasileiros, não só católicos, do século XIX até pelo menos os anos 1970: nessa medida, evoca um ambiente que muitos podem compreender. Várias vezes, recorre à imagem óbvia do cárcere. Aqui, o bom professor, padre Filippo, “cansado de obedecer, vai dar o fora” (“Recusa”); e há o perverso Padre Rubillon, que ama mostrar sua “superioridade” propondo quebra-cabeças supostamente sofisticados, na verdade infantis: o tipo de injustiça trivial de que uma criança sensível vai se lembrar. Finalmente, como se sabe, Drummond foi expulso desse colégio noutro ato de injustiça que mudou sua vida (“Perdi a Fé. Perdi tempo”); como nota com certo prazer vingativo na mesma “Autobiografia para uma revista”, o padre que o “fulminou com essa sentença condenatória morreu, alguns anos depois, num desastre de bonde na Rua São Clemente”.¹⁰

Por fim, mudamos para Belo Horizonte, para onde Drummond foi em 1920 com a família e viveu até 1934, cidade na qual começou sua carreira literária. O assunto, então, é a vida nessa cidade “moderna”, mas também provinciana. O poema de abertura, “A casa sem raiz”, descreve a casa na Floresta, para onde mudou com os pais e o irmão José. É sobretudo notável pelo que não é — “A casa não é mais a casa itabirana”. O adolescente perdido, já “de alma antiga”, mora numa “suposta habitação de um eu moderno”. Já em “Dormir na Floresta”, revelam-se os alicerces da seguridade burguesa, suas bases financeiras, políticas e até religiosas (a Equitativa, o Partido Republicano Mineiro, o Vaticano), segurança só ameaçada por um fantasma inofensivo, o apito do trem da Oeste de Minas.

É o mesmo pano de fundo de *Alguma poesia*, e não deixará de interessar os curiosos pela cidade de Belo Horizonte desses anos, social, literária e artística — assemelha-se, nesse sentido, às memórias de Pedro Nava. Alguns poemas, como “Ode ao Partido Republicano Mineiro”, “O senhor diretor”, “Redator de plantão” e “Verbo e verba” lembram o importante papel que teve o *Diário de Minas*, órgão oficial do P.R.M., em sua carreira literária e burocrática; outros — “Doidinhos”, “Jornal falado”, “As letras em jantar”, “A consciência suja”, “O príncipe dos poetas” — evocam os grupos e tendências literários do tempo, dele e de outros. Justamente por não se preocuparem com a poesia drummondiana desse período, situam-nos numa outra perspectiva, menos modernista, mas nem por isso menos iluminadora. Um dos poemas, “Parceiro de Bach”, parece uma reescritura, em tom de farsa, de um dos poemas de *Alguma poesia*, “Nota social”, no qual o canto monótono e estridente do grilo significa algo talvez mais “autêntico” que a voz do poeta preso em convenções sociais. Outro, “A difícil escolha”, um de vários poemas que envolvem o cinema, lembra um poema “trivial” de *Sentimento do mundo*, “Indecisão do

Méier”. O tema, novamente, é a *gaucherie* do poeta e a rigidez da Tradicional Família Mineira — num dos poemas, não pode ir ao cinema com a namorada, porque teria de levar a família dela inteira de *chaperon*! Estamos no mesmo mundo deste “haicai urbano” publicado em 1926, mas excluído de *Alguma poesia*: “Na escuridão da sala/ Tom Mix apareceu/ e meus braços fracos te apertaram”.¹¹ Pouco a pouco, atamos as duas pontas da vida do poeta e nos reunimos ao Drummond “oficial”, o que estreou em 1930.

1 Carlos Drummond de Andrade, *Querida Favita: Cartas inéditas*. Org. de Flávio A. de Andrade Goulart e Myriam Goulart de Oliveira. Uberlândia: Edufu, 2007, p. 77.

2 Em “No exemplar de um velho livro” de *Fazendeiro do ar* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 11) surge a mesma angústia, em relação a *Brejo das Almas*.

3 A descoberta desse ritmo fundamental deve-se em parte à influência de Jules Supervielle. É o que argumento em meu *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003), cap. 3.

4 John Gledson, *Poesia e poética em Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1982, pp. 152-6.

5 A fazenda do Pontal, segundo José Maria Cançado, em *Os sapatos de Orfeu* (São Paulo: Scritta, 1993, p. 28), era a fazenda principal do pai de Drummond, Carlos de Paula Andrade, que possuía mais três. Foi arrasada na década de 1970 para que se construísse uma barragem de rejeito de minério, sendo reconstituída em 2004, um pouco acima do lugar original, usando parte do mesmo material, guardado por três décadas pela empresa Vale. Ver *Itabira*, publicação do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Itabira; e Carlos Drummond de Andrade, *Querida Favita*, op. cit., p. 57, 12n.

6 Cançado, op. cit., p. 32.

7 Mr. Jones pode ou não ser real, mas este John Hays Hammond (1855-1936), engenheiro, diplomata, filantropo e explorador ousado que comprava terras e abria minas é perfeitamente real, assim como a grande maioria dos personagens históricos, locais, nacionais e mundiais dos poemas.

8 Entre eles, “Blenorragia”, talvez explicado pelo episódio alegado por José Maria Cançado; ver nota 3 do posfácio do primeiro volume.

9 “Vinte livros na ilha”, em *Confissões de Minas*. São Paulo: CosacNaify, 2011, p. 207.

10 Para uma versão verossímil do que realmente aconteceu, ver Cançado, op. cit., pp. 68-9.

11 Ver a tese de Thais Isabel Castro, *Dez anos de lirismo desenfreado: Poesia inédita de Carlos Drummond de Andrade nos anos 20*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 222.

Leituras recomendadas

CANÇADO, José Maria.
Os sapatos de Orfeu.
São Paulo: Scritta, 1993.

CASTRO, Thais Isabel.
Dez anos de lirismo desenfreado: Poesia inédita de Carlos Drummond de Andrade nos anos 20.
Belo Horizonte: UFMG, 2004.

GLEDSON, John.
Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GLEDSON, John.
Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade.
São Paulo: Duas Cidades, 1982.

SANTIAGO, Silviano.
“Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”.
In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 2008, pp. v-XLI.

Sumários das edições originais

BOITEMPO I

[1968]

(In) memória

CAMINHAR DE COSTAS

Cautela

O ator

Criação

15 de novembro

VIDA PAROQUIAL

Ausência

O relógio

Serenata

O banho

Procissão do encontro

Os assassinos

Terapia ocupacional

Cemitério do Cruzeiro

Cemitério do Rosário

Forja [Indústria]*

Censo industrial

Ordem

O resto

MORAR

Casa

Depósito

Visita matinal

Recinto defeso

Resumo

Escaparate

Copo d'água no sereno

Litania da horta

Cisma

Liquidação

BOTA E ESPORA

Chamado geral

Ar livre

Mulinha

O fazendeiro e a morte

Surpresa

Boitempo

Estrada

NOTÍCIAS DE CLÃ

Herança

O banco que serve a meu pai

Os chamados

Drama seco

Rosa rosae

O criador

Cantiguinha

O preparado

UM

Etiqueta

Signo

Brasão
Primeiro conto
O diabo na escada
Didática
Fim
Tortura
Queda
Descoberta
Orion
1914
Gesto e palavra
Repetição
A puta

PERCEPÇÕES

Água-cor
Três garrafas de cristal
Flor-de-maio
Concerto
País do açúcar
Tempestade
Terrores

RELAÇÕES HUMANAS

Cortesia
Imperator
Suum cuique tribuere
Visita à casa de Tatá
Ei, bexiga!
Flora mágica noturna
Cultura francesa
Orgulho
Primeiro poeta
Primeira eleição
Os excêntricos
Realidade
Coqueiro de Batistinha
A Alfredo Duval

OUTRAS SERRAS

Parque municipal
Engate
Resultado
O pequeno cofre de ferro
Mestre
BOITEMPO II (Menino antigo)
[1973]

Documentário

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Justificação
Espetáculo
Anta
Jacutinga
Música protegida
Malogro
Crônica de gerações
Herói
Muladeiro do Sul
O francês
Doutor mágico
Homem livre

Negra

FAZENDA DOS 12 VINTÉNS OU DO PONTAL

Propriedade

Casarão morto

Salve, Ananias

Bota

Caçamba

Destruição

Nomes

Parêmia de cavalo

Mancha

REPERTÓRIO URBANO

Paredão

Paisagem descrita em jornal de 1910 [Paisagem]

Conclusão

A montanha pulverizada

A rua em mim

O dia surge da água

Império mineiro

O doutor ausente

Portão

Velhaco

Telegrama

Pintura de forro

Sino

Os gloriosos

Opa

Câmara Municipal

Curral do conselho

Deveres

Proibições

Rancho

Ferreiro

Tempo ao sol

Imprensa

Correio

Turcos

Caçada

Sina

Doido

Vida vidinha

Passeiam as belas

Primeiro automóvel

O PEQUENO E OS GRANDES

História [História de clã]

Braúna

Raiz

Andrade no dicionário

Aquele Andrade

Distinção

Escritório

Escrituras do pai

Contador

Suas mãos

Foto de 1915

Irmão, irmãos

O beijo

Inscrição

Sobrado do Barão de Alfié

Porta da rua
Os tios e os primos
Nova moda
Novo horário
Música
Três compoteiras
Quarto de roupa suja
Quarto escuro
Banho de bacia
Cozinha
Conversa
Os grandes
Memória prévia
Verbo ser
Matar
Assalto
Atentado
Tabuleiro
Fruta-furto
Antologia
Achado
Quinta-feira
Rito dos sábados
Marinheiro
Iniciação literária
Assinantes
Primeiro jornal
Biblioteca verde
Prazer filatélico
Beijo-flor
Indagação
As pernas
Le voyeur
Tentativa
Hortênsia
Mulher vestida de homem
Certas palavras
O padre passa na rua
Confissão
A impossível comunhão
Aspiração
Anjo
Noturno
O Cavaleiro
Revolta
Fuga
Inimigo
Comemoração
Cometa
Anjo-guerreiro
Dodona Guerra
A notícia
O inglês da mina
Morto vivendo
Mrs. Cawley
Ombro
Nova casa de José
BOITEMPO III (Esquecer para lembrar)
[1979]

Intimação

BENS DE RAIZ

Agritortura

Fazendeiros de cana

Balança

A paz entre os juizes

Litania das mulheres do passado

Cuidado

Guerra das ruas

Testamento-desencanto

FAZENDA DOS 12 VINTÉNS OU DO PONTAL E TERRAS EM REDOR

O eco

Aquele córrego

Melinis minutiflora

O belo e boi de Cantagalo

Privilégio

Inscrições rupestres no Carmo

Mitologia do Onça

Na barra do Cacunda

MORAR NESTA CASA

Casa e conduta

Porta-cartões

O arco sublime

O som estranho

O vinho

O licoreiro

Estojo de costura

Pesquisa

Açoita-cavalo

Reunião noturna

Canto de sombra

Higiene corporal

NOTÍCIAS DE CLÃ

Brasão

Conto de reis

Repouso no templo

Aquele raio

A condenada

O filho

A nova primavera

Chegada

Rejeição

Santo particular

Importância da escova

O excomungado

Romance de primas e primos

O viajante pedestre

O MENINO E OS GRANDES

Procurar o quê

Solilóquio do caladinho

Coleção de cacos

Dois rumos

Dupla humilhação

O maior pavor

A incômoda companhia do Judeu Errante

Brincar na rua

Briga

O visitante inábil

Tambor no escuro
Bando
Cheiro de couro
Classe mista
Hora mágica
O negócio bem sortido
História de vinho do Porto
Exigência das almas
Esmola
Os pobres
Menina no balanço
Febril
A mão visionária
Amor, sinal estranho
Enleio
Sentimento de pecado
Ele

REPERTÓRIO URBANO

Pedra natal
Tantas fábricas
Desfile
O melhor dos tempos
Poder do perfume
A separação das casas
Chegar à janela
Chupar laranja
O andar
Estampa em junho
Gosto de terra
O original e a cópia
Os charadistas
Os velhos
Arcebispo
São Jorge na penumbra
O bom marido
Morte de noivo
A moça ferrada
Noticiário vivo
Abrãozinho
Aniversário de João Pupini
História trágica
Saber incompleto
Resistência
Estigmas
Oração da tarde

PRIMEIRO COLÉGIO

Fim da casa paterna
Aula de português
Aula de francês
Aula de alemão
Craque
Figuras
Programa
Ruas
Parque municipal
Apontamentos
Livraria Alves
A norma e o domingo

FRIA FRIBURGO

Primeiro dia
Segundo dia
Terceiro dia
Lição de poupança
O doce
Começar bem o dia
A decadência do Ocidente
Estreia literária
O rato sem rabo
Cobrinha
Pavão
A lebre
Marcas de gado na alma
Lorena
A banda guerreira
Orquestra colegial [Orquestra]
Artistas adolescentes
Sessão de cinema
Verso proibido
Recusa
Inventor
O som da sineta
Enigma
Somem canivetes
Caxerenguengue
Passeio geral
Postos de honra
Campeonato de pião
Dormitório
Direito de fumar
Punição
Arte fulminada
Sacrifício
Esplendor e declínio da rapadura
Fórmula de saudação
Discursos
Retiro espiritual
O colegial e a cidade
Certificados escolares
Adeus ao colégio
MOCIDADE SOLTA
A casa sem raiz
Dormir na Floresta
Dois fantasmas
Ninfas
Bar
Hino ao bonde
A hora final
Vigília
Presépio mecânico do Pipiripau
O não dançarino
Doidinhos
A difícil escolha
O grande filme
O lado de fora
Orquestra
Rebelião
O fim das coisas
Parceiros de Bach
O artista

Depravação de gosto
Graça feminina
As letras em jantar
Jornal falado no salão Vivacqua
A tentação de comprar
Três no café
Encontro
Oposição sistemática
Profissão: enterrado vivo
A visita do Rei
O passado presente
Plataforma política
Ode ao Partido Republicano Mineiro
Confeitaria suíça
A paraquedista
As moças da Escola de Aperfeiçoamento
Mulher eleitora
Carnaval e moças
Dificuldades do namoro
Praça da Liberdade sem amor
A ilha
Vitória
Estes crepúsculos
Companheiro
Parabéns
A consciência suja
Dia de flor
Final de história
O senhor diretor
Redator de plantão
Verbo e verba
O príncipe dos poetas
A língua e o fato

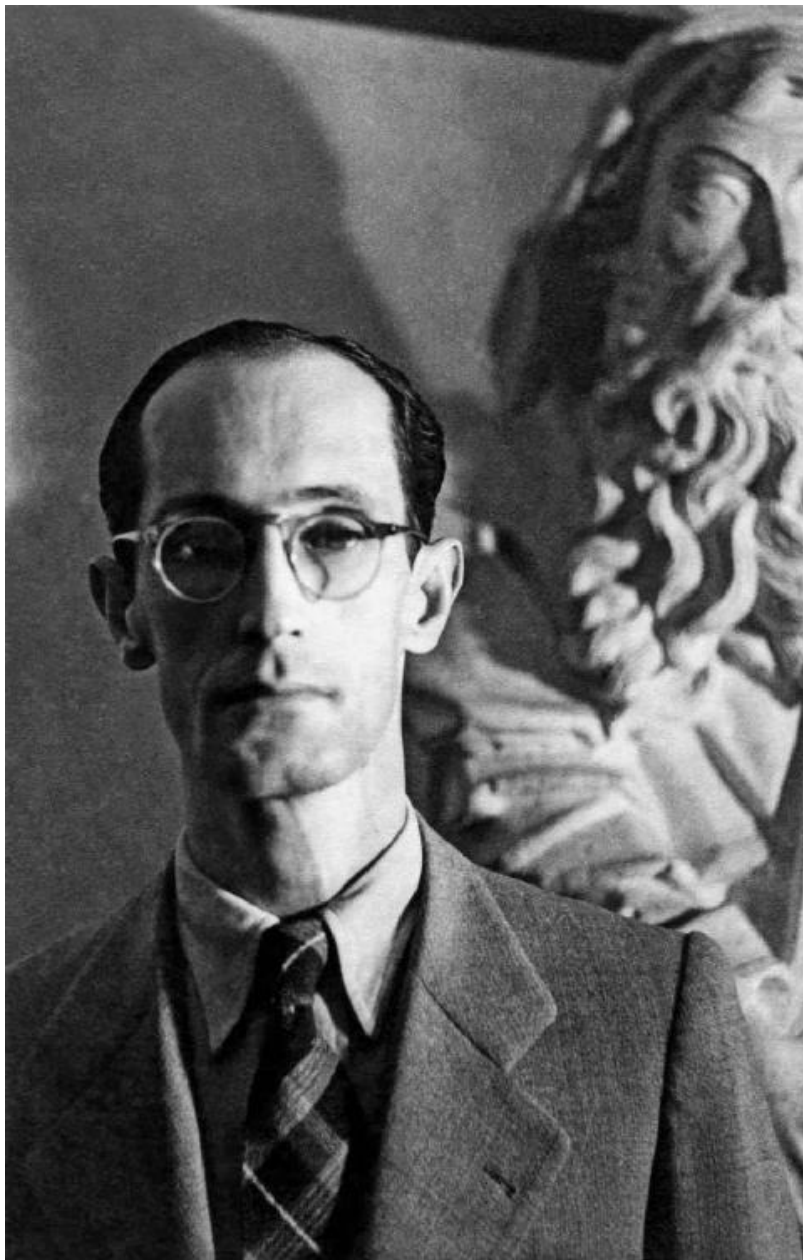
* Os títulos entre colchetes foram alterados nas edições posteriores pelo próprio poeta.

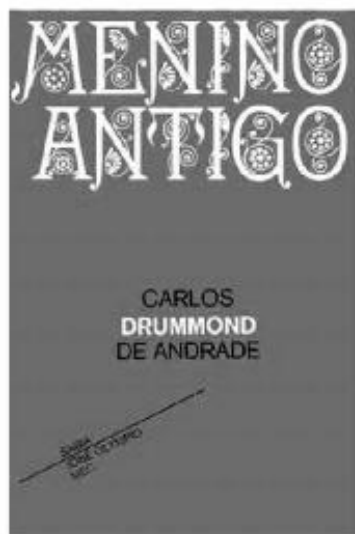
Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das Almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o "Poema de Itabira", de Villa-Lobos, a partir do seu poema "Viagem na família".
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras "Quase memórias", em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas "Imagens", no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoad*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de "Sabadoyle".
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa*, *José & outros*, *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, *Minas Gerais (Brasil, terra e alma)*, *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco*, *Menino antigo*, *La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita*, *Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.

- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo "O reino das palavras", pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.





1. Capas das primeiras edições de *Boitempo*, publicado originalmente em três volumes: *Boitempo & a falta que ama* (1968), *Menino antigo* (1973) e *Esquecer para lembrar* (1979).



2. Drummond, terceiro da esq. para a dir., com Gustavo Capanema, sentado a seu lado, em 1932.



3. Faixada do Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, onde Drummond conheceu alguns de seus melhores amigos, como Gustavo Capanema e Abgar Renault.

74

Collegio Anchieta

O Sr. *Carlos de Andrade* alumno de
9º anno mereceu no mez de *Jun a 1919* netas seguintes :

NOTA DE COMPORTAMENTO		APROVITAMENTO				
DISCIPLINAS		Nota	Opt.	Boa	Suf.	Insuf.
Religião		grão	10			
Portuguez		"		9		
Latin		"		8		
Françes.		"		9		
Inglez		"				
Allemae		"				
Arithmetica		"			5	
Algebra		"				
Geometria e Trigonometria		"				
Physica e Química		"				
Historia Natural		"				
<i>Psychiaphia</i>		"		9		
Historia Universal		"				
Historia do Brasil		"	10			

VALOR DAS NOTAS
 Optima — grão 10 || Sufficiente — grãos 5, 4
 Boa — grãos 9, 8, 7, 6 || Insufficiente — grãos 3, 2, 1, 0

Nova Friburgo, 20 de agosto de 1919

O Secretario
P. Fernando Adriano Lachet

4. Nota 9 em comportamento: boletim de Drummond no colégio Anchieta, em Nova Friburgo, do qual seria expulso no mesmo ano em consequência de um incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.



5. Dolores Dutra de Moraes em 1922, três anos antes de se casar com Drummond.



6. Bonde de Belo Horizonte, inspiração ao poema “Hino ao bonde”.



7. Drummond em 1935.



8. “Inconvicto escriba oficial”, como no poema “Redator de plantão”.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Retrato de Carlos Drummond de Andrade

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Menino Antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para Lembrar: Boitempo III*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979

2, 4, 5, 7 e 8.

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

3.

Arquivo Público Mineiro

6.

Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto/ Fundação Municipal de Cultura

Índice de títulos e primeiros versos

A Alfredo Duval
A banda guerreira
A casa sem raiz
A condenada
A consciência suja
A decadência do Ocidente
A difícil escolha
A hora final
A ilha
A lebre
A língua e o fato
A moça ferrada
A montanha pulverizada
A norma e o domingo
A paraquedista
A rua em mim
A separação das casas
A tentação de comprar
A visita do rei
Abrãozinho
Adeus ao colégio
Água-cor
Aniversário de João Pupini
Apontamentos
Arcebispo
Arte fulminada
Artistas adolescentes
As letras em jantar
As moças da Escola de Aperfeiçoamento
Aula de alemão
Aulas de francês
Aula de português
Banho
Bar
Caçada
Câmara Municipal
Campeonato de pão
Carnaval e moças
Caxerenguengue
Cemitério do Cruzeiro
Cemitério do Rosário
Censo industrial
Certificados escolares
Chegar à janela
Cobrinha
Começar bem o dia
Companheiro
Conclusão
Confeitaria suíça
Coqueiro de Batistinha
Correio
Cortesia
Craque
Cultura francesa
Curral do Conselho

Depravação de gosto
Deveres
Dia de flor
Dificuldades do namoro
Direito de fumar
Discursos
Doidinhos
Doido
Dois fantasmas
Dormir na Floresta
Dormitório
Ei, bexiga!
Encontro
Engate
Enigma
Espetáculo
Esplendor e declínio da rapadura
Estes crepúsculos
Estigmas
Estreia literária
Ferreiro
Figuras
Fim da casa paterna
Final de história
Flora mágica noturna
Forja
Fórmula de saudação
Gosto de terra
Graça feminina
Hino ao bonde
História trágica
Hortênsia
Imperador
Império mineiro
Imprensa
Inventor
Jornal falado no Salão Vivacqua
Lição de poupança
Livraria Alves
Lorena
Marcas de gado na alma
Mestre
Morte de noivo
Morto vivendo
Mrs. Cawley
Mulher eleitora
Música protegida
Ninfas
Noticiário vivo
O andar
O artista
O bom marido
O colegial e a cidade
O dia surge da água
O doce
O doutor ausente
O fim das coisas
O grande filme
O inglês da mina
O lado de fora

O melhor dos tempos
O não dançarino
O negócio bem sortido
O original e a cópia
O passado presente
O pequeno cofre de ferro
O príncipe dos poetas
O rato sem rabo
O relógio
O resto
O senhor diretor
O som da sineta
O visitante inábil
Ode ao Partido Republicano Mineiro
Ombro
Opa
Oposição sistemática
Oração da tarde
Ordem
Orgulho
Orquestra
Orquestra colegial
Os assassinos
Os charadistas
Os gloriosos
Os velhos
Paisagem descrita em jornal de 1910
Parabéns
Parceiro de Bach
Paredão
Parque municipal
Passeio geral
Pavão
Pedra natal
Pintura de forro
Plataforma política
Poder do perfume
Portão
Postos de honra
Praça da Liberdade sem amor
Presépio mecânico do Pípiripau
Primeira eleição
Primeiro automóvel
Primeiro dia
Primeiro poeta
Procissão do encontro
Profissão: enterrado vivo
Programa
Proibições
Punição
Rancho
Realidade
Rebelião
Recusa
Redator de plantão
Resistência
Resultado
Retiro espiritual
Ruas
Saber incompleto

Sacrifício
São Jorge na penumbra
Segundo dia
Serenata
Sessão de cinema
Sina
Sino
Somem canivetes
Suum cuique tribuere
Tantas fábricas
Telegrama
Tempo ao sol
Terapia ocupacional
Terceiro dia
Três no café
Turcos
Velhaco
Verbo e verba
Verso proibido
Vida vidinha
Vigília
Visita à casa de Tatá
Vitória

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro

sobre detalhe de *Paisagem de Tiradentes*, de Carlos Bracher, óleo sobre tela, 60 x 81 cm, 1963.

Coleção particular. Reprodução de Julio Hübner.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Angela das Neves

Huendel Viana

ISBN 978-85-438-0956-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhidasletras

instagram.com/companhidasletras

twitter.com/cialetras

70 HISTORINHAS CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS

70 historinhas

de Andrade, Carlos Drummond

9788543806945

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

A delicadeza, o humor, a observação sobre a vida cotidiana: tudo (e mais um pouco) neste luminoso conjunto de textos em prosa de Carlos Drummond de Andrade.

Lançado em 1978, 70 historinhas reúne a prosa já publicada por Drummond em outros livros. São crônicas e contos - ou "cronicontos" - em que a observação caminha junto com a fabulação, o humor roça cotovelos com o lirismo e a crítica aparece arejada pelo deboche. Treze das histórias deste livro têm crianças e adolescentes como personagens, sem que o autor se preste a infantilizá-las, pela paródia da linguagem ou pelo primarismo das ações. Pelo contrário, elas enfrentam, contestam e vencem, muitas vezes, os detentores da autoridade, com a inteligência e a argúcia a que recorrem para desafiar-lhes o poder. Mais um lance de gênio de um dos mais importantes autores brasileiros de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)

CLARO ENIGMA
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS

Claro enigma

Drummond de Andrade, Carlos

9788580861839

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado em 1951, Claro enigma representa um momento especial na obra de Drummond. Com uma dicção mais clássica, o poeta revisita formas que haviam sido abandonadas pelo Modernismo (como o soneto, modalidade que fora motivo de chacota entre as novas gerações literárias), afirma seu amor pela poesia de Dante e Camões e busca uma forma mais difícil, mas sem jamais abandonar o lirismo e a agudeza de sua melhor poesia.

O livro abre com a epígrafe do francês Paul Valéry, “Les evenements m'ennuient” (Os acontecimentos me entediam). Embora eloquente, a citação não corresponde perfeitamente à realidade, pois Drummond não vira completamente as costas para a vida mais pulsante. Pelo contrário: a experiência aparece em cada verso do livro, ainda que escamoteada por uma lírica que não se entrega ao fácil graças a uma visão algo desiludida do tempo e dos homens.

Mas há, claro, espaço para o lirismo do amor, como no célebre poema “Amar”, que começa com os versos: “Que pode uma criatura senão, / entre criaturas, amar?”. A lira romântica de Drummond está bem afinada neste livro, como pode ser comprovado pela leitura de poemas como “Rapto” e “Tarde de maio”. A mineiridade também é lembrada no livro, em poemas

vazados pela nostalgia ou que recontam episódios antigos da terra natal do autor.

Claro enigma também conta com “A máquina do mundo” - eleito o melhor poema brasileiro do século XX por um grupo de críticos e especialistas consultados pelo jornal Folha de S.Paulo. Escrito em tercetos, é simultaneamente uma meditação profunda e uma espécie de épica íntima sobre a passagem do tempo e o conhecimento da vida como acontecimento breve e muitas vezes fortuito. Um clássico.

[Compre agora e leia](#)

amós oz

MAIS DE UMA LUZ

fanatismo,
fé e convivência
no século XXI

COMPANHIA DAS LETRAS

Mais de uma luz

Oz, Amós

9788543809991

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em tempos conflituosos, nada mais urgente que a profundidade e a lucidez destes três novos ensaios de Amós Oz.

Com Mais de uma luz, o grande romancista Amós Oz se confirma também como um dos mais poderosos ensaístas da atualidade. O livro reúne três ensaios: no primeiro, Oz argumenta em defesa do debate e da diferença, retomando um dos temas que lhe são mais caros — a compreensão do que é fanatismo. Afinal, um fanático nunca entra num debate: se ele considera que algo é ruim, seu dever é liquidar imediatamente aquela abominação. No segundo ensaio, Oz tece uma belíssima reflexão sobre o judaísmo como eterno jogo de interpretação, reinterpretação, contrainterpretação. A fé nada teria a ver com a ideia de verdades eternas ou absolutas; o judaísmo, para Oz, é justamente a cultura do questionamento — e do debate.

O texto final discute a candente questão da convivência em uma das regiões mais disputadas do mundo. Oz propõe um diálogo com a esquerda pacifista, sugerindo que se abandone o sonho de um estado binacional como solução para os conflitos entre Israel e Palestina — a saída, para ele, estaria na existência de dois estados nacionais diferentes.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazin




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade.

Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)



LIMA BARRETO

TRISTE VISIONÁRIO

LILIA MORITZ SCHWARCZ



COMPANHIA DAS LETRAS

Lima Barreto

Schwarcz, Lilia Moritz

9788543809892

704 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em monumental biografia de Lima Barreto, Lilia Moritz Schwarcz investiga as origens, a trajetória e o destino do escritor carioca sob a ótica racial no Rio de Janeiro da Primeira República.

Durante mais de dez anos, Lilia Moritz Schwarcz mergulhou na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, com seu afiado olhar de antropóloga e historiadora, para realizar um perfil biográfico que abrangesse o corpo, a alma e os livros do escritor de Todos os Santos. Esta, que é a mais completa biografia de Lima Barreto desde o trabalho pioneiro de Francisco de Assis Barbosa, lançado em 1952, resulta da apaixonada intimidade de Schwarcz com o criador de Policarpo Quaresma — e de um olhar aguçado que busca compreender a trajetória do biografado a partir da questão racial, ainda pouco discutida nos trabalhos sobre sua vida. Abarcando a íntegra dos livros e publicações na imprensa, além dos diários e de outros papéis pessoais de Lima Barreto, muitos deles inéditos, a autora equilibra o rigor interpretativo demonstrado em *Brasil: Uma biografia* e *As barbas do imperador* com uma rara sensibilidade para as sutilezas que temperam as relações entre contexto biográfico e criação literária.

Escritor militante, como ele mesmo se definia, Lima Barreto professou ideias políticas e sociais à frente de seu tempo, com críticas contundentes ao racismo (que sentiu na própria pele) e outras mazelas crônicas da sociedade brasileira. Generosamente ilustrado com fotografias, manuscritos e outros documentos originais, Lima Barreto: Triste visionário presta um tributo essencial a um dos maiores prosadores da língua portuguesa de todos os tempos, ainda moderno quase um século depois de seu triste fim na pobreza, na doença e no esquecimento.

[Compre agora e leia](#)